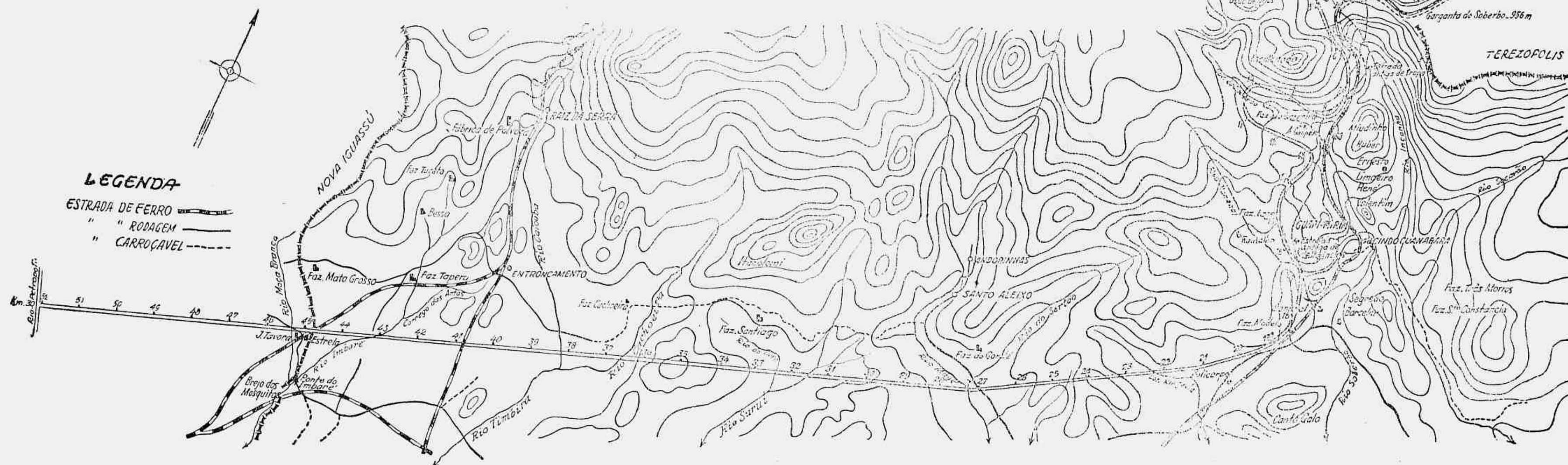


REVISTA DA SEMANA

N.º 20 — Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

15-5-48



[illegible]

A black and white photograph showing a dark, textured, irregular shape against a light background. The shape has jagged, torn edges and a grainy, mottled appearance, suggesting it might be a splash of dark liquid or a piece of torn material. The background is light and speckled with small dark dots.

tem apenas significação turística mas representa um benefício de caráter geral de vez que a subida da Serra do Mar via Petrópolis já não atende às exigências cada dia maiores do tráfego.

Outras estradas, que convergirão para a Rio-Petrópolis, estão sendo abertas e o próprio crescimento do tráfego aconselham a realização do oportuno empreendimento referido na planta que publicamos.

Há grande interesse em torno da iniciativa.

A abertura dêsse pequeno trecho rodoviário não

A lembrança que trouxe o dia de sol

HOJE este sol estilhaçante está me lembrando um lugarejo perto de Campinas. Talvez fossem as casas muito alvas que faziam o sol de lá parecer tão forte... Havia, sempre, uma grande claridade nas coisas, uma lucidez no ar polido. O verde das pastagens ascendia por colinas, ia perder-se em debruns azulíssimos de céus.

Ah! Riozinho das Cabras que estais tão longe, o dorso cheio de fagulhas de reflexos crus! Lembro-me de que era necessário atravessar a ponte rústica para chegar à casa das três velhinhas que enquadravam na única janela de bordas pintadas de azul os murchos rostos assentados sobre fichus de rendas negras. A primeira vez que lá fui visitá-las, levada por pessoa amiga, houve pequeno alvoroço no corredor que levava à saleta. Inicialmente, apareceu a empregada, mulatinha zarolha de ar sonso que a porta engoliu num passe de mágica. Ouvimo-la dizer alto, a voz ecoando nem se sabe em que remotos mundos, que «tinha duas moças lá na sala». Depois, muito depois, apareceu uma das velhas senhoritas, a se desculpar pela demora. Devíamos esperar um pouco pela maninha... E a caçula chegou, arcadinha, num trote miúdo, alvoroçando as coisas em torno, a voz como o tinir de uma colherinha de prata em xícara de porcelana.

— O mano! Ah! E' uma pena as senhoras não conhecerem o mano! O mano é um menino extraordinário. Dentista como não existe outro!

O rastro desse fabuloso mano ficara muito vivo no lugarejo pondo orgias de dentes de ouro nas gengivas caboclas. Fôra para São Paulo, antes da nossa chegada, levando grande féria de obturações, extrações e dentaduras.

— Mana, é melhor dizer à mamãe que as moças estão aí...

Santo Deus, ainda teriam mãe as duas velhinhas amarfanhadas como as sêdas dos guardados antiquíssimos?

Entretanto, a terceira graça não tardou. Não parecia mais antiga que as outras. Era gordinha e pequena, possuidora de mãos miúdas, perenemente espantadas.

— Mostro para as moças?

Olhava as filhas com arzinho matreiro.

— Sim, mamãe, pode ir buscar. Já sabe onde está guardada.

Dó ré mi fá sol lá si... os pezinhos lá foram pelo corredor. Toque, toque, toque... Voltaram em escala descendente — si lá sol fá mi ré dó... e a mamãe novamente entrou na sala trazendo um estojo vermelho, carregado ao nível dos olhos maliciosos.

Então as filhas explicaram que a mamãe sempre sonhara com uma dentadura, coitada! E o mano, competente como as senhoras nem imaginam, fizera aquela que não lhe cabia na boca. Mas não era linda, mesmo, de se ver?

A velhinha abriu a caixa encarnada, e duas fileiras de risinhos e silenciosos dentes apareceram.

Lembro-me de que constatei, intensamente, as paredes azuis, as «brise-brise» de filó da janela, a moringa de barro tão cabocla sob o chale de crochê, procurando um ponto de referência com aquele tumultuoso ano de guerra desencadeada. Aquilo era fabulação... Mas as velhinhas continuavam a acontecer, à minha frente, certinhas e maravilhosas. Os dentes prosseguiram na muda risada, instalados no côncavo das mãos estendidas. Embora não habitassem a boca, embora nela sobrassem, não eram um eloquente atestado da perícia daquele mano e filho em função do qual viviam as três mulheres?

— Não é mesmo linda?

Lá ficaram na saletinha azul, dentro do dia estilhaçante de luz, as três adoráveis sombras pretas. Lá ficaram com essa imutabilidade dos que têm coração de mais e por isso tornam-se como ilhas de passado que a voragem do tempo não move e não cobre...

HELENA SILVEIRA

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

LEIAM

COLABORAÇÃO

A lembrança que trouxe o dia de sol (Helena Silveira) 3

REPORTAGENS

O assombroso pátio dos milagres de Belo Horizonte (Milton Pedrosa) ... 6/11
O grande solitário da Índia (John Dobson-Wither) 12/14
A "Comédie Française" descobriu o segredo da eternidade (Ruggero Jacobbi) 29/33
Da Europa à Palestina em doze meses (Zig Warschavsky) 37/40
Ecos do Grande Prêmio "S. Paulo" .. 22
A nova sede e as realizações do SENAC 27/28

CONTOS

Coração de corunilha (Thereza de Almeida) 15
Os olhos de Bill (William March) ... 16/17
Galinha de procissão (Miroel da Silveira) 18
Meu nome é Arão (William Saroyan) 34/35

CINEMA

Maria Della Costa em um filme esportivo 28

BIOGRAFIA

A vida de Jonathan Swift 36

TEATRO

Debates sobre uma peça 19
A reencarnação de D. João VI 23/25

CARICATURA

Bom humor 20/21

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 4
O mundo marcha 5
Gente de rádio 41
Vida literária 42
Música 53
Cancioneiro internacional 52

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (Kitty) 43
Modas 44/51
A personalidade da semana 47
O espírito feminino através dos tempos 48
Mães e filhos 49
Muro das lamentações 50
Week-end na cozinha 51
Pelas estradas do céu 56

ILUSTRAÇÕES

Orlando Matos
Ana Zagorska
R. de Laet
Luis Canabrava

NOSSA CAPA

Figura hoje na capa da REVISTA DA SEMANA a lindíssima Adele Jergens, da Columbia, uma das mais belas e elegantes «estrelas» de Hollywood. Dona de uma boa dose de talento, miss Jergens conseguiu em pouquíssimo tempo alcançar o tão invejado estrelato, ambição máxima de todos os que lutam por um lugar em Hollywood. Em «Aladin e a princesa de Bagdad» Adele brilhou, pela sua beleza, ao lado de Cornell Wilde e Evelyn Keyes. Breve a veremos novamente em nossas telas, em «She wouldn't say yes», ao lado de Lee Bowman e Rosalind Russell.



a Semana em Revista

O TABELAMENTO DOS CINEMAS, TINTURARIAS, COLÉGIOS, ETC.



Em memorável decisão, tomada na semana passada, por nove votos contra um, — maioria na verdade esmagadora, — o Supremo Tribunal Federal reconheceu que é cabível e legal a intervenção do poder público no sentido de estabelecer um preço teto para determinadas utilidades, inclusive para as tabelas de tinturarias, ingressos de cinemas, mensalidades de colégios etc. A autoridade das comissões de preços, destinadas a controlar o custo da vida e a evitar a elevação artificial do mesmo, por obra das especulações comerciais que visam o lucro excessivo, criminoso, mesmo, em lugar de uma retribuição legítima ao capital e ao trabalho, havia sido contestada por elementos interessados, que foram a juízo, reclamar a manifestação do poder judiciário a respeito do assunto. A decisão do Supremo Tribunal Federal repôs no seu verdadeiro lugar a questão. O que o governo vem fazendo é legal, é constitucional, é jurídico. Os velhos con-

ceitos do liberalismo econômico, que permitia ao capital exercer um predomínio tirânico, esmagando os indivíduos financeiramente fracos e expondo-os a toda sorte de explorações, pertencem ao passado, morreram no século XIX, embora teimem em persistir em países que não atingiram um grau de evolução social superior. O que predomina, hoje em dia, é o conceito de que o capital deve sofrer as limitações justas e legítimas, que lhe atenuem a influência abusiva, o excesso de poder, em benefício de interesses coletivos que não podem, nem devem, ser ignorados. Em emergências graves, como o momento em que vivemos, situados dentro do quadro de uma crise econômica mundial às voltas com a mais vergastosa inflação que conhecemos em toda a nossa história, não é possível ao governo realizar alguma coisa no sentido de paralisar o ritmo ascendente do custo da vida e preservar o poder aquisitivo da moeda sem a autoridade para impor preços-tetos às utilidades, em geral. Isso está incluído na nossa Carta Constitucional, entre as prerrogativas do Estado, no sentido da repressão aos abusos do poder econômico. E o Supremo Tribunal não fez, senão, esclarecer a respeito, os teimosos contestadores que desafiaram a autoridade pública.

O DRAMA DE UMA PEQUENA NAÇÃO



O drama da Grécia é particularmente pungente. Essa pequena nação, — sim, do ponto de vista atual, segundo o critério geopolítico, a Grécia não é senão uma pequena nação, gota d'água no oceano borrasco da Europa, — que já iluminou o mundo com as fulgurações do seu gênio e o valor dos seus guerreiros, está sendo há muitos meses teatro do mais cruel, mais doloroso, mais terrível drama da história contemporânea. A Europa está dividida, hoje, em dois mundos diferentes, em dois campos adversos, em dois partidos hostis. Há nações que pendem para este lado e há nações que pendem para aquele. Não, porém, a Grécia, que, na verdade, está dividida em duas metades, separada ao meio, cortada pelo eixo da discórdia, da intolerância, do preconceito político. Não há outra nação que mais padeça, hoje, em dia, do que a Grécia, campo em que ingleses e russos, comunistas e monarquistas, camponeses e aristocratas, plantam e cultivam sementeiras de ódio, regadas a sangue humano. Tendo sofrido horrores durante a guerra, — invasão, bombardeios, saque, mortes, devastações, ocupação inimiga, — a Grécia é, de todos os países europeus, o que menos tem podido curar suas tremendas cicatrizes e recuperar as energias perdidas. Ali não há restauração, não se sabe o que é recuperação, nem tranquilidade, paz ou segurança.

Um rei várias vezes omisso reapossou-se de um trono que deixara de existir, apertado para passá-lo a um irmão, poucos meses depois. O fermento anti-monarquista tomou corpo e os comunistas começaram a explorá-lo, com enorme habilidade, com as costas quentes pelo jogo do Kremlin do mesmo modo que os monarquistas as tinham pelas irradiações do n. 10 de Downing Street e do Buckingham Palace. Da propaganda, exercendo o governo uma repressão violentíssima, com fuzilamentos em massa dos vencidos que eram capturados ou tinham a ingenuidade de confiar na clemência real. Por fim, houve o atentado pessoal contra o ministro da Justiça, sr. Ladas, contra quem um exaltado atirou três granadas de mão, ferindo-o mortalmente. A esse ato de violência, resposta a outros atos de violência, — os fuzilamentos em massa, — respondeu o governo com mais violência, ou seja, com uma nova série de fuzilamentos, abreviando o fim dos que já estavam presos, a espera de solução dos seus pedidos de clemência ou... da morte, no caso de serem rejeitados, como tantos foram. Assim, vai-se abismando a Grécia, cada vez mais, na terrível luta fratricida, sangrando, definhando, morrendo, vítima da intolerância e da ausência de espírito democrático, em um como em outro grupo. A Inglaterra, amiga do rei, e a Rússia, que estimula os guerreiros, estão à distância, tranquilas, assistindo ao triste espetáculo, contemplando de longe as colunas de fumo que se elevam das tristes e desoladas ruínas da pobre nação helênica...

O BIRIBA, PERSONAGEM ONIPRESENTE E ONISCIENTE...



O Biriba tomou conta da cidade em poucos dias. Poucas vezes uma campanha de publicidade terá sido desencadeada com tanto êxito. O Biriba está aqui... Quem será o Biriba... Com certeza foi o Biriba, — comentava toda gente. E as anedotas começaram a surgir, anedotas que assemelhavam o Biriba ao diabo, ao endiabrado Puck do "Sonho de uma noite de verão" de Shakespeare, ao Pequeno Polegar dos contos de fadas, ao amigo da onça, ao Bonifácio, ao Benedito, ao Brederodes e outras personalidades mais ou menos ilustres. Popularíssimo, passou a ser responsável pelas coisas de que não se conheciam os autores e o solucionador dos problemas que ninguém tinha capacidade de resolver. Era deixar com o Biriba, que ele tomava conta... Ao fim desse delírio biribista, surgiu no palco do Rival, com Mesquitinha, a comédia "O Biriba", de um autor popular, o sr. Armando Gonzaga, e no Recreio a revista "Biriba tá lá", com a impagável Percy Gonçalves, "estrela" que tem inegável talento, embora quase sempre "imprópria para menores"... A essa altura, quebrou-se o encanto, foi-se a magia... Surgiu, afinal, o segredo de toda aquela onda de publicidade, puxava-se a palha de dentro do boneco: "O Biriba" não era, senão, uma nova publicação

infantil, baseada em "comic stripes" norte-americanos... Essa revista, pertencente à cadeia de publicações de "O Globo", logo de início ameaçou as empresas teatrais de impedir o uso do nome "Biriba", cuja propriedade registrara, mas não levou adiante a exigência, mesmo porque, se o fizesse, estaria cortando uma fonte de publicidade gratuita e ferindo, "ipso facto", os seus próprios interesses. Tudo não passou, assim, de um inofensivo arreganho. A essa altura, surgiu um repórter malicioso, no "Diário da Noite", e esse repórter provou que o famoso Biriba, em vez de ser uma novidade, era uma velharia... Sim, já existiu, no Rio, um jornalzinho satírico, cheio de pilhérias e ironias, visando a pessoa de um presidente da República com melhor situação nos nossos quadros históricos: o velho paulista Prudente de Moraes, que presidiu a Assembléia Constituinte de 1891, que sucedeu a Floriano Peixoto e que levou a cabo a magna tarefa da pacificação dos brasileiros, através de um acordo com os insurretos e de uma anistia geral. O velho Biriba dos primeiros tempos da República nada tinha de satânico, de endiabrado ou de agressivo. Era um homem manso e bom, honrado e digno. Entrou para o governo da República pobre e dele saiu sem fortuna, sem gado em estâncias para marcar. Biriba era austero e barbado, circunspecto, grave, sem nada que possa confundir-lo com o Biriba inquieto, onisciente e onipresente da atualidade. Em todo caso, serve para mostrar que já houve Biribas antes deste... e para mostrar, também, que há Biribas e Biribas... Se não sabiam, fiquem sabendo...

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHAES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 20 — 15-5-48

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00
O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5809
Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.
EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1589 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



COMPREENDA-SE este mundo! O general George Marshall, secretário de Estado dos Estados Unidos, país que é o campeão do bloco anti-russo e da luta anti-comunista declarou que o seu país é contra a saída da Rússia da ONU e que essa decisão enfraqueceria a posição da pátria de Tio Sam... Ao mesmo tempo, falando em Washington, o presidente Harry S. Truman declarou que os Estados Unidos estão "no caminho da paz, embora essa estrada, no presente, seja tortuosa e difícil de ser trilhada". Com certeza, o eminente estadista se refere à paz armada, com a bomba atômica como contrapêso... Na França, uma importante decisão foi tomada pelo Tribunal de Expurgo, que inocentou o general Maxime Weygand, antigo ministro de Vichy, da pecha de colaboracionista... Dizia-se terem sido descobertos documentos que provam ter sido o almirante François Darlan impedido de ceder as bases do Norte da África aos alemães por interferência energética de Weygand. Darlan cedeu essas bases aos americanos, algum tempo depois. Parece que o almirante, como certas donzelas impacientes, o que queria era ceder, fosse a quem fosse... Realiza-se um Congresso científico da Europa Unida, sob a presidência de Winston S. Churchill, que foi à cidade de Haia, na Holanda, especialmente para presidi-lo. Diz um telegrama da Associated Press, transmitido de Washington, que os Estados Unidos estão profundamente empenhados em ampliar seu poderio aéreo. O Senado Americano aprovou um crédito de três bilhões de dólares, para a organização imediata de setenta grupos de aviação. E aprovou essa medida por 72 votos contra 2, — quase que a absoluta unanimidade. No Brasil, o brigadeiro Armando de Melo Ararigóia está sentindo cheiro de sangue e, ao assumir o comando da Terceira Zona Aérea, proferiu um discurso no qual disse a seus colegas que não devem alimentar ilusões sobre a luta que os espera. E acrescentou: "Esta hora inquietante da humanidade, quando o vento frio das estepes russas sopra riço por sobre a Europa, chegando até as plagas da América o efeito sinistro das doutrinas que ele espalha, constitui para nós outros militares, que empenhamos nosso juramento na defesa das instituições e portanto, da pátria e da família, um momento de vigília permanente, para que não sejamos surpreendidos pelos golpes da traição e da insidia, como o foram nossos desditos camaradas de armas em 1935, muitos deles assassinados friamente quando dormiam ou palestravam com seus colegas. E' indiscutível que atravessamos um momento crucial, no qual o mundo se divide em dois campos opostos e bem delimitados, exigindo de todos, sobretudo dos militares, uma clara, iniludível e precisa definição de atitude. Infelizmente, porém, a maioria dos que se abrigam sob a bandeira vermelha, orientados pelos dogmas da traição e do princípio de que os fins justificam os meios, não têm a coragem moral de proclamar a sua crença, preferindo agir na sombra e seguir o exemplo do discípulo que trahi o Divino Mestre. Os recentes acontecimentos de Bogotá constituem um sinal de alerta, e os ensinamentos que podem ser tirados dos fatos dolorosos ali desenrolados exigem um redobro de vigilância e um cuidado todo especial para evitar que os partidários do credo de Moscou transformem o significado de qualquer ocorrência em benefício próprio, mudando-lhe o sentido e explorando a sensibilidade das massas com a apresentação do acontecido sob o ângulo de suas conveniências. Não devemos ter ilusões sobre a crueza da luta que nos espera, dia mais ou dia menos, pois ela vai decidir dos rumos que tomará nossa Pátria, a liberdade ou a escravidão, a vida dentro dos princípios da verdadeira democracia ou sujeição às correntes de ferro do totalitarismo vermelho. Para felicidade nossa e das gerações vindouras, o governo está alerta e conta à frente de seus destinos com o soldado sem mácula que soube compreender a gravidade do momento e tudo fará para vencer a batalha que se avizinha. Coesos e unidos em torno de nossos chefes, que têm os olhos voltados somente para a grandeza e a felicidade do Brasil, saibamos cumprir o nosso dever". Um vereador comunista, eleito sob a legenda do Partido Libertador, em Niterói, foi "chacoalhado" de tal modo pelos seus companheiros, por vir mantendo uma conduta "pequeno-burguesa" na Câmara Municipal que resolveu tentar o suicídio. Chama-se Teodorico Francisco Vieira e estava passando bem, no Hospital Santa Cruz, em Niterói, onde foi recolhido. Na mesma cidade, depois de posto em liberdade, pela polícia fluminense, após uma prisão "para averiguações", outro comunista, Narciso Teixeira de Moraes, atentou contra a vida, atirando-se sob as rodas de um automóvel e sendo levado, em estado gravíssimo, para o Pronto Socorro. Esse também certamente foi "chacoalhado" e é fácil perceber, até que ponto... Assim, estão os comunistas de Niterói entre dois fogos: uns são presos por ter e outros por não ter cão... Mais um crime brutal dos automobilistas sempre impunes, — e dos mais impunes, usados de todos, os que trafegam em carros de chapa oficial: a camionete 8-76-25, do Ministério da Aeronáutica, dirigida pelo terceiro sargento José Dionísio dos Santos, colheu em cima do passeio, onde brincavam, os menores Waldelina Alves de Oliveira, Sebastião Alves de Oliveira e Marlene da Silva Souza, — matando instantaneamente o garoto e ferindo as duas meninas... Aliás, os jornais continuam cheios de notícias de acidentes, os legisladores não reformam as leis penais e a polícia do tráfego continua dispendente... Uma das últimas novidades foi a colocação de luzes do tráfego em locais de frequentes desastres, como a Avenida Oswaldo Cruz, em Botafogo, e a rua Marechal Mascarenhas de Moraes, mas essas sinais ficam sempre na luz amarela, sem serventia alguma, enquanto os autos por ali passam correndo desabaladamente... Os "comandos" sanitários desapareceram do centro da cidade, deixando em paz, inclusive, várias casas reincentes, que bem podiam ser revisitas. Uma notícia curiosa, para o público é a do fechamento do tradicional restaurante Tourist, que passava por ser muito limpo e onde os fregueses geralmente pagavam os pratos que vinham estragados, porque era impossível discutir com eles... Ali comia frequentemente o sr. Nereu Ramos, vice-presidente da República. Reveladas as sujeiras do Tourist, o dono fechou-o. Não porque estivesse envergonhado, mas porque estava rico. Póde de rico, tão pódre como algumas de suas comidas... Atuando na zona sul, os "comandos" inspecionaram os seguintes estabelecimentos: "Bar Flórida", à rua Bolívar, 38: autuado por falta de asseio e por conservar alimentos expostos; "Café e Bar Paraiso do Leblon", à Av. Ataulfo de Paiva, 994: autuado por conservar alimentos expostos e intimidado; "Café e Leitaria Leblon", à Av. Ataulfo de Paiva, 1025: considerado em regulares condições de higiene; "Café", da rua Teixeira de Melo, 60, em Ipanema, visitado pela sexta vez e, agora punido com mais dois autos de infração por falta de asseio e por conservar gêneros alimentícios deteriorados. As autoridades verificaram, com surpresa, que o proprietário desse último estabelecimento, já tendo sido autuado cinco vezes nas visitas anteriores, resolvera espontaneamente, interditar a seção de restaurante a fim de fazer as obras exigidas pelas intimações. Parece que os cinemas vão se tornar mais baratos, em razão da decisão do Supremo Tribunal Federal, comentada nesta edição, em tópico de "A Semana em Revista". O tabelamento foi considerado legítimo. E, por falar nisso, era esta a tabela que estava vigorando antes da insurreição dos exibidores de filmes: Cinemas de classe A — Cr\$ 6,00 — Metro Copacabana, Metro Passelo, Metro Tijuca, Palácio, Vitória, Plaza, Parisienne, Pathé (este inicialmente incluído na classe B), São Luis, Rian e Carioca; cinemas de classe B — Cr\$ 4,80 — Roxy, Astória, Olinda, América, Império, Odeon, São Carlos, Rex e outros; cinemas da classe C — Cr\$ 3,30 — Ipanema, Ritz, Colonial, etc.; cinemas de classe D — Cr\$ 2,20 — Americano, Moderno, Lapa, Popular, etc.; Cineac — Cr\$ 3,30. Com a insurreição, alguns cinemas passaram a cobrar em alguns casos, até 100% acima do tabelamento. Como é? Vamos dar "última forma" nisso? Que diabo! O carioca tem direito de se divertir com um bom filme (coisa hoje rara) onde se aborrecer com um mau filme (o que é muito frequente...) a preços ao alcance de sua parca bolsa... Falamos de cinema. E falemos agora de teatro: novas estrelas se anunciam, uma a de "Dono do Mundo", comédia de Genolino Amado, com Dulcina Odilon, e outra a comédia histórica "Carlota Joaquina", de R. Magalhães Junior, com Jayme Costa e Heloisa Helena. "Medeia", de Eurípedes, com a senhora Henriette Morineau, revela-nos o que é o teatro clássico, na mais nobre de suas formas. — a tragédia. E Sandro Polônio prepara "Tobacco Road" (Estrada do rabacal), para depois de "Anjo Negro", com Italia Fausta, Maria Della Costa, Saddy Cabral e outros. E, por hoje é só... Até sábado vindouro, dia de festa aqui em casa, pois a REVISTA DA SEMANA, que nasceu com o século, para refletir o século, completa 48 primaveras...

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**



REVISTA DA SEMANA

e sua edição especial de aniversário

Entrando em uma nova etapa de sua existência, **REVISTA DA SEMANA**, a mais antiga publicação semanal ilustrada do Brasil, apresentará, na semana vindoura, sua

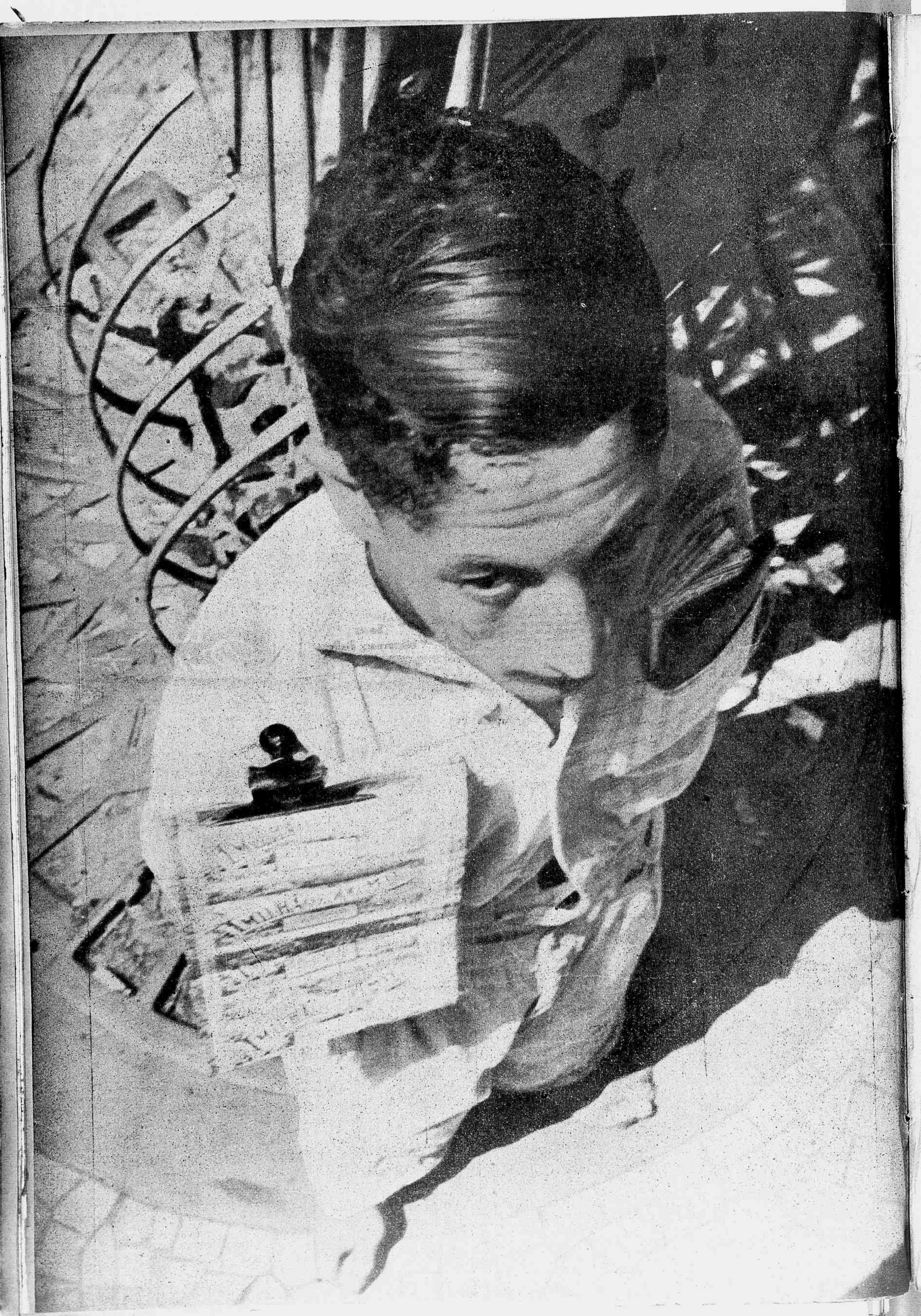
EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO

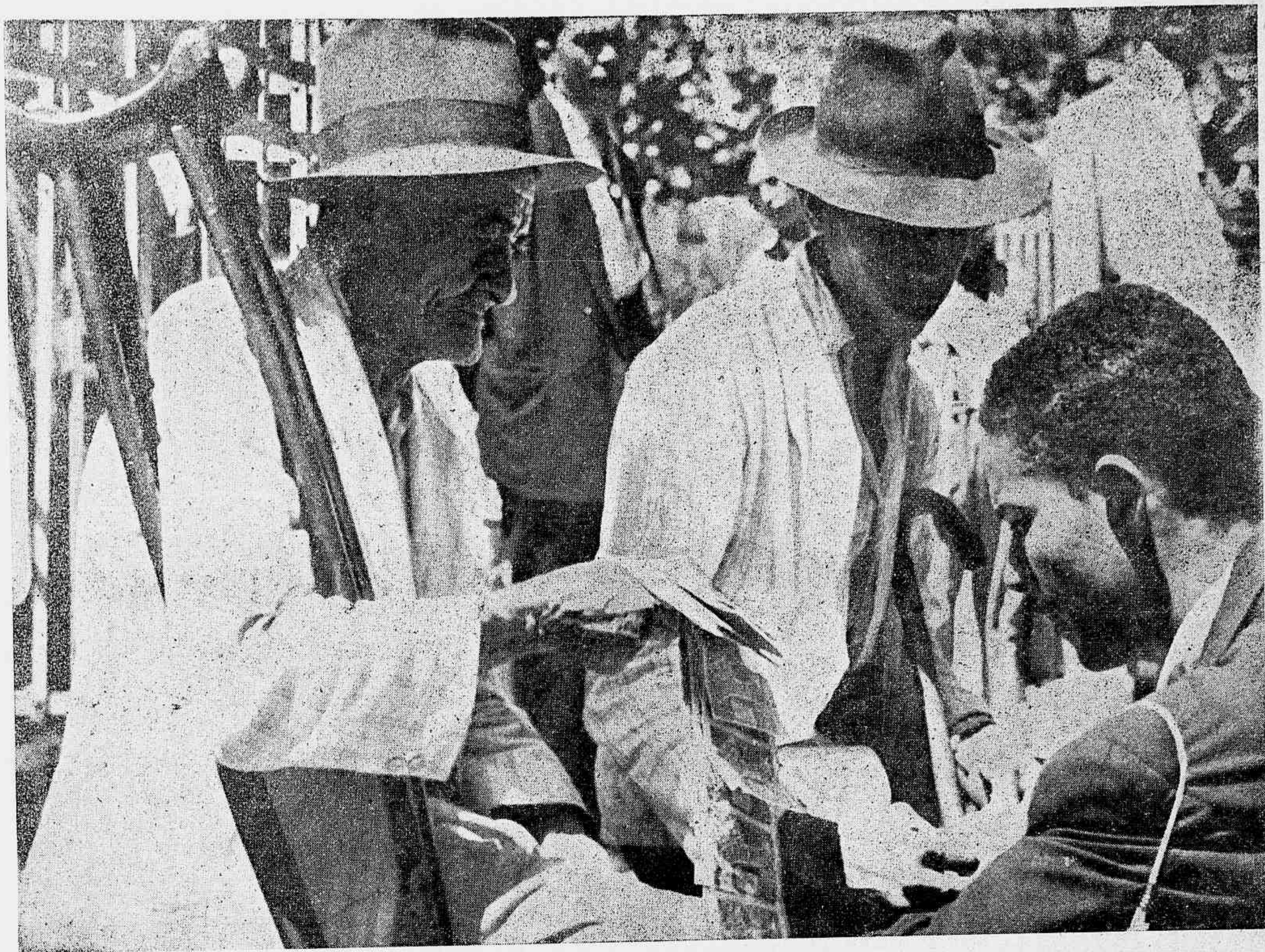
com colaboração especial de

VIRIATO CORRÊA
RUGGERO JACOBBI
LUCIA BENEDETTI
OLGA OBRY
VASCONCELLOS MAIA
RUTH GUIMARÃES
SARAH MARQUES

SENSACIONAIS REPORTAGENS de **Claudio Tuiuty Tavares** e outros.

CONTOS de **Arthur Schnitzler, Julio Denis, F. Hugh Herbert**, etc. Cr\$ 5,00, em todo o Brasil — Reserve desde já um exemplar com o seu jornaleiro.





Em cima: três inválidos trocando idéias sobre seus bilhetes. O do meio é um paraplégico que foi ao padre Pinto, em Urucânia, quando era moda, e voltou na mesma.

O ASSOMBROSO PÁTIO DOS MILAGRES DE BELO HORIZONTE

FARRAPOS HUMANOS QUE NÃO ENTREGAM OS PONTOS... — PSICOLOGIA DO COMPRADOR E DO VENDEDOR DE BILHETES — FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS OBRIGADOS A BISCATEAR — A ENGRENAGEM DA LOTE-
RIA — O ESTADO PROMOVE O JÓGO...

Reportagem de MILTON PEDROSA



Fotos de AUGUSTO CARDOSO

(Especialmente para REVISTA DA SEMANA)

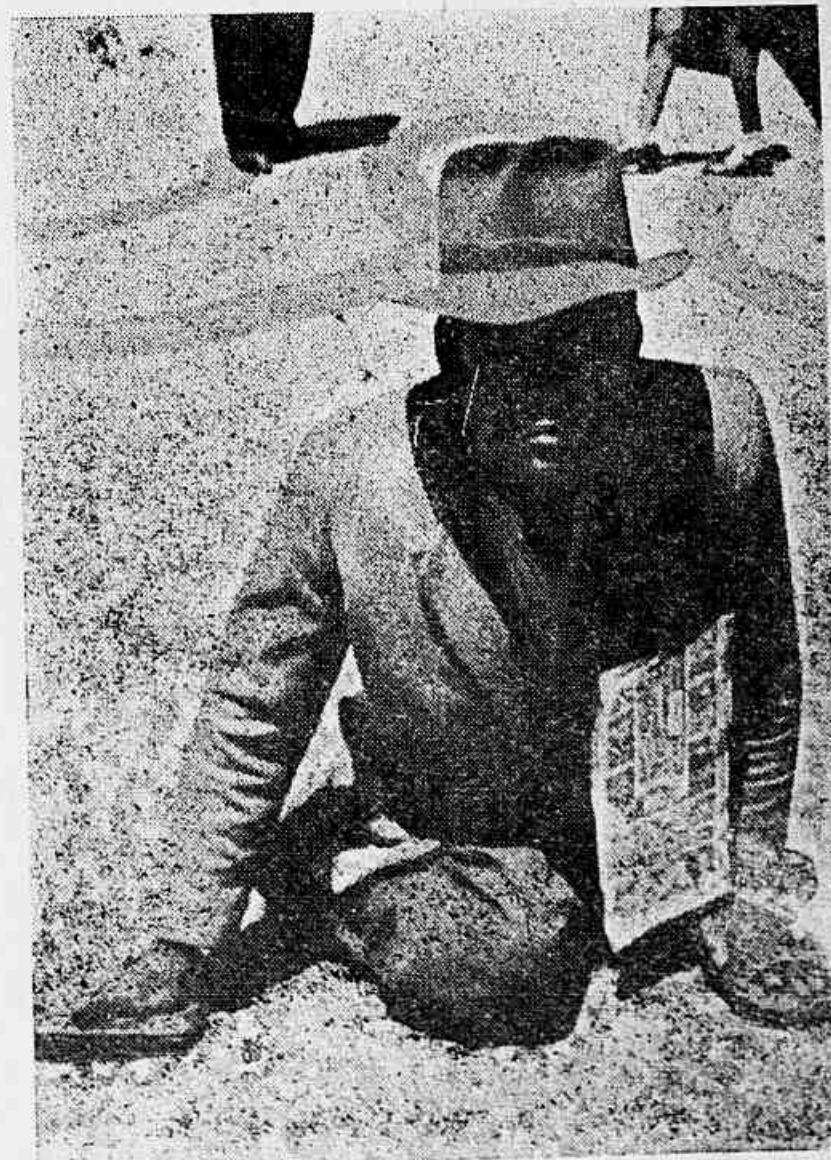
A O cuidar desta reportagem eu pensava inicialmente em escrever apenas sobre os «homens que não entregam os pontos». Eles são muitos e dão a Belo Horizonte um aspecto que nenhuma outra cidade possui. Não são bonitos homens e não há entre eles «gostosos». Oh! perdoai-me a expressão, que poderei achar vulgar, mas estou falando do povo e, portanto, deixai-me empregá-la. Além disso, consultei um bom dicionário que aqui tenho à mão e encontro que «gostoso é o que dá gosto, que revela prazer», e verifico então que, de fato, o adjetivo não calha, muito menos no aumentativo. Os «homens que não entregam os pontos» são feios homens, às vezes restos humanos, muitos têm o atrativo apenas das coisas feias. Mas deixai-me falar deles, pois que eles têm algo que é um exemplo de dignidade e respeito humano: essa resistência a descer à mendicância ostensiva; esse espírito de luta que faz com que sejam, na realidade, os «homens que não entregam os pontos».

Isso é o que ainda faz com que lutem eles pelo pão de cada dia. Daí ter eu que vos falar de seu ganha-pão e não falar só deles e, sim, daquilo de onde eles tiram o seu sustento. O que farei a partir do próximo parágrafo.

OLHA A SORTE! OLHA A SORTE!

«Os homens que não entregam os pontos» fazem parte de uma vasta engrenagem criada pela indústria

da loteria na capital mineira, com suas bancas, seus revendedores e seus cambistas. São cerca de três mil homens (o cálculo é aproximado, pois o número certo é difícil de se obter, devido ao contínuo movimento de entrada e saída de cambistas) que vivem de vender bilhetes de loteria em Belo Horizonte. A impressão inicial de quem chega à capital mineira é que metade da população vive de vender e a outra metade de comprar a sorte. Evidentemente, é exagero e vemos que o número dos que vendem loteria não atinge um por cento. Tal impressão é causada pela concentração dos cambistas e revendedores em determinados trechos e ruas da cidade, justamente os mais movimentados. Nos referidos trechos, literalmente, não podereis dar um passo sem serdes abordado por alguma tentadora oferta de ganhar milhões por alguns cruzeiros. Cada cambista tem o seu jeito, o seu modo de tentar o freguês. Um chega apressado ao vosso lado, são oito horas da manhã, a loteria correrá daqui a cinco ou seis dias, mas ele vos oferecerá o último bilhete ou a última «tirinha», conforme a vossa cara, o vosso aspecto ou o vosso terno de roupa. Um segundo vos mostrará um bilhete que começa em 13 e em 13 acaba. Outro perguntará delicadamente: «O senhor não aceitará um bilhete para hoje?». Um quarto vos dirá: «Eis aqui o premiado». Há um que chega afobado e vos oferece: «É o último; resolve logo, estou com pressa»; e, ante a negativa, continua, mesmo apressado, o seu caminho. Há aquele velho, cuja pátria não conseguireis saber, que



Na página à esquerda: este homem é um aleijão de um metro de altura. Não tem braços. Usa os pés como se fossem mãos. Exercer melhor com o pé do que alguns dos nossos bacharéis, com as mãos. À direita: o contrário, — um homem que usa as mãos como se fossem pés, para locomover-se, por falta dos membros inferiores. Ambos são vendedores de bilhetes do assombroso Pátio dos Milagres de Belo Horizonte.



oferece num francês todo seu: «Voulez-vous la sorte?», e se puxais conversa com ele, falar-vos-á em francês, em italiano; contar-vos-á que foi marinheiro, percorreu o mundo, foi estivador, mas oh! foi nos tempos de moço e o tempo passa...

A ENGRENAGEM DA LOTERIA

Na cabeça de tudo estão as bancas. Não: o governo com as suas loterias, através de seus concessionários, sujeitos gordos, sadios, esses sim, verdadeiros gostosões. Depois as bancas. Em seguida, algumas dezenas de revendedores e, por último, os cambistas (na capital mineira, cerca de três milhares, pobres em geral, entre os quais aleijados, a grande maioria, grande número de funcionários aposentados ou na ativa, contínuos, ascensoristas, serventes, agentes de polícia, investigadores, etc.). As vezes aparecem rapazes que vendem bilhetes durante um, dois, três ou mais dias e, de repente, desaparecem. São recém-chegados à cidade que, sem outros meios, necessitam ganhar alguns níqueis. Dirigem-se a alguma banca, explicam o seu caso, recebem dois ou três bilhetes e vão vendê-los. Logo, porém, que arranjam outra preocupação, abandonam o emprego de emergência.

Os revendedores são algumas dezenas. Recebem os bilhetes das bancas, mediante uma comissão, e os entregam aos cambistas, pagando menor comissão e ganhando a diferença. Um revendedor controla de 20 a 50 cambistas. São eles os verdadeiros controladores. Muitos enriquecem. Podemos vê-los percorrendo os seus «pontos» num carro ou numa bicicleta, passando à hora certa no lugar onde os cambistas lhes prestam contas.

Um bom cambista, dos que pagam licença (porque os há clandestinos), vende de 15 a 20 bilhetes por extração. Em Belo Horizonte, onde se vende também a loteria estadual, os resultados são dados quatro vezes na semana. E acontecem coisas! Assim, alguns cambistas têm tirado fortunas, mas as têm, principalmente, vendido, pois Belo Horizonte é uma cidade onde muita gente tem ganho fortunas por esse processo. Naturalmente, outros as têm perdido...

FUNCIONARIOS PUBLICOS TAMBEM SAO CAMBISTAS

Já vos disse que muitos funcionários, «tiras», contínuos, serventes, ascensoristas procuram um «bico» na venda de bilhetes. Um deles, cujo nome aqui não vai porque não queremos prejudicá-lo, explica-me que ganha 570 cruzeiros mensais e paga 376 cruzeiros de aluguel do barracão onde mora com a mulher e dois filhos. Como sustentá-los, principalmente agora que o pagamento do funcionalismo anda atrasado? Conta-me que procura vender os seus bilhetes nas horas de serviço. Consegue uma média de 14 cruzeiros em cada extração. E' isso que lhe cabe de comissão. Por semana são quatro extrações, no total de 56 cruzeiros. Durante o mês, mais ou menos 220 cruzeiros. Quando conversei com ele, me disse: «Hoje ganhei 11 cruzeiros. Minha mulher veio trazer-me a marmita e lhe dei dez cruzeiros para as despesas de amanhã».

As vezes os cambistas dão sorte ao freguês. Mas continuam na mesma. Outro contou-me que, em 1935, nos últimos minutos de uma extração, encontrava-se ainda com uma «tirinha» de sobra. A muito custo, conseguiu vendê-la... com 50 centavos de prejuízo. De tarde o «gasparinho» estava premiado com 20 mil cruzeiros. Recebeu apenas 500 de gratificação.

E' comum, para evitar a gorjeta, o felizardo receber o prêmio por intermédio de um banco.

Caso célebre na capital mineira é o de Luis o «Perneta». Há alguns anos, ficou com um encalhe que o revendedor não quis receber. De tarde, o número estava premiado e ele com 500 mil cruzeiros. Mas logo a fortuna se evaporou e hoje Luis «Perneta» é o mesmo cambista de antes do bafejo da sorte grande.

A SIMPATIA NA LOTERIA

O negócio da venda de bilhetes de loterias tem as suas particularidades. Assim, os cambistas recebem sempre os mesmos bilhetes do revendedor, e há cambistas, por seu lado, que levam anos e anos vendendo o mesmo bilhete à mesma pessoa. Há um freguês que há dez anos compra o mesmo número para todas as extrações.

E há a questão da simpatia, que interessa por igual ao revendedor, ao cambista e ao freguês. Há os «bichos» da sorte, cujos números são sempre procurados, como o cavalo, a cobra, o cachorro, a vaca, a borboleta, o galo, o jacaré, o burro, e os bichos de azar, tais como o peru, o veado, o avestruz, o urso, «abacaxis» que a maioria rejeita. E dentro dos números de cada bicho há ainda preferência: cobra com 34 ou 35, borboleta com 13 ou 14.

Nenhum cambista é capaz de trocar os seus «bichos de sorte» por um «abacaxis», ainda mesmo que lhe ofereçam volta em dinheiro. E' um negócio que dá azar, e essa coisa de simpatia todos eles levam muito a sério.

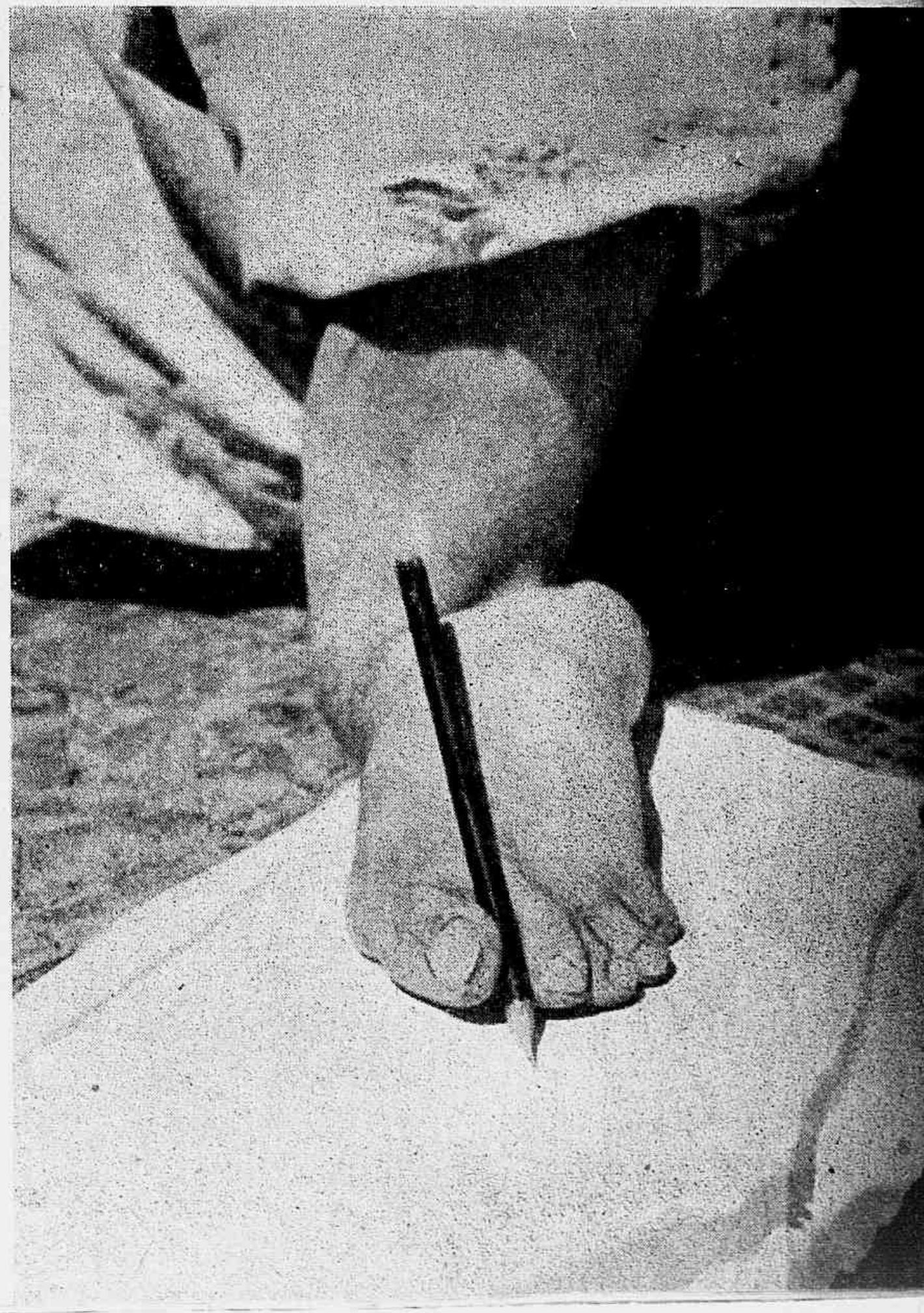
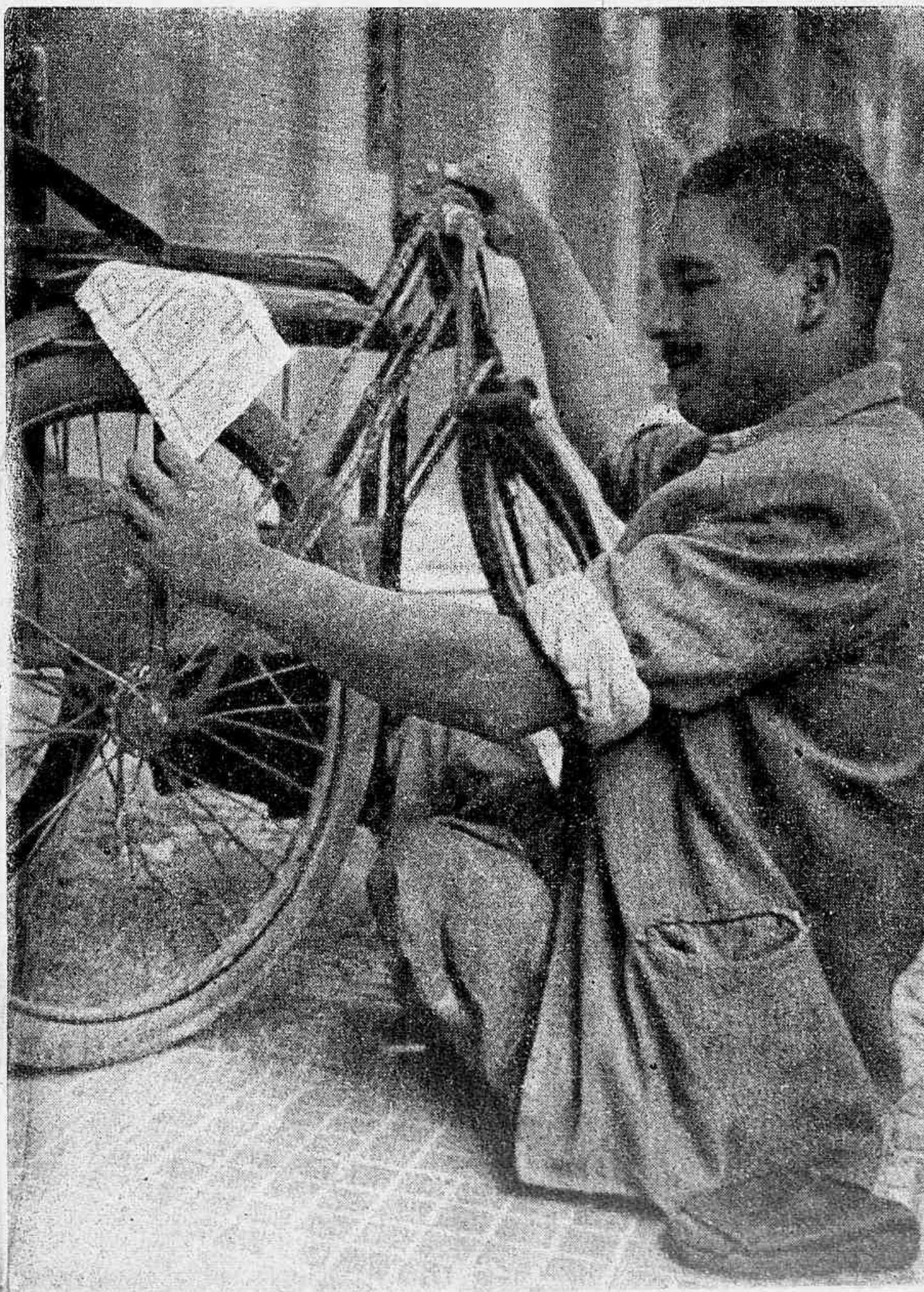
A entrega dos bilhetes encalhados é feita pelos cambistas aos revendedores duas ou três horas antes da hora marcada para a extração. Em geral é aceito até meio bilhete de encalhe. Menos do que isso é de responsabilidade do cambista.

O ideal do cambista é ser pelo menos revendedor, e não há o que não sonhe em montar uma tenda de engraxate onde possa vender seus bilhetes. E' um sonho que todos eles alimentam, pois o negócio é cheio de dura realidade.

A esquerda: arrastando-se, com as muletas sob os braços, aqui vai um dos muitos vendedores de bilhetes de Belo Horizonte. E' um antigo professor que aderiu à loteria, depois de ter ficado paralisado.



Nesta página: flagrantes típicos de Belo Horizonte, onde quase metade da população vive de vender e a outra metade de comprar a sorte... Em cima: o da esquerda, é um aleijado, a quem faltam os membros superiores. A direita, uma negra inválida. Em baixo: à esquerda, um vendedor de bilhetes, que é ciclista e o anão que não tem braços, de lapis "em punho" (?!), provando que sabe escrever...





A esquerda: nos dias da semana, ele vende bilhetes, em cima da sua carrocinha de inválido, despenteado e barbudo. Aos sábados, faz a barba e penteia o cabelo e fica vendo as moças que passam... Pelo menos seus olhos se alegram...

e o cambista não tem dia nem hora para vender seu bilhete. Podeis vê-lo em qualquer esquina, sob o sol, a chuva, de manhã à noite.

E, como em tudo, há também na loteria essa coisa que não atinge apenas o arroz, o feijão, o açúcar ou a gasolina, como muitos podem pensar: o câmbio negro. O câmbio negro surge no negócio principalmente nas grandes loterias, nos «sweepstakes». Os cambistas e revendedores que dispõem de alguma economia encontram, então, a sua oportunidade. E cobram grandes ágios dos bilhetes adquiridos.

HÁ DE TUDO NA PROFISSÃO

A loteria é, sem dúvida, um grande negócio para os beneficiados pela concessão, como para o próprio Estado. E' também o caminho para outras explorações. Assim, através dela, o governo, que proibiu o «jogo do bicho», possibilita e facilita a continuação do «jogo do bicho». Permite ela as «ações entre amigos» ou as tómbolas em que os espertos fazem sua «áfrica». Morre um padre, que alguém resolve chamar de santo e de milagroso, e logo surgem dois ou três «sabidos» que rifam um carro a 20 ou 30 cruzeiros o bilhete em benefício disso ou daquilo, uma parte para erguer um altar em honra do taumaturgo, e lá se vão para o bolso milhares e milhares de cruzeiros.

E a loteria permite ainda que funcionários mal remunerados façam os seus «biscates» dentro das próprias repartições do governo. Já vos disse que o cambista vem de todos os setores. Não só funcionários da ativa ou aposentados, mas professores em decadência, soldados que terminaram o seu tempo, velhos abandonados, doentes impossibilitados de outros trabalhos. Há um grande número de tuberculosos vendendo bilhetes de loteria. Há mesmo comerciantes que se arrasaram. As vezes cidadãos discretos ou mulheres cujos cabelos começam a embranquecer surgem silenciosos aos vossos pés, para fazerem a sua oferta. Há também cidadãos de unhas polidas, os «granfas» da profissão, que vos oferecem a sorte, quando pensais que eles vão vos pedir fósforo ou uma informação qualquer. E há, sobretudo, muitos «tiras» que vendem bilhetes de loteria e no meio encontram os seus «caguetes», que muitas e muitas vezes lhe dão o «serviço». Há de tudo na profissão...

O QUE PODEREIS VER

Nessa engrenagem é que se movem «os homens que não entregaram os pontos». Não são poucos. Contam-se por três ou quatro centenas na capital mineira. Eles vêm de outras cidades do interior de Minas ou de outros Estados, de outras terras. E é por isso que Belo Horizonte é uma cidade única, sob esse aspecto. Nenhuma outra cidade mostra um tão grande número de aleijados em suas ruas. E esses aleijados vivem principalmente da venda de bilhetes de loteria. Vêm de toda parte, atraídos pela notícia de que na capital mineira um aleijado, que não pode fazer outra coisa, pode ganhar a vida adotando a profissão de cambista.

Se visitardes a capital mineira, olhai as ruas, olhai as suas belezas, as suas mulheres, mas olhai as ruas, principalmente as ruas. Podeis ver aí homens sem um braço, outros sem os dois, alguns pernetas e outros que não possuem as duas pernas. Há uns que se arrastam pois possuem apenas o tronco e andam sobre carros. Dentre eles muitos são aleijados de nascença, enquanto outros perderam seus braços, suas pernas, suas mãos num desastre qualquer de trem, de automóvel, de caminhão; sob uma barreira que ruia, uma parede que desabou, um golpe de facão, uma chaga que não cicatrizou. E há os que perderam os olhos, como aquela mulher que não diz uma palavra e apenas estende as mãos quando ouve passos. Muitos dispõem de um rapazinho que os conduzem pelas ruas, ou que os alimentam, pois há o problema alimentar e muitos outros problemas para os que não têm braços.

Podeis pensar muitas coisas desses homens, mas sabeis que há um que escreve com pé tão bem como outros com suas mãos. Este faz malabarismos com os dedos dos pés e é capaz de atirar um níquel do chão ao bolso de sua túnica sem auxílio de ninguém.

E há aquele que baba, sim, que baba — que poderei eu dizer, bem sei que tal coisa é repugnante, mas que hei de fazer se esta reportagem se baseia sobre fatos e não tenho por que escondê-los? — Sim, ele faz isso. Mas aos sábados o seu cabelo está lustroso e bem penteado e ele não vos oferecerá nenhum bilhete. Apenas estará no local de sempre, olhando as mulheres que passam, passam e repassam.

(Cont. na pág. 51)

A direita: outro dos curiosos tipos do Pátio dos Milagres de Belo Horizonte, a cidade em que, por incrível que pareça, há uma população de três mil vendedores de bilhetes de loterias, prontos a vender a sorte a quem chega, vindo do interior ou de Golaz... Este anão de rosto e sorriso mefistofélico é o Barbicha. Está sempre plantado na esquina da Avenida Afonso Pena com a rua da Bahia...





A esquerda: Esta fotografia de Jinnah foi tirada em 1896, quando o jovem advogado indiano contava menos de vinte anos de idade. Os negócios de seu pai, de cursos em larga escala, floresciam em Karachi, de que é prova, aliás, a roupagem imponente de Mohammed, toda ela bordada a ouro.

ALTO e magro, vestindo ternos irrepreensíveis de Saville Row e rua dos alfaiates mais elegantes de Londres, o jovem Jinnah, com cores muito vivas, que lhe emprestam um ar de eterna juventude, Mohammed Ali Jinnah, hoje um dos homens de maior prestígio na Índia, situação que se consolidou desde a cessação do domínio britânico.

Eleito governador-geral do Estado muçulmano independente do Paquistão, em agosto do ano passado, ele é, aos setenta anos de idade, o primeiro estadista não-europeu a desempenhar tão elevado posto no território eternamente conturbado da Índia.

Proclamado líder de cem milhões de muçulmanos, bem se pode dizer de Jinnah que ele se impôs aos seus correligionários como dono absoluto das idéias que defende, sem se deixar influenciar por aqueles que o seguem. Seu grito de guerra «Paquistão» fora mais usado como arma política do que propriamente como uma idéia viável. Acontecimentos posteriores, entretanto, vieram tornar realidade o que fora sempre um sonho de Jinnah e seus partidários. Hoje, ele é um fato o Estado independente do Paquistão, sete anos depois de ter Jinnah iniciado a campanha em prol da sua criação, não se pode esconder sua evidente vulnerabilidade.

O Paquistão contará com uma grande minoria indu, dispondo apenas de alguns dos recursos técnicos e industriais do Domínio Indu da Índia (Hindustão). Por outro lado, há uma enorme minoria muçulmana fora do Paquistão, situação que criará dificuldades sérias à ação de Jinnah e cuja solução imediata ele não poderá certamente prometer aos seus milhões de correligionários. Empenhou-se a fundo para conseguir a independência do Estado Muçulmano, embora sem acreditar que essa campanha viesse a surtir efeitos tão imediatos. Surpreendido com o resultado dos seus esforços, não lhe cabe agora outro recurso senão aceitar a situação tal qual ela se apresenta momentaneamente.

INDUS x MUÇULMANOS

Por trás do verdadeiro conto de vigário político que representa a independência do Paquistão, esconde-se o temor real, e compreensível, dos muçulmanos, de serem absorvidos pelos indus, que os sobrepõem na proporção de três por um. A tensão político-religiosa na Índia é hoje mais aguda do que nos últimos séculos. E qualquer pronunciamento menos sereno de Jinnah poderia levar o

Em baixo: A residência de Jinnah, em Nova Delhi é decorada com verdadeiro bom gosto, suplantando em personalismo e ostentação a de muitos outros líderes indianos. No topo do mastro desse autêntico palácio flutua a bandeira da Liga Muçulmana, com a meia-lua e a estrela.

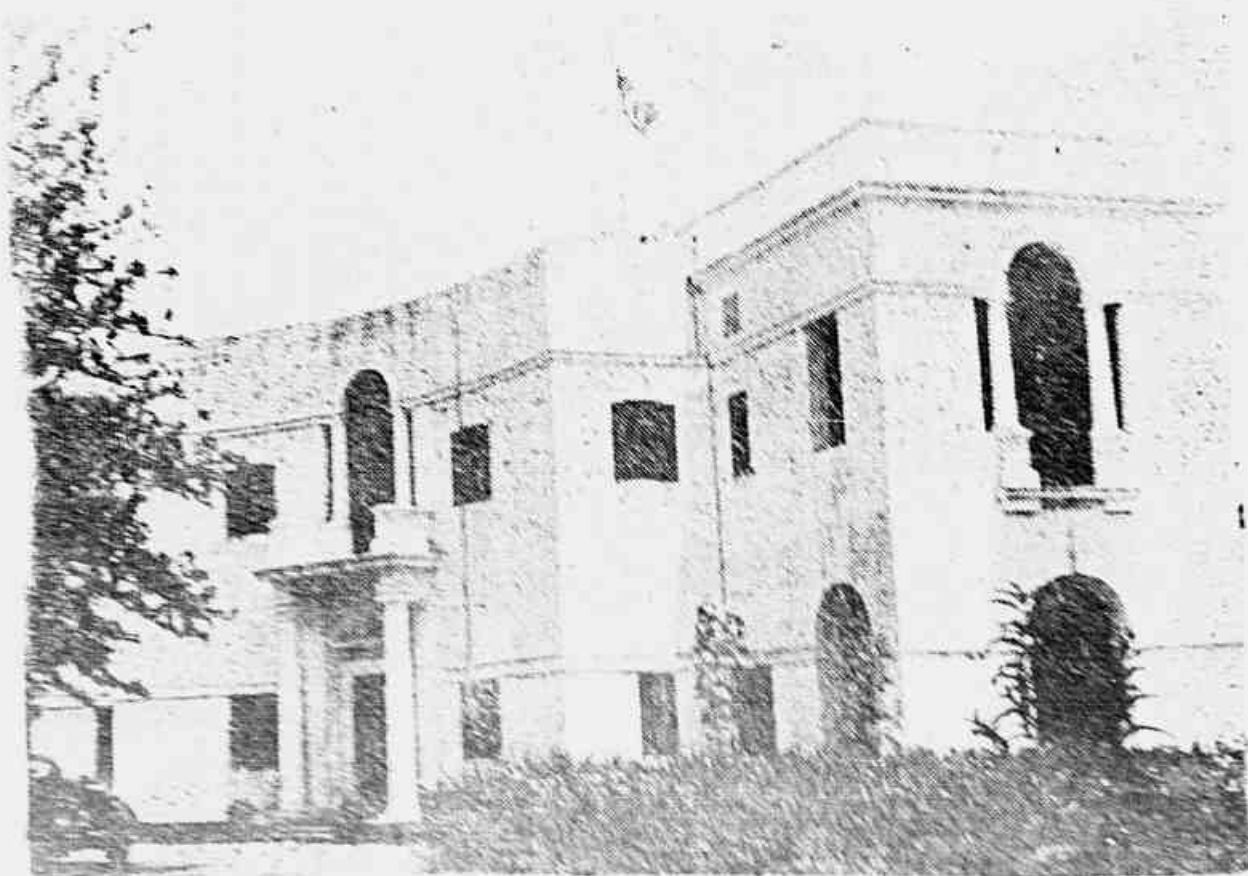
O GRANDE SOLITÁRIO DA ÍNDIA

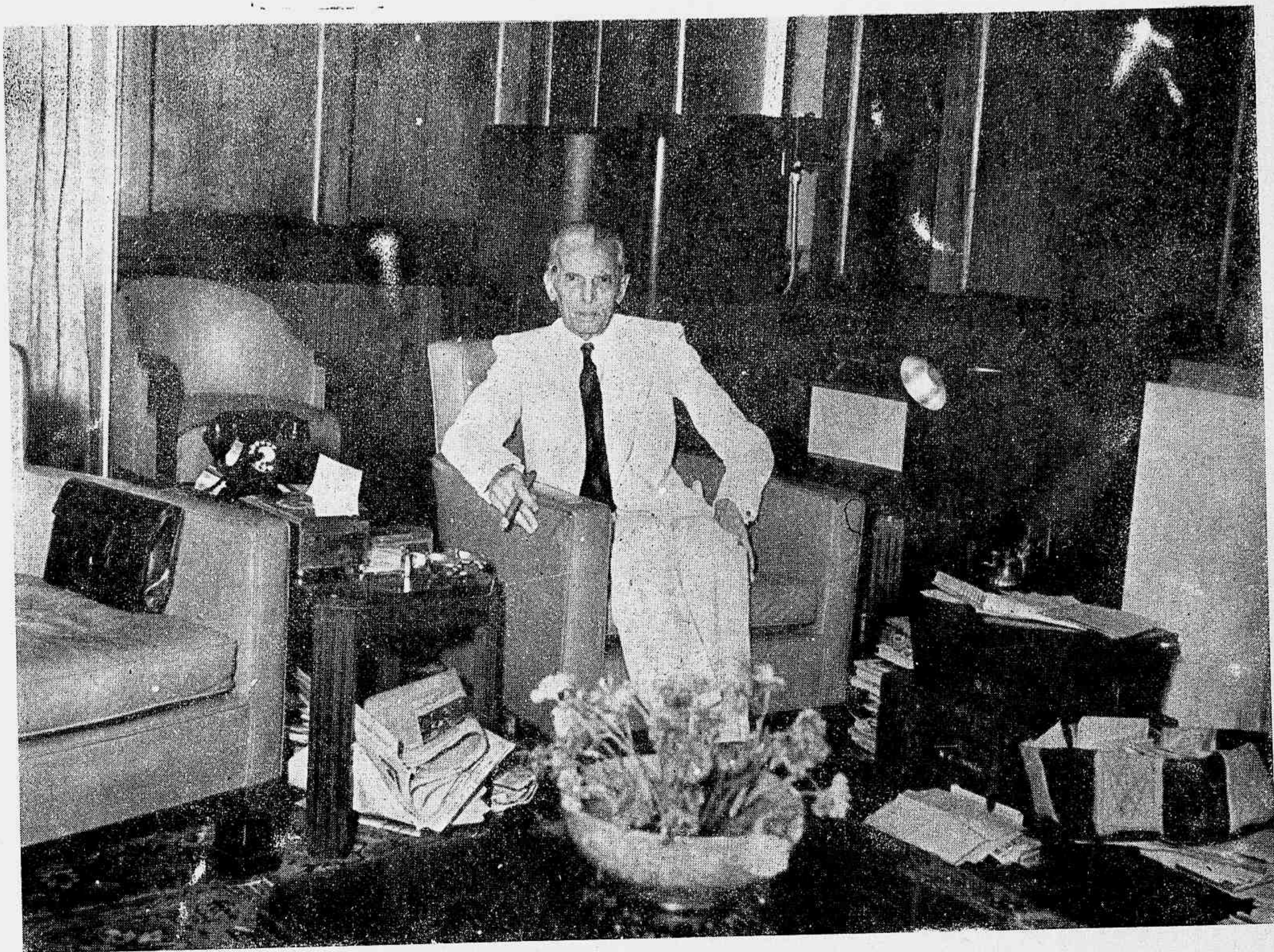
QUEM É MOHAMMED ALI JINNAH, O NOVO GOVERNADOR-GERAL DO PAQUISTÃO — UM SONHO POLÍTICO QUE SE TRANSFORMA EM REALIDADE — ESTUDOU DIREITO E REPRESENTOU SHAKESPEARE — ONDE O ELEITORADO DESCONFIÁ DAS ROUPAS DO CANDIDATO — UM LÍDER MUÇULMANO QUE COME CARNE DE PORCO — ALIOU-SE A GANDHI PARA GALGAR POSIÇÕES MAIS ELEVADAS — É CONDENAVEL FAZER A BARBA E BEBER WHISKY?

Por JOHN DOBSON-WITHER

Foto: MERRIS FEATURES

Especial para REVISTA DA SEMANA





No salão de estar de sua residência palaciana de Nova Delhi, mobiliado com lindas cadeiras de couro verde, uma luxuosa rádio-vitrola e um gigantesco aparelho de refrigeração, Mohammed Ali Jinnah, o novo governador-geral do Paquistão, lê pessoalmente as centenas de cartas e telegramas que lhe chegam às mãos diariamente. O profeta do Paquistão aprecia as roupas de corte londrino e na fotografia vêmo-lo traçando terno branco, meias e sapatos da mesma cor e gravata de cores vivas. Sua irmã Fatima é a única companheira desse exultante septuagenário, que é hoje o político mais solitário da Índia.

país a uma guerra civil de consequências imprevisíveis.

É evidente que o conhecimento de seu imenso prestígio político tem contribuído para aumentar a agressividade natural de Jinnah. Ele sempre desmentira vigorosamente a alegação, sustentada por muitos líderes indus, inclusive Gandhi, de que o Paquistão e o Hindustão tinham concordado em aceitar o visconde Mountbatten como governador-geral de indus e paquistanenses. No último instante, porém, mudou de opinião, fazendo-se ele próprio escolher para o referido posto.

Não obstante, longe de afastar-se da atividade política, uma vez empossado no posto de governador-geral, ele pretende imiscuir-se cada vez mais nos movimentos partidários.

O irritadíssimo profeta do Paquistão não tem amigos íntimos e seus correligionários, embora o respeitem pelos seus atributos pessoais, não demonstram por ele a mesma veneração que tinham os indus pela figura de Gandhi.

HÁBITOS CONDENÁVEIS

Jinnah não é mesmo um devoto muçulmano e sua despreocupação de fundo religioso tem sido muito atacada por alguns partidários mais irreverentes e pelos milhões de seus inimigos políticos, que o acusam de não frequentar a mesquita, de não deixar crescer a barba e de beber «whisky». Sustentam ainda esses adversários que um dos seus avós

era de origem indú, embora o próprio Jinnah alegue que os seus ascendentes indus tivessem vivido há muitos séculos passados.

É evidente que ele tem hábitos condenados pelos seus irmãos de seita e entre esses figura o da sua preferência ostensiva pelos ovos e presunto nas refeições matinais, a despeito de serem os muçulmanos proibidos de comer carne de porco. Além disso, aos 40 anos de idade criou um verdadeiro escândalo nacional ao desposar uma jovem pársia de 18 anos, que faleceu ao dar à luz sua única filha. Quando esta, já moça, uniu-se a um jovem da mesma origem de sua mãe, o pai deserdou-a...

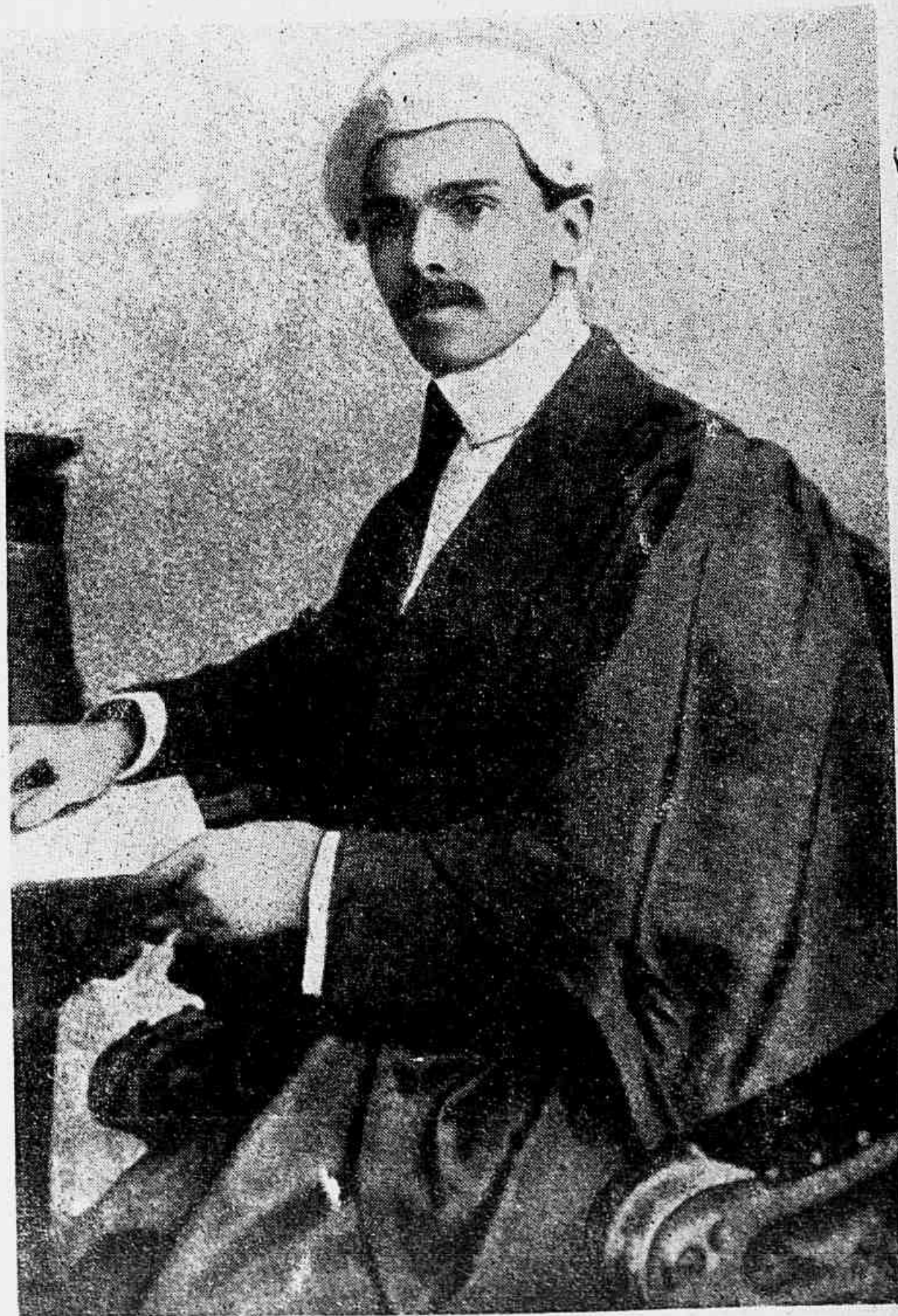
SHAKESPEARE E SEU INTERPRETE MUÇULMANO

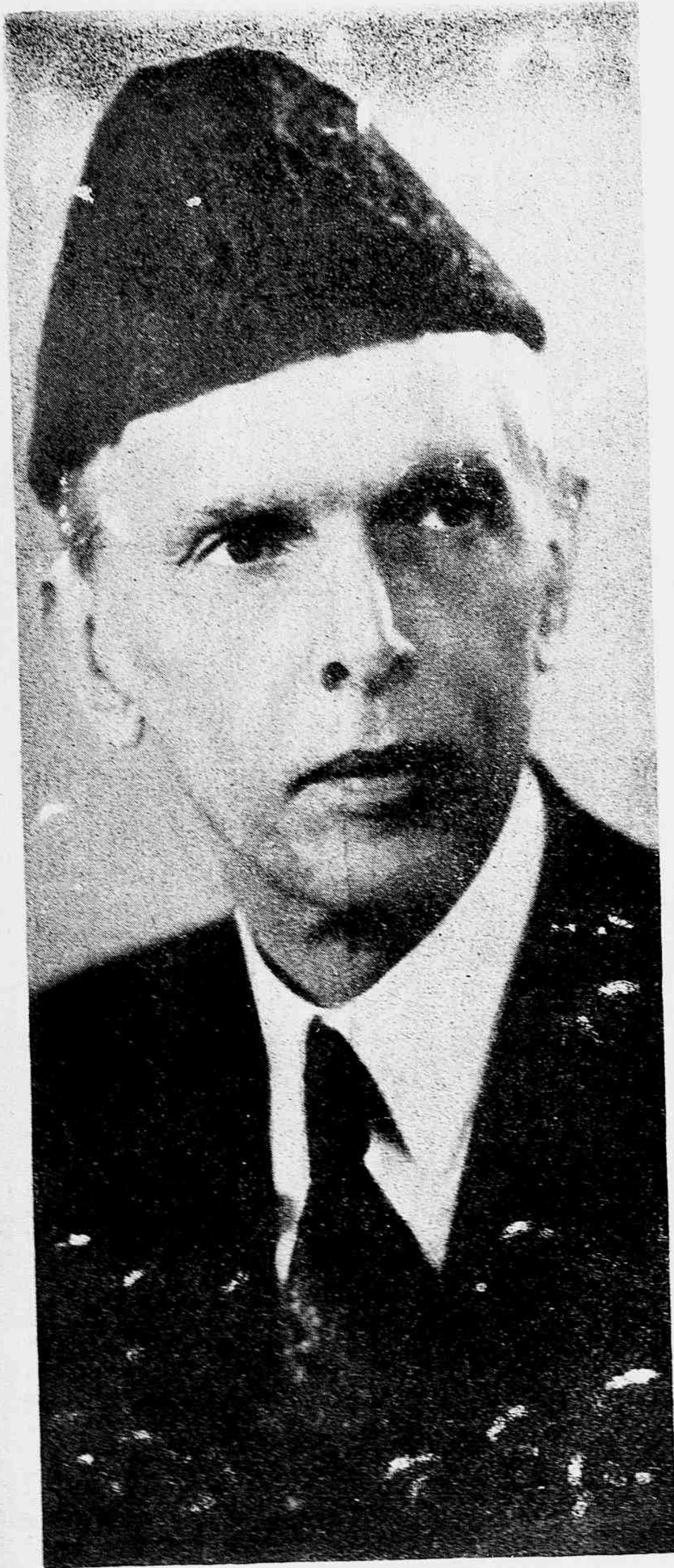
Embora seja atualmente o homem mais solitário da Índia, Jinnah não se pode queixar de ter tido uma carreira sobremodo árdua. Nasceu ele no dia de Natal do ano de 1876, sendo filho de um rico comerciante de couros de Karachi. Educou-se na Inglaterra, onde estudou Direito, chegando a exercer a profissão de advogado naquele país.

Apasionado pelas coisas de teatro, chegou a representar Shakespeare fazendo parte de uma companhia inglesa. Seu primeiro desgosto sério, ele o experimentou em plena juventude, quando o pai, arrastado a uma série de maus negócios, esteve às portas da falência.

Jinnah regressou, então, repentina-

Mohammed Ali Jinnah quando exercia a profissão de advogado em Londres. Sua fortuna atual ele a conquistou nas lides forenses, embora se diga que a fama de sua eloquência é superior à dos seus conhecimentos jurídicos. Entretanto, o profeta do Paquistão é considerado um dos maiores advogados da Índia dos tempos modernos.





Aos setenta anos, Jinnah continua a ser grande admirador dos trajes ocidentais. Somente quando se dirige aos seus correligionários é que ele usa as vestes muçulmanas. É comum, entretanto, vê-lo envergando terno europeu e seu inseparável gorro preto de angorá.

mente à Índia, onde conseguiu emprego num escritório de advocacia. Durante três anos ele trabalhou anonimamente. Pouco a pouco, entretanto, foi o seu nome se tornando conhecido até transformar-se num dos mais populares de todo o país. Essa popularidade valeu-lhe a imensa fortuna pessoal que hoje possui. Entre outros bens valiosos, Jinnah é proprietário de dois verdadeiros palácios de sua residência — um em Nova Delhi e outro em Bombaim.

Advogado de grande reputação, Jinnah se tornou, sobretudo, mais famoso por

quando se dirige aos seus correligionários, dizendo-se que fala mais fluentemente o inglês do que outro qualquer idioma.

Em 1910, os muçulmanos de Bombaim elegeram Jinnah para o Supremo Conselho Legislativo. Três anos após, de regresso à Inglaterra, ele alistou-se nas fileiras da Liga Muçulmana.

Durante vinte anos, Jinnah foi um firme apologista da unidade nacional, sendo considerado o melhor e mais eficiente embaixador da harmonia indomuçulmana. Três anos depois de alistado nas fileiras da Liga Muçulmana, foi eleito presidente de toda a Índia.

ALIADO DE GANDHI

Concluída a primeira Guerra Mundial, ele uniu seus esforços aos do mahatma Gandhi em prol da causa da Índia Independente, mas, com o advento da campanha da não-cooperação, manifestou-se desfavoravelmente à política da resistência passiva. Começou, então, a seguir uma orientação sinuosa, mais ao sabor de suas conveniências partidárias.

Em 1925, assim se pronunciava ele perante os legisladores indianos: «Em primeiro lugar, sou nacionalista; em segundo, nacionalista e, por último, nacionalista... Uma vez, apelo para todos vós desta Casa, muçulmanos ou indus, no sentido de que, respeitando o nome de Deus, não tragais à discussão assuntos de interesse comunal que venham degradar esta Assembléia, que todos nós desejamos se torne um verdadeiro Parlamento nacional».

Dois ou três anos após, repontavam os primeiros sinais de sua desinteligência com Gandhi. «Já fui conhecido como o mais puro dos nacionalistas», disse ele, «mas ninguém pode ser um verdadeiro nacionalista se não reconhecer os direitos de sua comunidade».

Em março de 1940, perante uma assistência de cem mil pessoas, em Lahore, Jinnah advogou, pela primeira vez publicamente, a independência do Paquistão. Trajando vestes políticas — gorro preto angorá, camisa branca e calção também preto, ajustado nas pernas magras — ele pronunciou um dos seus discursos mais eloquentes, extremamente apaixonado e algumas vezes incoerente, pregando a independência do Paquistão.

A assistência prorrompeu então, aos gritos histéricos de «Triunfo para o Paquistão!», muito semelhantes, de resto, aos de «Sieg Heil», que marcaram o desvario dos nazistas de Hitler por ocasião de suas arengas políticas. Uma correligionária se entusiasmou de tal modo que rasgou o véu, galgando o palanque dos oradores. O arder revolucionário muçulmano, porém, ainda não admitia a quebra da tradição e, assim, foi ela detida e obrigada a voltar ao local onde se achava, sob as vistas de um dos homens do «exército» particular de Jinnah.

POLÍTICA E ADVOCACIA

Jinnah é um verdadeiro mestre na tática de arrebatamento das massas, tendo aprendido e adaptado todos os segredos

(Continua na pág. 15)

Fotografia tirada em Londres, quando Jinnah estudava direito. Deixando a Índia aos dezesseis anos, foi residir na Inglaterra, onde concluiu seus estudos. Lá, alistou-se nas fileiras da Liga Muçulmana.



sua eloquência de que propriamente pelos seus conhecimentos jurídicos.

OS PRIMEIROS PASSOS NA POLÍTICA

A rigor foi na Inglaterra que ele fez seus primeiros passos na política, quando se candidatou, pelo Partido Trabalhista, a um posto no distrito eleitoral de Yorkshire. O eleitorado porém não confiou em suas forças desastrosamente derrotadas dentro de amplos limites a candidatura. Aos dez e sete anos, porém, o «Paquistão» se viu sob as marchas

CORAÇÃO DE CORUNILHA

Conto de THEREZA ALMEIDA

(Premiado no Concurso Permanente de REVISTA DA SEMANA)

— E' o jito dele olhar prá gente!
— Isso mesmo! São aqueles olhos! Muitas vezes eu pensei de onde vinha aquele ódio tão forte que a gente parece sentir quando ele chega perto, mas nunca tinha notado nada dentro dos olhos. Tem de ser isso! Quando eu viro as costas, parece que tem uma coisa assim como um fio de facão me roçando o pescoço. A primeira vez que eu senti esse frio na nuca, me virei e encontrei com o patrão, d. olho grudado em mim. Baixei logo os olhos. Eu não queria, mas parece que havia uma força me dobrando a cabeça. Eram os olhos deles! Que home!

— Mas ele é custoso de encarar a gente. Talvez porque saiba qu' tudo o que ele tem de ruim tá aparecendo sempre nos olhos.

— Bem assim como uma cruzeira...

— Tche! Cala a boca! Ai vem ele!

De repente a peonada se modificou. Os dois peões que falavam do patrão se calaram e as risadas dos outros foram diminuindo, tornando-se fracas e insinceras, e logo depois, no galpão que silenciara quase de súbito, só se ouvia as passadas firmes do seu Januário prá lá e prá cá fazendo as esporas tinirem agudamente no chão de terra socada, como a substituir a risada que morrera nos lábios do pessoal.

O vulto esguio, iluminado pelo fogo de chão, parecia mais alto e mais magro. As sombras alongavam ainda mais as pernas finas e cambaías, metidas em velhas botas e nas bombachas muito surradas. Era mesmo um homem de meter medo, mais que respeito, nauela moçada alegre que se calava mal ouvia os seus passos. Frio, seco, sem uma palavra que não fosse ódio vibrando na voz firme e ríspida, lábios descarnados, pés muito grandes e mãos longas e finas como seu próprio corpo, mas com uma agilidade que este não tinha, mãos esqueléticas sempre em movimento, como garras ansiosas por uma presa. No alto do vulto esguio, um chapéu negro, de abas largas, com barbicacho de borla atirado para as costas, pôsto de qualquer jeito como os velhos chapéus com que se completa o espantalho da quinta. Os passos largos, o rosto de pedra não exprimindo outro sentimento que não fosse o de uma raiva oculta contra todo o mundo, as palavras duras, frias, os gestos bruscos, tudo contribuía para aumentar o temor dos peões.

— E' home de não dar nem "buenas" prá gente! — dizia o pessoal, quando se referiam ao velho da estância Branca.

Se houvesse outra estância grande como aquela, de certo o seu Januário já não tinha mais ninguém nos seus galpões de pedra. O pessoal aguentava porque, fora da estância Branca, só havia rancho e mais rancho de gente miserável que cava e semeia a terra com suas próprias mãos porque não tem dinheiro para pagar ninguém, ranchos com poucas rézes, sem serviço prá dois, quanto mais para os nove peões do velho Januário.

— Amanhã começam as marcações. Não quero saber de ninguém que não seja daqui. Podem ir avisando os que chegarem! E nada de farrancho! Quero serviço rápido e bem feito. O que começa a pialar sem ser preciso, eu boto prá fora. Estão avisados! E nada de bailongos, nem de carreiras, nem de gaitas. O Marcelo pode ir tocar onde quiser, menos aqui!

Seu Januário falou e depois de sua voz o silêncio ficou mais frio e maciço. Era como se ele houvesse cortado todas as respirações com o fio de faca de suas palavras.

— Torno a avisar que não quero saber de animal machucado! Serviço é serviço, não é fandango!

(Cont. na pág. 55)

Ilustração de R. DE LAET



Oso Inos de Bill

Conto de WILLIAM MARCH

— Eu verei perfeitamente, quando ele tirar estas ataduras — disse Bill. — Não é questão de poder ser. Hei de ver perfeitamente.

— Você é otimista — disse a enfermeira. — Não está preocupado. Isto é bom. Bill disse: — Por que hei de estar preocupado? Esta operação que ele fez foi que o tornou famoso, não foi? Se ele não me puder dar a visão de novo, quem poderá fazer isso?

— De fato — disse a enfermeira. — O que você está dizendo é verdade.

Bill riu com ar tolerante das dúvidas dela. Trazem gente do mundo inteiro, para ele ver, não é? Você mesma me disse isso, irmã!... Então, por que é que você acha que fazem isso? Por causa da viagem por mar?

— Perfeitamente — disse a enfermeira. — Você me convenceu. Não quero ser um desmancha-prazer. Apenas eu disse "pode ser".

— Não precisava você me dizer que homem admirável ele é — disse Bill depois dum longo silêncio. Deu uma risada, estendeu a mão e procurou segurar a mão de Miss Connors, porém ela riu também e se afastou para um lado. — Você pensava que eu não sabia? — continuou ele. — Eu sabia que ele era um homem admirável desde que ele chegou no hospital e falou comigo. Sabia... — Então parou, reclinou-se na cadeira e esfregou as costas de uma das mãos com a outra. Tinha para-lo de falar, sentiu, justamente a tempo de prevenir alguma frase ridícula. Não havia meio de explicar a Miss Connors nem a ninguém o que sentia no coração a respeito do médico, a respeito de sua gratidão para com ele. Não havia senso em conversar sobre essas coisas.

Miss Connors dirigiu-se à mesa e ajeitou de novo o buquê de asteres que a mulher de Bill trouxera para ele na véspera, e para isso apertava os olhos, afastando o rosto das flores, com ar crítico. De repente parou e ficou de pé.

— Sim — disse Bill.

Miss Connors caminhou para a porta e a abriu. — "Bem, doutor, seu doente está pronto e esperando pelo senhor. — Depois, recuou, pensando nas perguntas que um homem tão eminente poderia fazer, se realmente estivesse disposto. — Ficarei do lado de fora, no corredor — continuou ela. — Se o senhor precisar de mim, estarei às ordens.

O médico se encaminhou para o lado de Bill e ficou olhando para ele com ar profissional, porém não falou logo. Foi até a janela e puxou os reposteiros escuros e pesados. Era um homem pequeno, gorducho, com uma testa alta e saliente e cujas mãos eram tão moles, tão indecisas nos movimentos que parecia impossível pudesse executar as operações delicadas a que estavam acostumadas. Seus olhos eram brandos, azul-escuro e profundamente compassivos.

— Nós estamos justamente conversando a respeito do senhor, quando o senhor chegou — disse Bill. — A enfermeira e eu, quero dizer. Eu estava tentando fazer com que ela me dissesse como é o senhor.

O médico puxou uma cadeira e se sentou em frente do doente. — Espero que ela tenha feito um bom relatório. Tomara que não tenha sido muito rigorosa a meu respeito.

— Ela não me disse nada — disse Bill. — Não era preciso. Eu sei como o senhor é, sem ninguém me ter dito.

— Diga-me então como é que você pensa que eu lhe direi se você acertou.

Dirigiu-se à mesa, acendeu uma lâmpada e virou o abat-jour até ficar na graduação que ele queria.

— É fácil — disse Bill. — O senhor é um homem imponente, de cabelos cor de neve e eu o vejo mais ou menos uma cabeça mais alto do que todos os homens que eu conheço. Depois, o senhor tem olhos pardos, profundos, que são bondosos o tempo quase todo, mas podem se acender e varar uma pessoa, desde que o senhor descubra nela alguma coisa mesquinha, porque mesquinha é a única coisa que o senhor não pode suportar, desde que não tem nada dêsse sentimento. O médico tocou os olhos compassivos com as pontas dos dedos. — Você está

A enfermeira entrou na sala onde estava Bill e correu os olhos em torno, pra ter a certeza de que tudo estava pronto para a chegada do médico. Não estavam acostumados a homens tão famosos em hospitais daquela espécie e ela recejava, toda vez que ele vinha ver Bill, que lhe fizesse algumas perguntas a que não pudesse responder, alguma coisa técnica que aprendera no curso de enfermagem e logo, escutara, como: "Dê uma definição da linfa, Miss Connors, e diga em resumo o fim a que ela se destina na economia do organismo".

Esfregou o dedo na mesa, examinou-o escrupulosamente para ver se tinha alguma mancha e olhou de relance em roda, procurando um pano de limpar poeira. Como não houvesse nenhum, levantou a saia do uniforme acima dos joelhos, mantendo-a afastada do corpo, enquanto limpava a mesa com a combinação. Sabia que estava mostrando as pernas e voltou a cabeça lentamente para olhar para Bill. Era um homem forte e corpulento, com um pescoço musculoso e um peito tão sólido que parecia moldado nos metais com que trabalhara outrora. Achava que ele deveria ter vinte e cinco anos. O fato de que um homem daqueles, jovem e sanguineo, não pudesse ver os encantos que ela estava exibindo, nem reagir a eles como homem por causa de sua cegueira, perturbava-a e ela começou a falar nervosamente:

— Bem, acho que você gostará de acabar com isto. Acho que será bom ter a certeza, um jeito ou doutro.

— Agora tenho a certeza — disse Bill. — Não estou preocupado. Agora não há nenhuma dúvida no meu espírito, nem nunca houve.

— Devo dizer que você se portou muito bem. Não ficou acobardado como acontece com a maior parte dos doentes.

— Por que eu deveria ficar preocupado? — perguntou Bill. — Eu fui um felizardo. Se houve mesmo um homem de sorte foi eu, não sei se você entende o que eu quero dizer. Foi uma sorte esse doutor famoso me operar por nada, só porque minha mulher escreveu a ele e lhe pediu isso. — Piu com satisfação. — Cristo! Cristo, que eu fui um felizardo!... Do modo que ele me tratou, era para se pensar que eu fosse um milionário, o Presidente dos Estados Unidos ou uma coisa assim.

— De fato — disse Miss Connors pensativa. — É um homem admirável. — Notou que ainda estava com o uniforme levantado até acima dos joelhos e deixou cair a saia de repente, alisando-a com a palma das mãos.

— Como é ele? — perguntou Bill.

— Espere! — disse ela. — Você já esperou tanto tempo até agora, portanto espere um pouco mais e pode ser que você veja por si mesmo como ele é.

muito longe — disse rindo. — Desta vez está a milhas de distância, Bill. — Apagou a luz da mesa, ajustou um refletor ao pescoço e voltou ao doente, de novo com o ar inteiramente profissional.

— O quarto agora está em completa escuridão — disse ele. — Mais tarde eu deixarei a luz chegar gradualmente até que seus olhos fiquem acostumados. Geralmente eu explico isso aos meus doentes, para que eles não fiquem com medo no primeiro momento.

— Cristo! — disse Bill desdenhosamente. — O senhor pensou que eu não acredito no senhor?... Cristo! Pus muita fé no senhor, para estar com medo.

— Agora vou tirar as ataduras, caso você esteja pronto.

— Okay! — disse Bill. — Não estou preocupado de modo algum.

— Que tal se você me contasse como foi seu acidente, enquanto eu trabalho — disse o médico depois duma pausa. — Isso lhe conservará o espírito ocupado e além disso eu nunca compreendi muito bem como se passara a coisa. — Não há mal no que dizer — disse Bill. — Sou casado e tenho três garotos, como tinha um filho e um filho na carta que lhe fez, portanto eu sabia que tinha que trabalhar com vontade para conservar meu lugar. Na usina estavam pondo gente para fora todos os dias, mas eu disse que isso não ia acontecer comigo. Eu ficava dizendo para mim mesmo que tinha de trabalhar no duro e aproveitar as oportunidades, desde que era um homem com responsabilidades. Ficava dizendo que não deveria ser posto fora, acontecesse o que acontecesse.

— Conserve suas mãos abaixadas — disse o médico brandamente. — Fale tanto quanto quiser, mas conserve as mãos no colo.

— Eu acho que trabalhei de mais — continuou Bill.

— Acho que aproveitei muitas oportunidades, afinal de contas... Foi quando então que aquela braca se partiu em doze pedaços e me cegou, mas eu no princípio não soube o que tinha acontecido. Bem, o resto o senhor sabe, doutor.

— Foi falta de sorte — disse o médico. Deu um suspiro silencioso e sacudiu a cabeça. — Foi muita falta de sorte.

— O que eu vou dizer ao senhor pode parecer bobagem — disse Bill — mas quero dizer uma vez e arrancar isso do meu peito, porque não há nada que eu não seja capaz de fazer por um homem como o senhor e tenho pensado nisso um bocado... Agora aqui está o que eu quero dizer: Se o senhor algum dia precisar de mim, seja para o que for, só o que tem a fazer é mandar e eu largo tudo e venho correndo, não importa onde esteja. E quando digo seja para o que for quero dizer isso mesmo, incluindo minha vida... Era só isto que eu queria dizer.

— Fico muito satisfeito com isto — disse o médico — e sei que você sente sinceramente o que diz.

— Era só isto que eu queria dizer — repetiu Bill.

Houve um momento de silêncio e então o médico falou cautelosamente:

— O que era possível fazer por alguém, fez-se por você Bill, e não há razão para pensar que a operação não tenha tido êxito. Mas alguma vezes não adianta, por mais que a gente faça.

— Não estou pensando nisso — disse Bill tranquilamente — porque tenho fé. Eu sei, tão certo como estar sentado aqui, que quando o senhor tirar as ataduras eu o estarei vendo na minha frente.

— Você poderia ter uma decepção — disse o médico lentamente. — Seria melhor que você admitisse essa possibilidade. Não ponha suas esperanças tão altas.

— Eu estava apenas tapeando — disse Bill. Na verdade, para mim não tem nenhuma importância se o senhor for diferente do que eu penso. Eu estava apenas tapeando, quando falei. — Riu de novo. — Esqueça isso — disse ele. — Esqueça isso.

As mãos delicadas e pequenas do médico repousaram de novo nos joelhos. Curvou-se um pouco para a frente e perscrutou o rosto do doente. Seus olhos tinham-se

acostumado à escuridão e podia perfeitamente distinguir as feições de Bill. Virou a pequena lâmpada velada, abrigando-a com a palma da mão. Deu um suspiro, sacudiu a cabeça e esfregou as mãos na testa, com um movimento pensativo.

— O senhor tem filhos pequenos também? — perguntou Bill.

O médico dirigiu-se para a janela. Puxou brandamente o cordão e os pesados reposteiros se afastaram sem rumor. — Tenho três garotas — disse ele.

O sol do outono invadiu fortemente a sala e se espalhou numa cunha brilhante através do soalho, tocando as mãos de Bill, seu rosto enérgico e a parede atrás.

— Bem é engraçado. Eu tenho três garotas... Não é engraçado?

— É o que se chama uma coincidência — disse o médico.

Ele voltou para a cadeira e ficou colocado entre Bill e a luz do sol. — Você agora pode levantar as mãos, se quiser — disse cansadamente.

Bill levantou as mãos cabeludas e tanadas de óleo e as descansou contra as temperas. Fez um surpreso.

— O senhor tirou as ataduras, não tirou, doutor? — Tirei.

O médico sacudiu a cabeça e se afastou para um lado e novamente a luz do sol brilhou com violência contra a face larga, agradável e esbácula do Bill.

— Eu não me importo de dizer-lhe, agora que recuperei a vista — disse Bill — que o estava tapando a respeito de não estar com medo. Eu andei apavorado o tempo quase todo, doutor, mas desconfio que o senhor também percebeu isso. Acho que foi por isso que eu estive me comportando hoje como um menino. É o alívio de ter acabado com isto e de saber que posso ver de novo... O senhor pode virar a luz assim que quiser. Estou pronto.

O médico não respondeu.

— Minha velha veio me ver ontem — continuou Bill.

— Ela disse que ela tem o lugar guardado para mim na usina. Eu disse a ela que fosse dizer a eles que estarei lá segunda de manhã. Gostarei de voltar a trabalhar de novo.

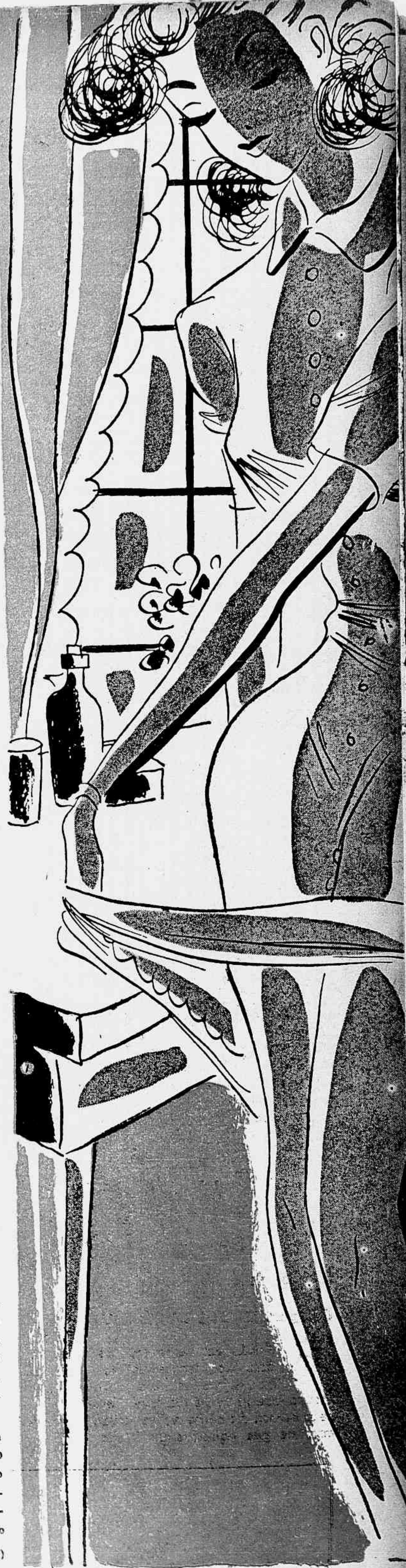
O médico ainda estava calado e Bill, receando que tivesse dito alguma coisa que parecesse ingratidão, acrescentou rapidamente: — Eu tive um ótimo descanso estas últimas semanas e todo o mundo foi admiravelmente bondoso comigo, porém agora quero voltar ao trabalho, doutor. Eu sou um pai de família e tenho responsabilidades. Minha mulher e meus filhos morreriam de fome se eu não pudesse cuidar deles e não posso perder mais tempo. Acho que o senhor sabe como é, quando a gente está no trabalho.

O médico dirigiu-se para a porta e chamou brandamente: — Enfermeira!... Enfermeira, será melhor que você venha cá.

Ela entrou imediatamente, dirigiu-se para a mesa e ficou ao lado do vaso de asteres. Levantou os olhos um momento depois e examinou o rosto de Bill. Ele parecia totalmente outro com as ataduras removidas, e mesmo mais moço do que ela pensava. Os olhos eram redondos, incorruptivelmente inocentes e de uma nuance singular de um castanho claro, infantil. Amaciavam-lhe de certo modo, as mãos rudes, o queixo maciço, os cabelos abundantes e hispídeos. Mudavam-lhe inteiramente o rosto e ela notou que se não os tivesse visto nunca realmente lhe compreenderia o carácter, nem poderia ter a menor idéia de como ele era para as pessoas que o tinham conhecido antes do acidente. Enquanto ela o observava, pensando essas coisas, ele sorriu de novo, franziu os lábios e voltou a cabeça na direção do médico.

— Que é que há com o senhor? — perguntou em tom de pilhéria. — Que é que o senhor está esperando?... O senhor não está procurando uma taça de metal e um maço de lapis para me entregar, está? — Riu de novo. — Vamos, doutor — disse ele. — Não me deixe nesta ansiedade. O senhor não pode querer que eu saiba como o

(Cont. na pág. 85)





Conto de **MIROEL DA SILVEIRA** ★

Esp. para **REVISTA DA SEMANA**

A GORA ali estavam os dois, um diante do outro, expelidos pela procissão que já ia lá adiante. Tereco sentou na beira da calçada, com os pés enfiados no barro

vermelho, e olhou para a galinha. A procissão não quisera saber deles, cada qual fôra enxotado a seu modo, agora ali estavam os dois, eram irmãos.

Teve pena da galinha. Ela se embandeirara toda quando a procissão tinha apontado lá na

baixada, ficara nervosa, desértica. E foi triste quando a procissão se aproximou com seus panos coloridos e sua bonita cantoria, e aquela gente toda só pensou em correr com ela, em correr com ela. Uma injustiça.

GALINHA DE PROCISSÃO

Tereco ainda enxergava a pobre no momento em que provocara pânico no reduto branco e azul das filhas de Maria, alvoroçando gritos e corridinhas muito para a circunspecta assistência masculina das calçadas. A coitada levava inesperado chute de um anjo gordo, feroz, de rosto suado. Saltara heroicamente certo misterioso obstáculo aromático — um penduricalho de metal de onde saíam fumaças aos bufos. E, numa hora em que ficou mesmo com muito medo, deu um vôo, mas cansou e teve que pousar na careca de um irmão de opa. A partir daí a perseguição se transformou em clamor público, e aos cacarejos lancinantes, sem ar, botando os milhos para fora, a muito custo chegara até ali, de onde via a procissão menos assustadora outra vez. U!

Tereco teve dó da pobre escoraçada. Como seria que ela se chamava? Gostaria de conversar com ela, agora que o povarê já se tinha afastado e que as decepções da procissão iam sendo engolidas pelo horizonte. Mas não tinha nenhum pretêxo para puxar prosa com ela... Estavam sozinhos, os dois, o sol queimava forte e a poeira vermelha já se ia aquietando.

Remexeu nos bolsos. Encontrou fumo — um rolinho, no bolso de trás — encontrou um canivete de uma só lâmina, encontrou dois botões, encontrou uma poeirinha cinzenta. Qual! E a coitada da galinha ciscando ali por perto, esperando um conforto.

— Filhinha! Prrr! prrr! Vem cá, meu bem, olha o milho! Prrr!

Encontrou três grãos bichados, ficou contente, tinha com que puxar prosa. A galinha primeiro se fez de sonsa, mas depois foi se chegando como quem não quer.

— Prrr! Vem cá, belezinha!

A galinha devia saber que era bem bonitona, pois veio vindo, chegou mais perto e fez um "co-co-ró" interrogativo. Tereco então jogou o primeiro grão e ela não perdeu tempo — venha de lá! Tereco riu, satisfeito. Oh galinha simpática! Ele sempre simpatizara com aquele tipo de galinha, côr de café-com-leite e tendo penas mais escuras no rabo. Era uma raça de galinhas sem raça, sem pretensão, de galinhas muito dadas.

— Prrr! prrr! Abigail, vem cá!

Jogou o segundo grão. Será que ela ia estranhar o nome? Gostava de chamar de Abigail todos os seres com quem simpatizava. Abigail não estranhou. Veio mais perto, graciosa, gingando muito coquete, e papou o segundo grão com menos pressa e maior confiança. Viu? Ela gostou do nome. É tão bom chamar os outros pelo nome! Parece que a gente está falando pertinho, no ouvido: Abigail! Bem baixinho: Abigail, meu bem... Você gosta de mim? A

(Cont. na pág. 54)



EM cima: dois oradores se manifestando no Teatro Fenix sobre a peça "Anjo Negro", cujo autor foi qualificado de "tarado", ao que retrucaram outros elementos, cortando-lhe a palavra. Em ambiente de vivacidade e intolerância desenrolaram-se as apreciações sobre a controversa obra teatral.

DEBATES SÔBRE UMA PEÇA

EM AMBIENTE DE VIVACIDADE E DE INTOLERÂNCIA, FOI APRECIADA A DISCUTIDA PEÇA "ANJO NEGRO"

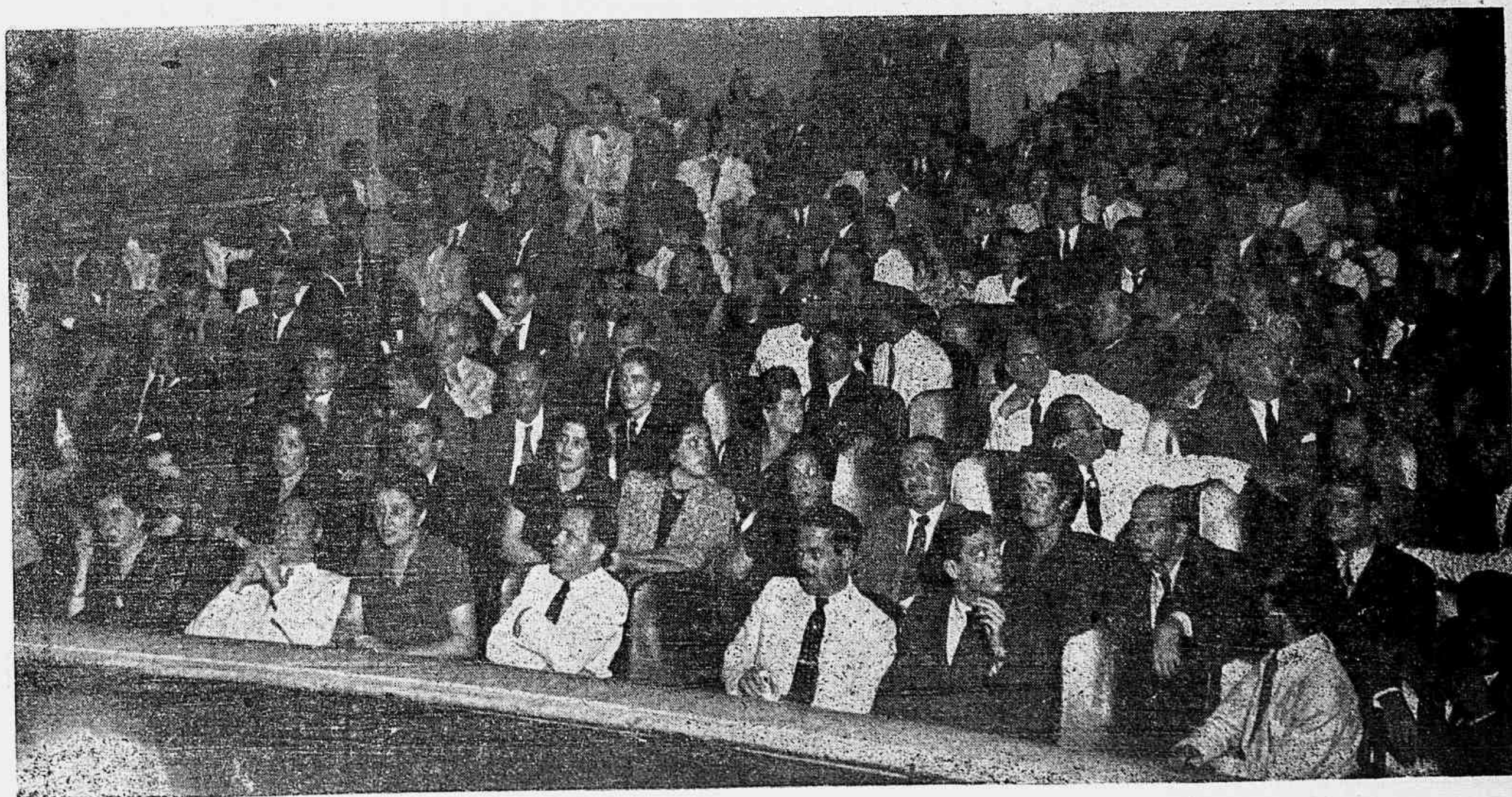


Os debates públicos sobre peças de teatro, realizados em outros países normalmente, com finalidade didática, no Brasil estão começando a ser tentados, mais, entretanto, como um ardiloso recurso de publicidade, do que mesmo com intuitos culturais. O último desses debates levados a efeito entre nós, teve como objeto a peça "Anjo Negro", de autoria de Nelson Rodrigues. Despertou interesse invulgar esse debate, dadas as condições especiais de que se cercou o lançamento da referida obra teatral, duas vezes impugnada pela Censura Teatral, mas em seguida liberada com a simples "impropriedade para menores até 18 anos" pelo ministro da Justiça, sr. Adroaldo de Mesquita Costa, qualificada de racista e de "ratée" por uma grande parte da crítica mas glorificada pelos admiradores pessoais do autor como a superação de seus próprios trabalhos anteriores e de tudo quanto se escreveu em teatro no Brasil. Por outro lado, os universitários católicos e outras instituições também católicas acolmaram a peça de imoral, contribuindo, assim, para acalorar a discussão. O debate público sobre "Anjo Negro" realizou-se segunda-feira da semana passada, atraindo ao Fenix número considerável de espectadores, mas em nada contribuiu para o esclarecimento do público, em razão, especialmente, da intolerância com

(Cont. na pág. 55)



Em cima: duas atrizes presentes: a da esquerda é Olga Navarro, que foi a protagonista de "Desejo". A da direita é Bibi Ferreira, que é, também, autora. Em baixo: um aspecto da assistência que ouviu, no Fenix, o acalorado debate, ao qual faltaram cortesia, ética e isenção, coisas indispensáveis quando há intuitos esclarecedores e propósitos de ordem cultural...



Enlace Publia Lopes Machado-José Garcia de Abreu e Lima



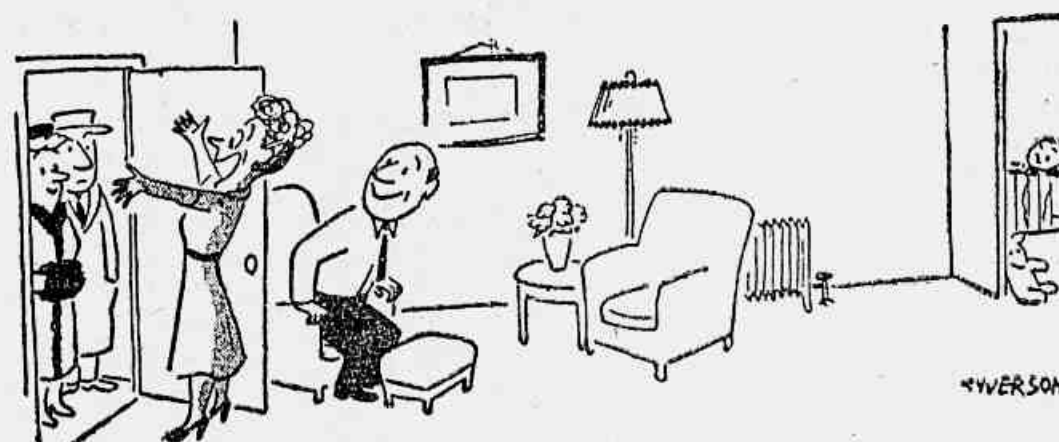
No dia 5 de fevereiro último realizou-se o casamento da srta. Publia Lopes Machado com o tenente da nossa Força Aérea José Garcia de Abreu e Lima. O flagrante acima foi colhido na igreja de Santa Terezinha, vendo-se, além dos noivos, a srta. Angela Maria Paz de Carvalho e o sr. Milton Lopes Machado, padrinhos da noiva, no religioso, e os pais desta, sra. e sr. Alvaro Machado. Testemunharam, no civil e religioso, pelo noivo, a sra. e sr. João Garcia de Abreu e Lima, e pela noiva, no civil, a sra. e sr. João Florencio Sobrinho.



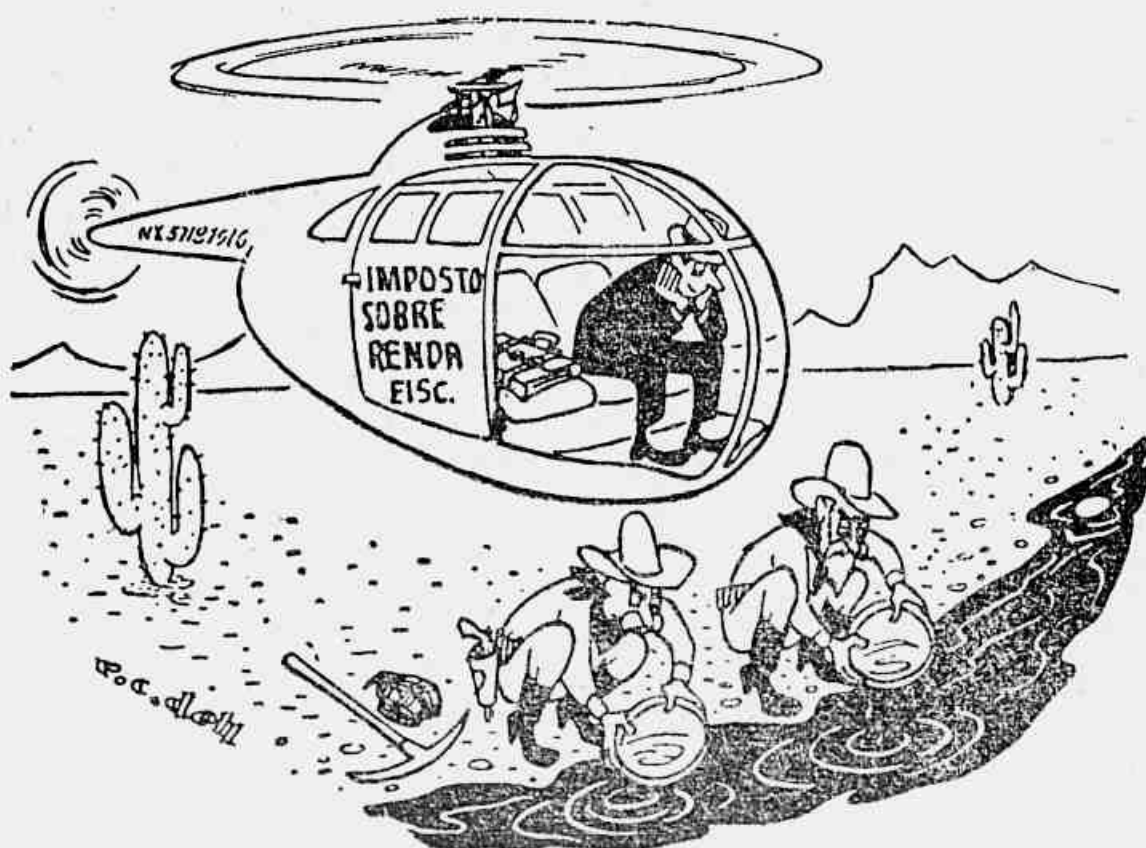
TENENTE HOMEM DE CARVALHO



A fotografia que estampamos acima é do Tenente Antonio Carlos Homem de Carvalho, comandante do Catalina da Força Aérea Brasileira, sinistrado há pouco tempo no Estado do Pará, recentemente promovido "post-mortem".



BOM HUMOR





— Alguma coisa me diz que devemos subir pela escada...



— Se eu conseguir me diplomar neste curso, nunca mais cozinharei outra vez!



— Por mim, a senhora não precisa mais se apressar!



**Verifique a causa da
deficiência de sua vista!**

Quando se manifesta qualquer anormalidade visual, torna-se necessária uma consulta ao oculista, a fim de corrigir o mal, por meio de óculos adequados.

T N V H R

Um exame oportuno evita muitas vezes, graves consequências. Somente o oculista poderá indicar, com precisão, os óculos que V. S. deve usar.

Obtida a receita, entregue-a a **LUTZ FERRANDO** que, por uma experiência de mais de 60 anos na sua especialidade, e pela sua capacidade técnica, representa uma garantia de confiança na confecção dos seus óculos. Mesmo que V. S. resida em localidade distante, poderá, através do **Reembolso Postal**, adquirir seus óculos em Lutz Ferrando.

Para isso, enviaremos, gratuitamente, um catálogo ilustrando os tipos mais modernos de armações, e V. S. nos remeterá o seu pedido, junto com a receita do oculista, sendo servido como se fôsse atendido em nosso próprio balcão.

LUTZ FERRANDO

ÓTICA E INSTRUMENTAL CIENTÍFICO S. A.
RUA OUVIDOR, 88 RIO DE JANEIRO



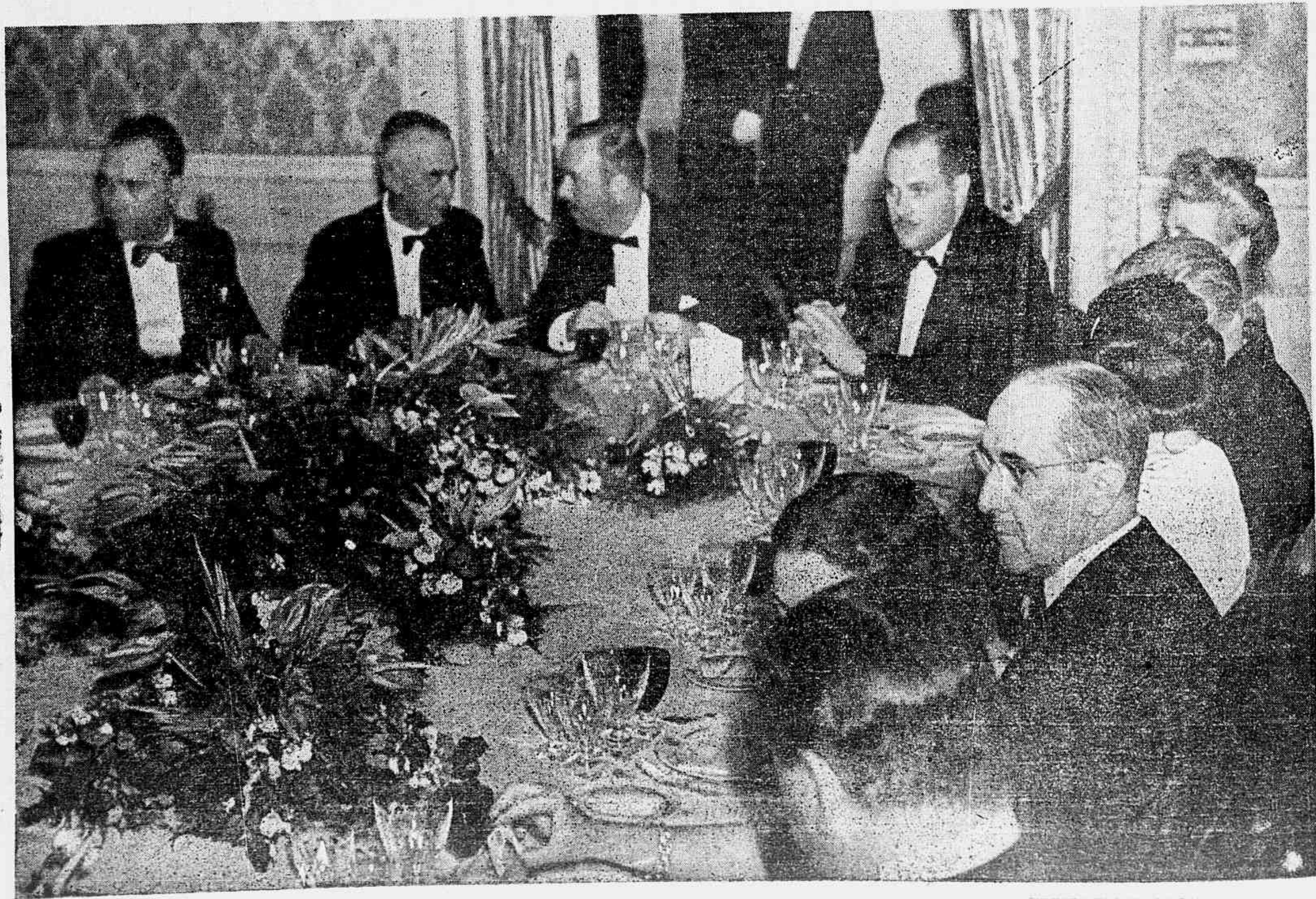
Inter - Americans

L.F.-6



ECOS DO GRANDE PRÊMIO SÃO PAULO

Ainda repercute nos meios sociais do País, sobretudo nas rodas carreiristas, o brilhantismo com que se desenrolou a festa máxima do turf bandeirante, o Grande Prêmio São Paulo, corrido no dia 1.º deste mês. Para representá-las junto ao Jockey Club de São Paulo, estão a sra. Nazareno de Assumpção, o desembargador Cândido Lobo, chefe da delegação do Jockey Club Brasileiro, o embaixador Cyro de Freitas Valle, as sras. Alcides Lara Campos e Roberto Alves. No de baixo, a sra. Rubião, o sr. João Sampaio, o sr. Carlos Afonso dos Santos, o sr. Antonio Queiroz Telles, o sr. Alcides Lara Campos, a sra. Roberto Alves, o sr. Nelson Monte, membro da delegação do Jockey Club Brasileiro.



JAYME COSTA, O NOSSO MAIOR ATOR CARACTERÍSTICO, DOCUMENTA AS FASES DE SUA GRANDE CRIAÇÃO EM "CARLOTA JOAQUINA" — UM TRABALHO QUE AUTORIZADO HISTORIADOR QUALIFICOU "UM ESCÂNDALO DE PERFEIÇÃO"

— O D. João VI de Jaime Costa é um escândalo de perfeição!

Quem proferiu estas palavras foi um historiador dos mais autorizados: Luis Edmundo, membro da Academia Brasileira de Letras e autor de «A corte de D. João VI no Rio de Janeiro», que é, ao mesmo tempo, uma obra de erudição e uma reportagem vivacíssima dos costumes cariocas no início do século passado. Outro historiador, Viriato Corrêa, — e que, além disso, é uma das grandes figuras do nosso teatro, se manifestou no mesmo sentido. Oduvaldo Viana, que é um teatrólogo consagrado, fez este depoimento:

— Não é o ator Jayme Costa representando. É D. João VI redivivo!

Essa é a caracterização mais famosa do ator que todos proclamam ser o nosso maior característico. Agora, no curso de uma feliz temporada no Teatro Glória, Jayme Costa resolveu atender aos constantes pedidos de seus admiradores, no sentido de reaparecer em «Carlota Joaquina», a comédia histórica de R. Magalhães Junior, em que teve sua criação máxima. Lembramo-nos, então, de pedir a Jayme Costa que reconstituísse, para uma documentação fotográfica, as várias fases desse espantoso trabalho de composição, em virtude do qual deixa de ser o ator que todos conhecem, para se converter na figura exata do soberano bonachão, que foi o propulsor do nosso progresso e o pai do nosso primeiro imperador, que foi um homem gordo e bom, mas um marido eminentemente infeliz e um chefe de Estado em luta aberta com sua ambiciosa mulher.

Jayme Costa acedeu à nossa solicitação, e iniciou seu trabalho, — um trabalho na verdade magistral, já mostrado ao público brasileiro cerca de quinhentas vezes, no Rio e nos Estados. E, enquanto compunha o tipo de D. João VI, para o papel que lhe valeu a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, ia nos dando esclarecimentos interessantes sobre a marcha do seu trabalho.



Jayme Costa, numa das fases intermediárias de sua caracterização como D. João VI, na comédia histórica brasileira «Carlota Joaquina», trabalho que lhe valeu a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, por unanimidade, como «a maior criação do ano». A esquerda, o ator Jayme Costa ao natural.

A REINCARNAÇÃO DE D. JOÃO VI

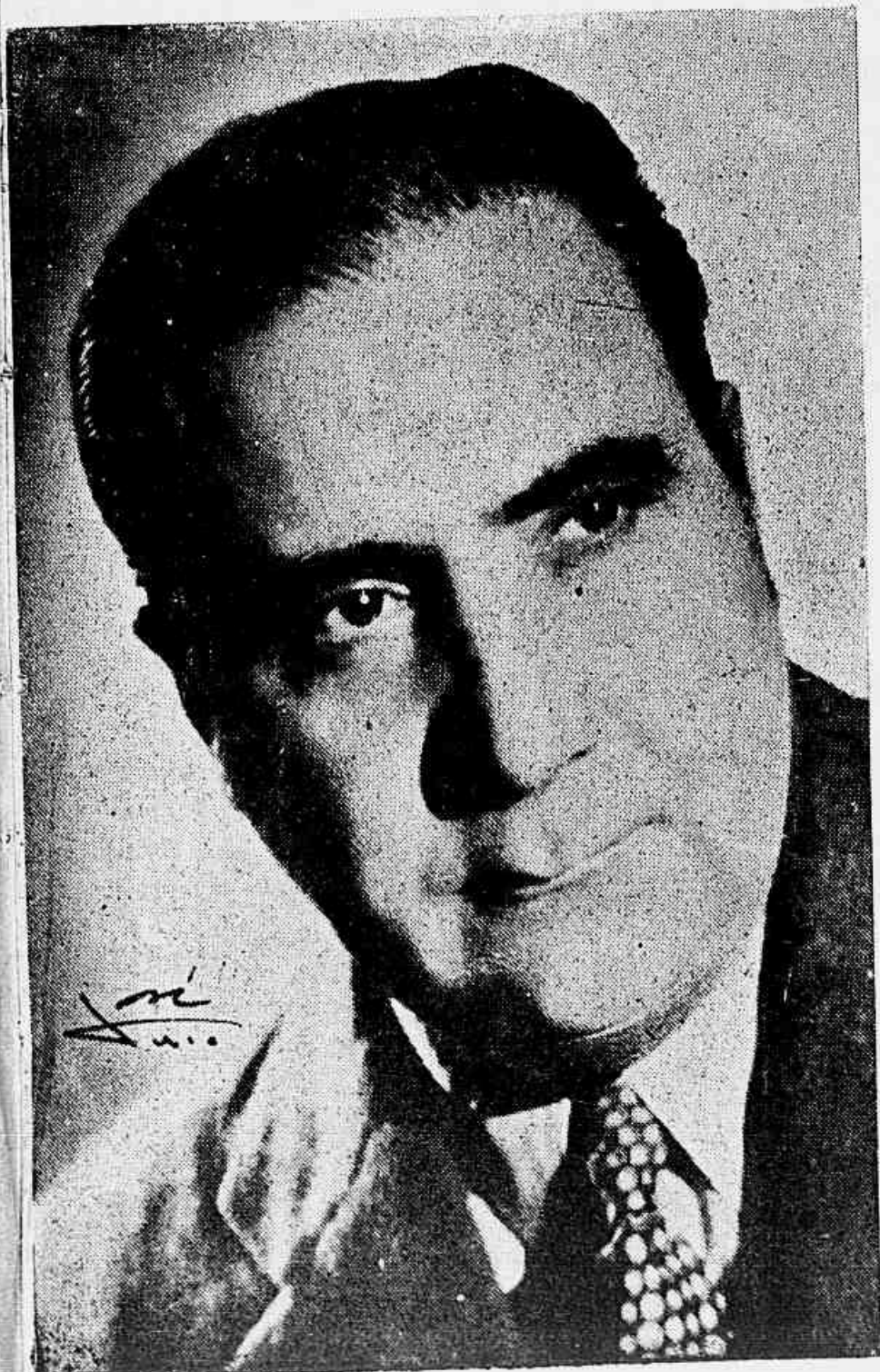
Por DEMÓSTENES VARELA

Fotos de A. VIEIRA

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

— Primeiro que tudo, — declarou Jayme Costa, — aplico este bâton, para dar o tom geral, sobre o qual irei, depois, pintando os traços que me levarão a dar ao público a impressão de semelhança física com os retratos mais divulgados de D. João VI. O segundo cuidado é o de modificar os olhos, de acordo com os retratos do nosso primeiro monarca. Em seguida procuro, em face do espelho, estudar a queda dos lábios e executo a pintura da boca. Começam a se acentuar as semelhanças. Já sou, então, uma outra pessoa. Não cheguei, entretanto, a realizar sequer uma ligeira parte do trabalho. Como vê, tenho o queixo pontegudo, muito ao contrário do queixo de D. João, que era dividido ao meio. Tenho, pois, de

voltar minha atenção para esse detalhe. O queixo é dividido. Forçando um pouco o pescoço, tenho também a papada do rei bonachão. Isso, é bom notar, serve para provar que caracterização não é somente pintura e aquilão gomado. Com esforços puramente musculares, podemos tirar efeitos que nenhuma pintura poderia fornecer. Isso, entretanto, requer concentração, domínio nervoso, auto-sugestão, em suma. Que mais é preciso? Trabalhar com o bâton, para obter, agora, os efeitos necessários de envelhecimento dos tecidos do personagem. D. João VI era um homem precocemente envelhecido, com as bochechas flácidas, caindo, escorrendo quase pelo rosto. — o que constitui, de resto, uma característica das pessoas





Em cima: à esquerda, Jayme Costa já se assemelha um pouco mais a D. João VI, com as bochechas caídas, à força de pintura; à direita, com a cabeleira já ajustada, mas ainda sem afinal. Em baixo: à esquerda, Jayme Costa de perfil, mostrando como lhe ficam as suíças, outrora também chamadas prosaicamente de "passa-piolhos"; e, à direita, com a caracterização completa, já vestido e pronto para representar "Carlota Joaquina".

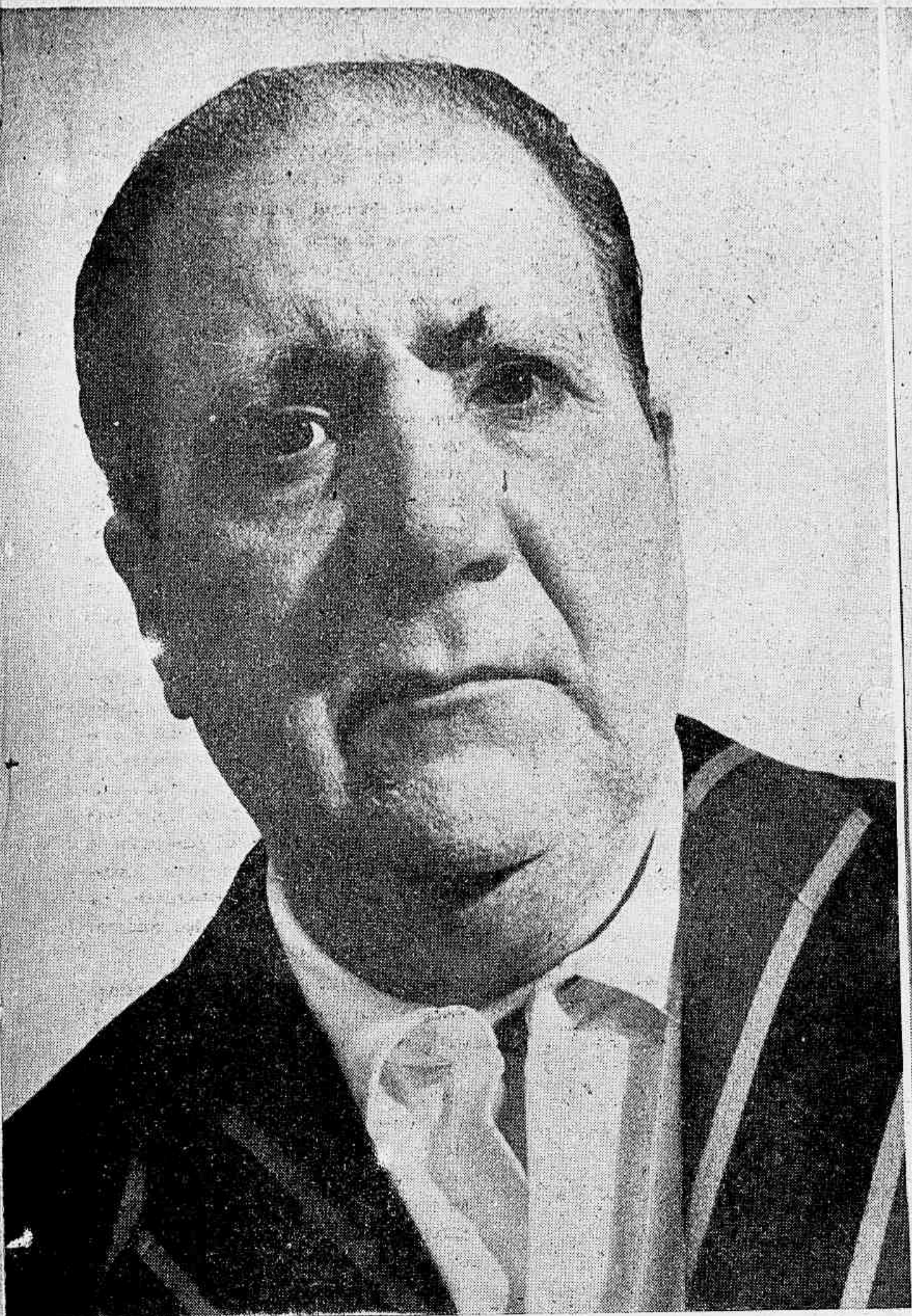
intemperantes. D. João VI era um glutão, rivalizando, sob esse aspecto, com Henrique VIII, da Inglaterra, embora não o acompanhasse na crueldade e nas aventuras galantes. Passava os dias preocupado com os negócios de Estado, mas não havia preocupações que o fizessem esquecer seus «franguinhos». Estes traços de bôn dão, portanto, um pouco mais de gordura ao monarca. E já posso, então, enfiar a cabeleira, afinando-a, e colocar,

em seguida, as suíças, ou «passa-piolhos». Devidamente ajustadas e afinadas, trato, então, de vestir-me e de adotar a marcha característica de D. João VI, que seiope capengava de uma das pernas, em consequência de ferida maligna, resultante de uma mordida de carrapato na Real Fazenda de Santa Cruz...

Arnaldo Vieira, nesse meio tempo, ia batendo as fotografias que documentam, nestas páginas, a caracterização

de Jayme Costa como D. João VI. Foi uma boa experiência, aliás, porque dentro em breve, com um ótimo elenco a que pertencem Heloisa Helena, Aristóteles Pena, Darci Cazarré, Sadi Cabral, Déa Selva, Arlindo Costa, Graça Moema, Adolar Costa, Henrique Marques Fernandes, Jesus Ruas, Milton Santos, Murilo Gandra e outros atores, Jayme Costa estará apresentando novamente «Carlota Joaquina» ao seu público, no Teatro Glória.





Em cima: à esquerda, a máscara de Jayme Costa, com o tom geral; à direita, depois de ter acentuado o desenho dos olhos, de acôrdo com o retrato de D. João VI. Em baixo: à esquerda, o intérprete de "Carlota Joaquina", depois de ter feito o desenho da boca; à direita, com seu queixo fino e pontagudo partido ao meio.





O dr. Waldemar Ferreira Marques pronunciou, na inauguração da nova sede do SENAC do Distrito, um discurso no qual relatou as atividades de pouco mais de um ano, da instituição a que preside. A fotografia é um flagrante desse discurso, vendo-se, entre outras pessoas, D. Jayme de Barros Câmara, o dr. Arthur Pires, presidente do SESC, e o ministro Morvan Dias de Figueiredo.

N O dia 12 de abril último foi inaugurada, entre festas, a nova sede do SENAC Regional do Distrito Federal, situada em três amplos pavimentos do prédio da rua Santa Luzia n. 735. Neles estão dispostos os numerosos cursos de aprendizagem comercial, as dependências da diretoria e da administração, do Centro Social Carmela Dutra, com os seus serviços de assistência médica, dentária e de alimentação, e um auditório, além de um escritório modelo. Não ostentando luxo excessivo, são, contudo, confortavelmente executadas as instalações do SENAC do Distrito, providas de todos os requisitos necessários a um completo desempenho das suas funções essenciais.

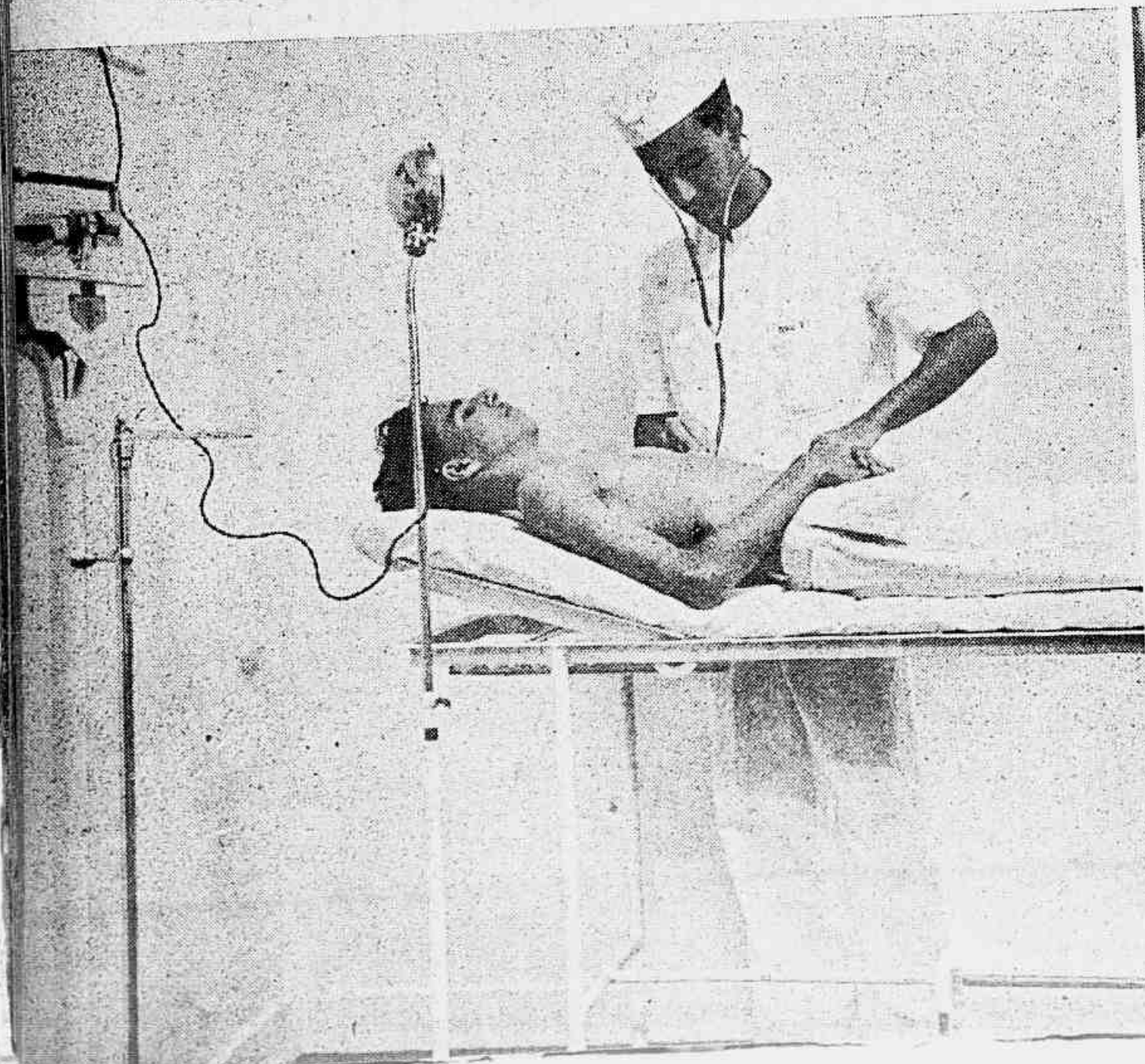
Notamos, como todos os que lá estiveram, os cuidados dispensados à aparelhagem dos serviços ali prestados à mocidade comerciária, desde as salas de aula aos gabinetes médico e odontológico e ao posto de alimentação, formando um conjunto inteiramente adequado à prática do ensino e à metódica assistência que a saúde dos estudantes, na maioria pobres, requer se faça com assiduidade e proveito.

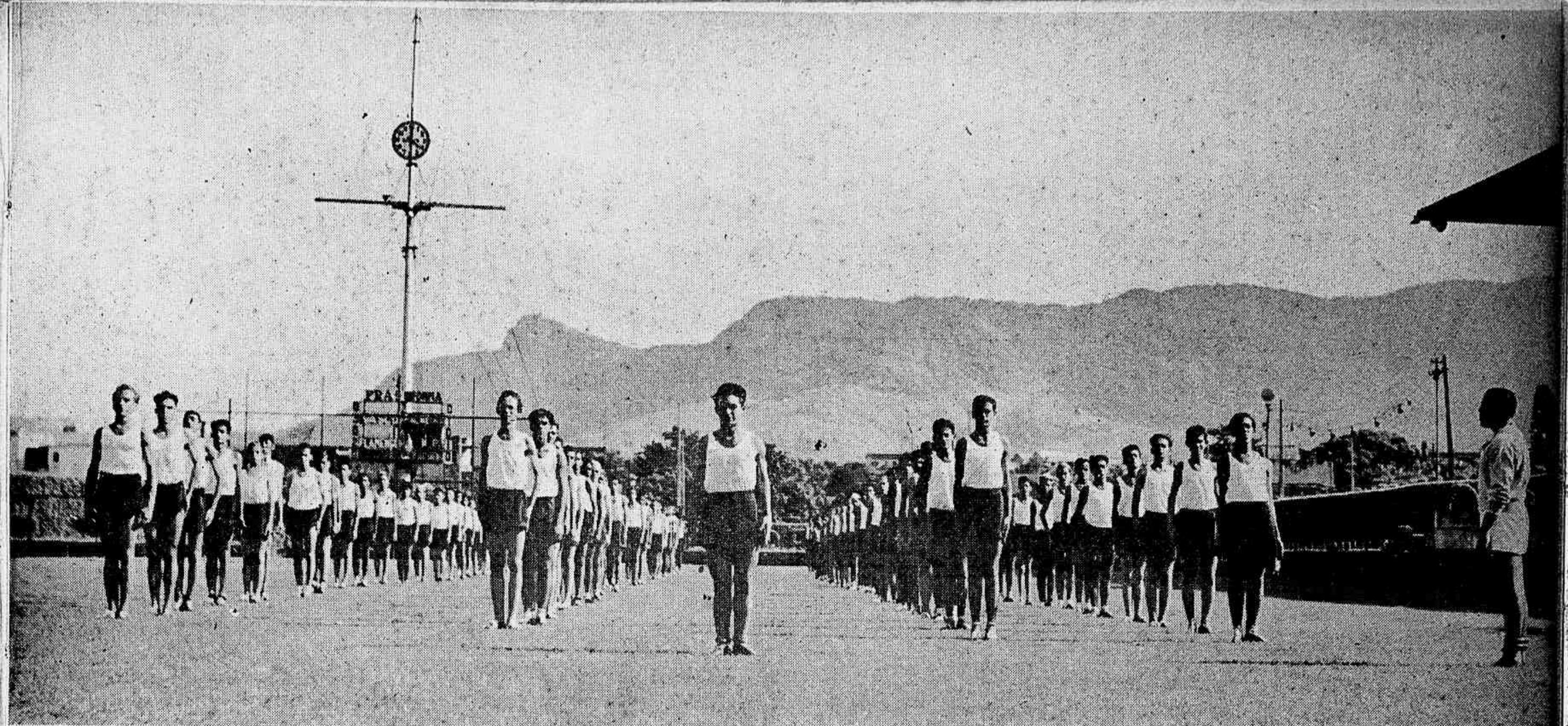
Pelo discurso que o dr. Waldemar Ferreira Marques pronunciou durante a solenidade inaugural, travamos conhecimento com as atividades do SENAC do Distrito, desde a sua fundação. Relatou o mencionado dirigente os esforços das classes patronais do comércio, empregados na concretização daquela obra de irrecusável benefício para a nossa mocidade que se encaminha aos escritórios, aos balcões, às inúmeras atividades que o mistér da compra e venda oferece aos que se querem a ele dedicar, até conseguirem o resultado que agora se pode considerar satisfatório. Assim é que, cerca de três mil jovens de ambos os sexos frequentam diariamente os cursos de aperfeiçoamento do SENAC, sem prejuízo das suas obrigações. Tudo isto obedece a um planejamento maduramente traçado, em harmonia com as associações de classe onde se agrupam os elementos componentes da grande família de comerciantes e comerciários.

Convém notar que, além dos cursos em funcionamento na sede, outros já têm exercício ou estão sendo instalados nos bairros e subúrbios, ampliando o raio de ação do SENAC e possibilitando uma afluência maior de candidatos à educação técnica profissional.



No Serviço de Alimentação do Centro Social Carmela Dutra. D. Jayme Câmara serve a um menor comerciário o primeiro copo de leite, que será ministrado diariamente às muitas centenas de alunos dos cursos mantidos pelo SENAC. Em baixo — A esquerda, um aluno é examinado no gabinete médico; à direita, uma classe do curso de datilografia, quando em pleno funcionamento.





O Centro Social Carmela Dutra também proporciona ao comerciário aluno do SENAC Regional do Distrito Federal a prática da educação física e dos esportes, mantendo para isso um grupo de técnicos especializados. Zela, assim, a instituição pela saúde e pelo vigor físico da juventude comerciária, além da educação profissional que lhes é gratuitamente ministrada, cuidando, por outro lado, do aprimoramento das virtudes cívicas e morais da mocidade, procurando afastá-la das influências perniciosas ao seu espírito.

A NOVA SEDE E AS REALIZAÇÕES DO SENAC

Fora dos quadros da sua estrita finalidade, porém, o SENAC constituiu-se numa guarda permanente da saúde e do bem estar da juventude comerciária. O Centro Social Carmela Dutra é sem favor uma das mais importantes criações do órgão patronal, a cujos alunos presta uma vigilante assistência física e espiritual, indispensável ao desenvolvimento do corpo e à formação de uma mentalidade acima dos vícios e das idéias más. A prática da educação física, dos jogos esportivos, os divertimentos sadios e as reuniões sociais mantêm moças e rapazes afastados dos convívios perigosos e traiçoeiros que encontram campo fértil na inexperiência e na fraqueza dos adolescentes. Este aspecto das atividades do SENAC é sumamente confortador, quando é notória a perversão dos costumes e as deficiências do meio ambiente em que os moços de hoje vivem o seu mais delicado período de transição.

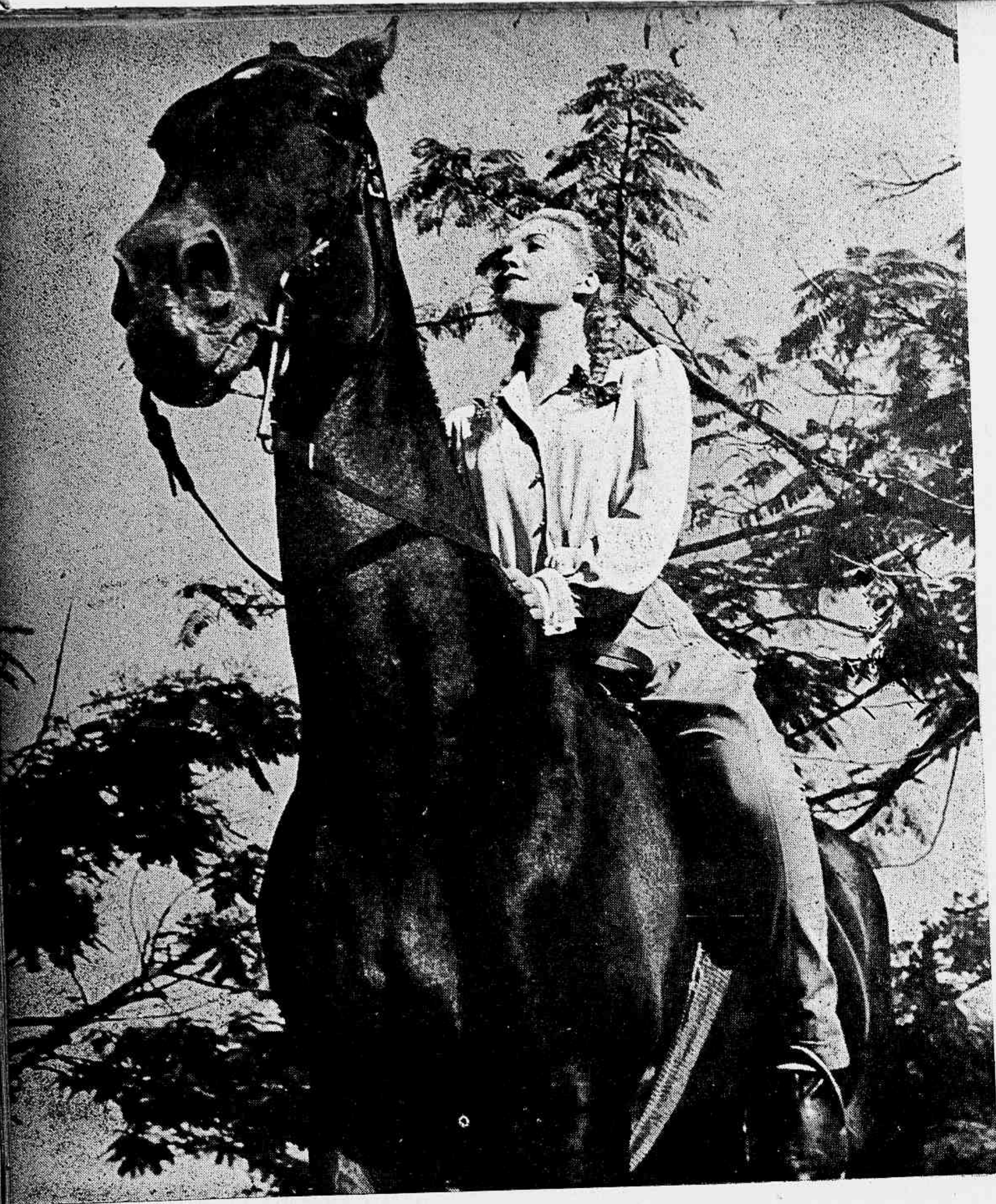
★

A inauguração da nova sede do SENAC do Distrito reuniu uma enorme assistência, comparecendo numerosas figuras exponenciais do comércio, da indústria, das finanças, da política, enfim os mais destacados elementos das nossas classes sociais, sendo o presidente da República representado pelo ministro Morvan Figueiredo. Além do presidente do SENAC, falaram o ministro do Trabalho, o dr. João Daudt de Oliveira e o sr. Calixto Ribeiro Duarte. Terminada a cerimônia, e após os presentes percorrerem todas as dependências, foi-lhes oferecida uma taça de champagne e uma mesa de doces finos. Estavam inauguradas as novas instalações do SENAC Regional do Distrito, e com elas entravamos no conhecimento do que de útil e bemfazer tem a instituição realizado em benefício dos jovens do nosso comércio.

A. M.

A direita — Uma jovem comerciária aluna do SENAC é atendida pelo dentista, no gabinete montado com toda a moderna aparelhagem necessária.





MARIA DELLA COSTA

EM UM FILME ESPORTIVO



UM NOVO SUCESSO PESSOAL
DA JOVEM ARTISTA EM
"O CAVALO NUMERO 13"



trais de duas novas películas, — "O cavalo número 13", comédia esportiva, retratando aspectos pitorescos da nova vida turfista, e "Inocência", drama adaptado do famoso romance de igual título, de autoria do visconde de Taunay. Altamente fotogênica, Maria Della Costa está fadada a fazer uma bela carreira no cinema e é bem possível que seu terceiro filme seja feito em Portugal, quando seus compromissos teatrais o permitirem.

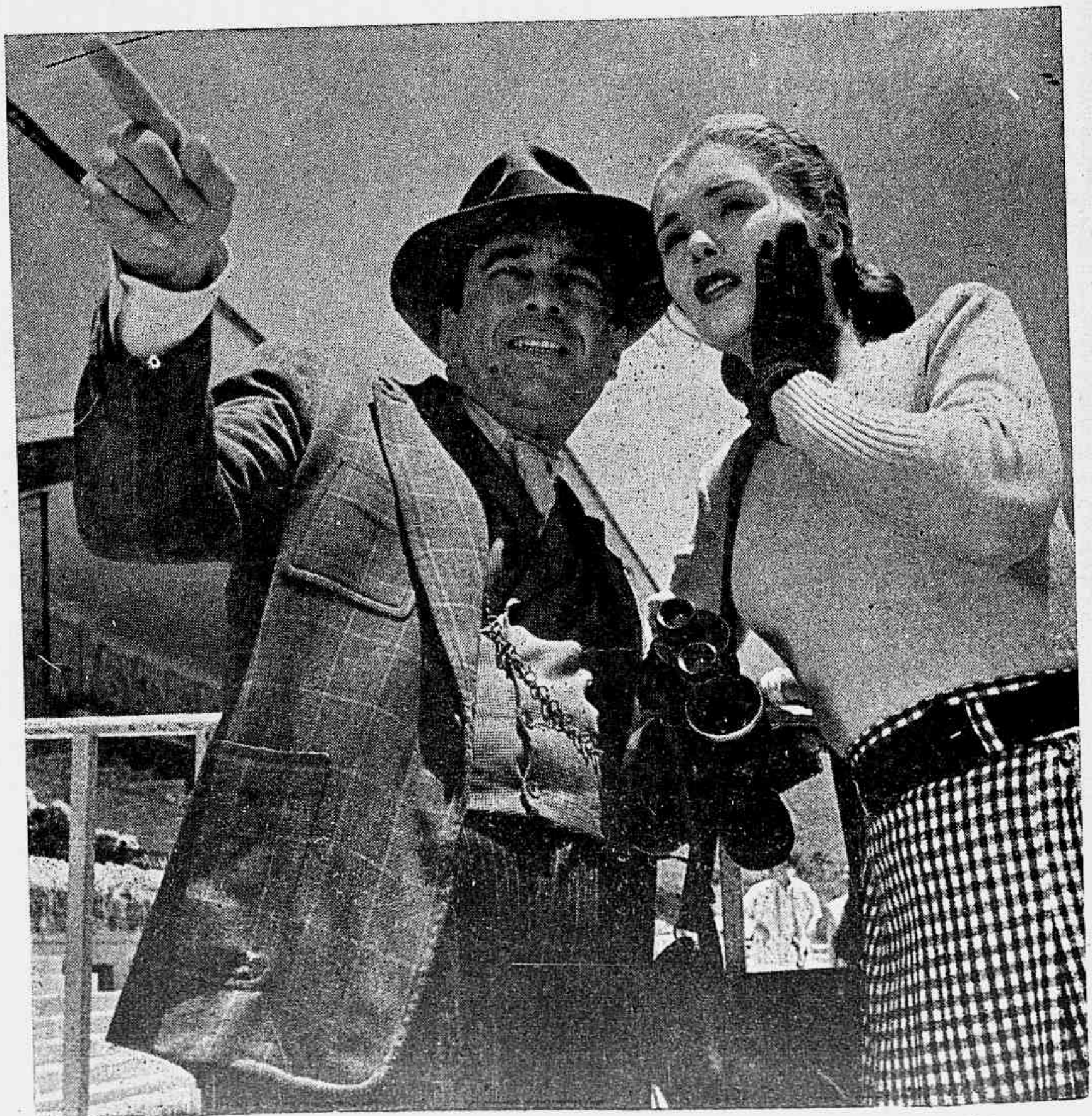
Maria Della Costa montando um dos nossos grandes parelheiros, que aparecerá em «O cavalo número 13», filmado com a gentil cooperação do Jockey Club Brasileiro



MARIA DELLA COSTA, que vem se impondo no nosso teatro, pela sua beleza, elegância e talento, apareceu sucessivamente em "A moreninha", com Bibi Ferreira; em "A rainha morta", com Sandro Polônio; em "Vestido de noiva" e, posteriormente, em "Anjo negro", ensaiando, agora, um novo papel, o de Pérola, em uma obra teatral de grande repercussão, "Tobacco Road" (Estrada do Tabacal), de Erskine Caldwell e Jack Kirkland, levada há anos ao cinema, por John Ford, depois de uma permanência de oito anos na Broadway. Mas não é só no teatro que a jovem e encantadora atriz vem conquistando êxitos. O cinema nacional também tem reclamado sua colaboração, e assim foi que filmou os papéis cen-



O ator cômico Manuel Vieira e Maria Della Costa, em uma cena de «O cavalo número 13», a primeira comédia esportiva da vida turfista carioca





Os costumes do enorme guarda-roupa da Comédie Française são cuidadosamente conservados.



A máscara mortuária do célebre ator Talma, existente na Comédie-Française.

A "COMÉDIE FRANÇAISE" DESCOBRIU O SEGRÊDO DA ETERNIDADE

UM POUCO DA VIDA DA MAIS FAMOSA ORGANIZAÇÃO TEATRAL DO MUNDO

Por RUGGERO JACOBBI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

Fotos da KEYSTONE PRESS AGENCY

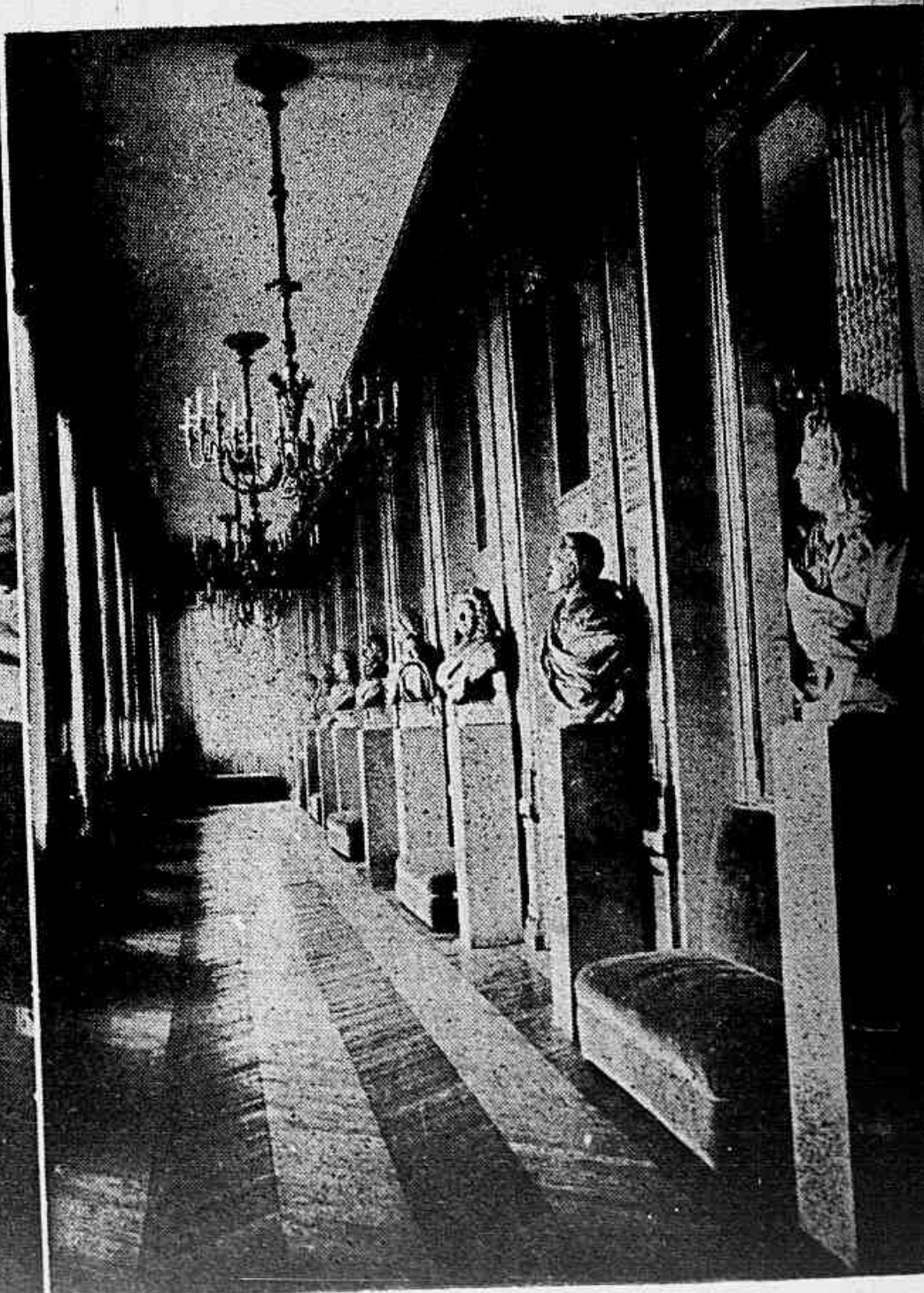
No departamento de cabeleleiras, um técnico especializado cuida das perucas, de todos os tipos e tamanhos...

A galeria dos maiores escritores e atores do "grande século", num dos corredores da Comédie-Française.

CADA vez que no teatro mundial, e no próprio teatro francês, aparece um movimento renovador, um dos argumentos polêmicos é sempre o da velhice da Comédie Française, instituição em que parece se resumir tudo quanto no teatro é falsa tradição, exterioridade, papelão e ênfase. Isso não impede aos terríveis renovadores de sonhar com o título de sociétaire, quando franceses, ou com a oportunidade de dar alguns espetáculos naquela casa histórica, quando estrangeiros. Já se viu muito ator e muito diretor se insurir na mocidade contra a Comédie, para mais tarde ostentar os títulos adquiridos na mesma, como os que representavam o resultado máximo de suas carreiras. E' o caso das Academias de Letras, que dessas ambições recebem o maior incentivo a uma continuidade inabalável.

A importância histórica da Comédie Française permanece imutável, constituindo um grande exemplo daquele interesse inteligente dos governos pelos assuntos teatrais, que só um liberalismo barato tenta impedir em muitas nações modernas, quase sempre com o resultado de privar o povo de grandes espetáculos culturais, inatingíveis pela simples iniciativa particular, naturalmente preocupada com seus problemas financeiros. Países profundamente democráticos, como os da Escandinávia, têm compreendido essa necessidade de um Teatro de Estado sem intervenções políticas arbitrárias; e os resultados continuam esplêndidos no decorrer dos anos.

A Comédie Française nasceu no fim do século XVII, quando Luis XIV decidiu despedir a última das grandes «équipes» cômicas italianas e fundir num único organismo os «Comédiens du roi», especialistas do teatro trágico, com o grupo de Molière, dominador incontrastado na esfera da comicidade. O próprio Molière não chegou a ver os resultados dessa fusão, que foram definitivos para





A vitrine das relíquias mais preciosas da Comédie-Française: aqui estão a máscara de Talma, o gorro de dormir de Molière, o relógio de Coquelin, o leque de Adrienne Lecouvreur, — e uma medalha que pertenceu a George Sand.

Na pág. à direita: Há na Comédia Francesa centenas de chapéus diferentes, mas há um homem que os conhece bem e sabe o período de qualquer deles. Há 25 anos seu emprego é classificá-los.



estilo. Simultaneamente, o público das duas companhias começou a frequentar o mesmo teatro, cada um ampliando seus interesses literários e se submetendo a um instintivo processo de democratização.

Para evitar os indesejáveis efeitos dessa aproximação entre aristocratas e burgueses, a Comédie Française, no primeiro século de existência, continuou sendo vítima de uma curiosa limitação de espaço e de verdade cênica: os nobres assistiam aos espetáculos sentados nas *banquettes*, colocadas no próprio palco, à direita e à esquerda dos atores. Esses aristocratas chegavam atrasados, tagarelavam o tempo todo, exibiam suas roupas luxuosas e suas mulheres imponentes, limitando cada vez mais a esfera de ação dos atores. Estes e o público da platéia sentiam-se da mesma maneira aborrecidos com essa gente elegante e barulhenta. Durante a representação de uma das muitas «Semiramis» devia aparecer, diante da rainha aterrorizada, a sombra de Ninus, seu falecido espóso. Mas naquela noite as *banquettes* tinham-se multiplicado de maneira inverossímil: foi preciso, no último momento, furar o papelão do cenário para que a tal sombra introduzisse a cabeça na abertura, falando naquela absurda posição, pois o palco não admitia mais de dois atores de pé ou um sentado. A 16 de dezembro de 1739, um mensageiro, que devia entregar à protagonista de «Childéric» uma carta, determinando uma completa mudança no rumo da história, não conseguiu atravessar os bancos dos nobres e chegar ao centro do palco. O

Livros antigos, verdadeiras preciosidades bibliográficas, pertencentes às coleções da Comédie-Française.

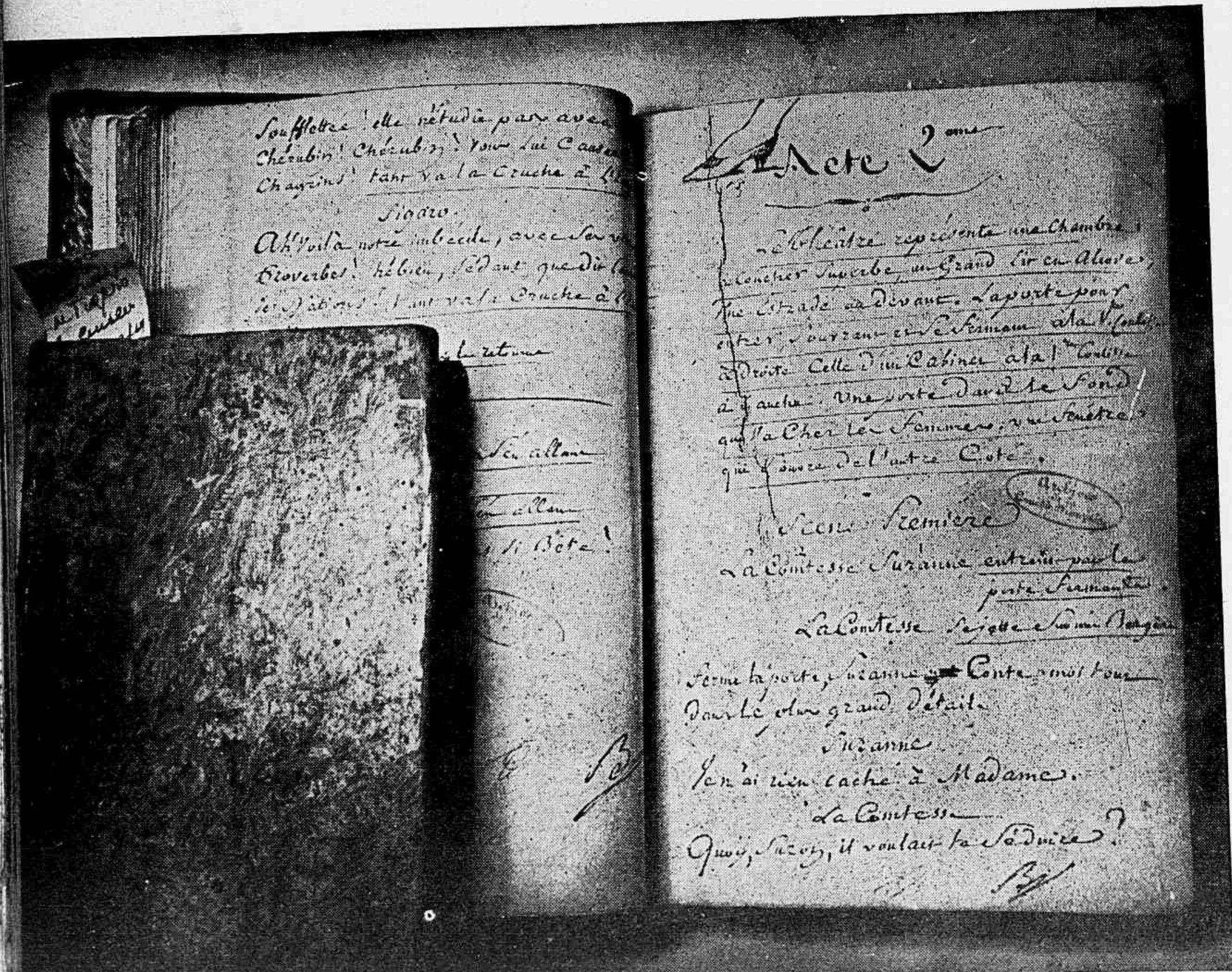




Um sócio da Comédie-Française, que entrou na Casa de Molière ainda sob o reinado artístico de Mounet-Sully, aponta o nome do famoso deão na lista de honra da Instituição.



A encarregada da limpeza da Comédie-Française espana a estátua de George Sand, escritora célebre que também escreveu dramas e foi muitas vezes ali representada.

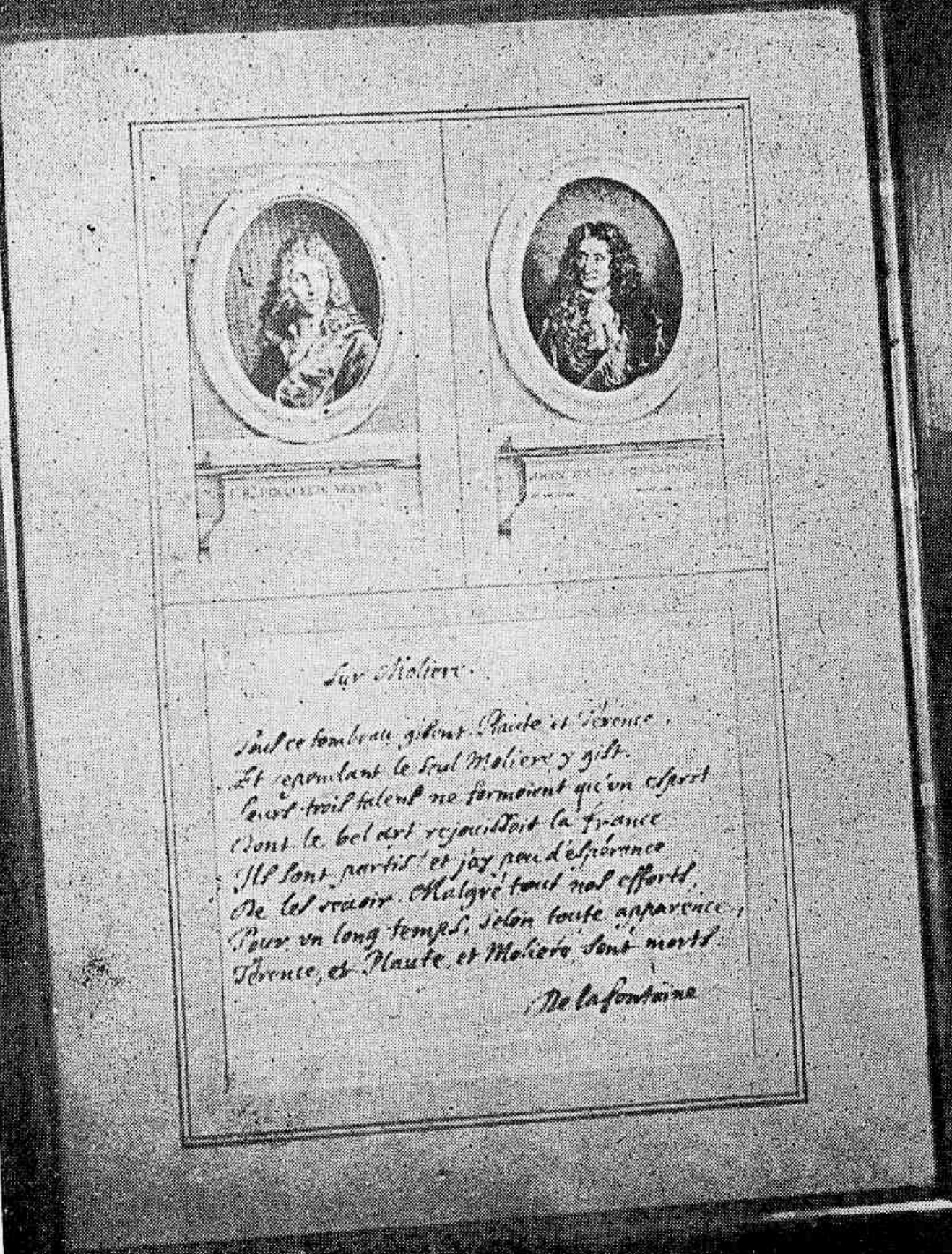


público gritava: «Place au facteur!». O coitado do mensageiro teve que abrir a carta ele mesmo e berrar o conteúdo dela debruçando-se sobre a última fila das aristocráticas cadeiras. Alguns nobres, aliás, incumbiram-se de ajudar a protagonista, repetindo para ela, em voz alta, as palavras do mensageiro, numa espécie de telegrafia rudimentar.

Esse mau hábito só foi eliminado na segunda metade do século XVIII por obra de Voltaire, que desencadeou uma grande batalha polêmica em prol da verossimilhança teatral, ameaçando o teatro com a proibição de suas tragédias. Como ele fosse o autor do dia, o único que garantia grandes receitas, a direção da Comédie teve afinal a coragem de enxotar de seus bancos os privilegiados da Corte e da nobreza.

A idade de Voltaire, de Marivaux, de Beaumarchais, seguia-se à de Cornille, Racine e Molière. Tudo — desde o conteúdo das obras até ao desaparecimento das banquettes — contribuía à criação de uma nova atmosfera, em que hoje reconhecemos o primeiro sinal da Revolução Francesa. Os grandes atores dessa época foram Adrienne Lecouvreur, Le Kain e, especialmente, mademoiselle Clairon, que (ao contrário de Lecouvreur, cuja carreira foi bem rápida, devido à sua morte misteriosa) exerceu uma verdadeira ditadura, por quase quarenta anos, sobre a Maison de Molière. A arte desses atores era uma arte «de dizer», ou melhor ainda, uma arte «de declamar», pois a arte «de representar» ficava reduzida a uns esquemas convencionais, cuja tradição permanece ainda hoje inalterada no teatro de ópera: gestos fixos, para exprimir de maneira abstrata os sentimentos fundamentais: cólera, es-

O manuscrito original do "Mariage de Figaro", de Beaumarchais, existente no arquivo da Comédie-Française.



Uma das preciosas reliquias do arquivo da Comédie-Française: uma carta autógrafa dirigida pelo fabulista e dramaturgo La Fontaine ao ator e comediógrafo Molière.

panto, loucura, dor, etc. Também a mise-en-scène reduzia-se ao papel pintado, sem nenhuma preocupação arquitetônica e sem outra iluminação a não ser a dos candelabros, pendentes do alto, ou das pequenas velas da ribalta, cujo fogo constituía uma ameaça permanente para o teatro. E' preciso dizer, porém, que os cenógrafos dos séculos XVII e XVIII sabiam pintar seus cenários de maneira tão realista, com tais milagres de perspectiva, que ainda hoje, observando seus trabalhos nas estampas, ficamos espantados diante dos efeitos de altura, profundidade e complexidade, que eles sabiam obter com seus fabulosos pincéis. A escola italiana dos irmãos Bibbiena tinha influido enormemente sobre essa especialidade da Comédie Française. Do ponto de vista das roupas, o teatro clássico francês, assim como a pintura italiana da Renascença, desconhecia aquelas preocupações de verdade histórica que nós herdamos do naturalismo: aliás, hoje em dia, nossas concepções teatrais são tão limitadas, a esse respeito, que chega a causar-nos espanto o fato de Laurence Olivier e a «Old Vic» terem representado «Hamlet» em roupas modernas. No teatro francês clássico, gregos e romanos apareciam nos trajes de Versailles e de Fontainebleau, assim como nas pinturas murais de Veronese e de Tiépolo as figuras da Bíblia e da mitologia acompanhavam a moda de Veneza.

Desde a ruidosa estréia do «Mariage de Figaro», de Beaumarchais, até a aparição dos poetas românticos, assistimos a um eclipse da poesia dramática, ameaçando a própria vitalidade da Comédie, privada da grande matéria-prima do teatro: os textos contemporâneos. A Revolução Francesa não deu nenhum teatrologo notável: a época napoleônica

reduziu o teatro a um instrumento de propaganda, sufocado pela Censura, quase que antecipando os sistemas de Hitler. O único ponto valioso da atividade da Casa de Molière nesses tempos foi a presença de Talma, um dos maiores atores que o mundo já conheceu.

Quando o prefácio de «Cromwell» lançou à Europa o verbo romântico, a Comédie não estava preparada para receber os inovadores. Seu estilo teatral, muito embora modernizado na parte cenotécnica, permanecia declamatório e antiquado, devido à insistência forçada sobre o mesmo repertório. A Comédie custou a entrar na esfera dos novos gostos; mas, afinal, o romantismo venceu.

Quem conseguiu impor de maneira definitiva os novos escritores — Hugo, Vigny, Musset, Dumas — foi um jovem poeta e crítico (jovem em 1847), o mesmo a quem Baudelaire dedicou seus «Petits poèmes en prose»: Arsène Houssaye, que foi nomeado diretor da Comédie por Napoleão III, quando este era ainda presidente da República. A nomeação de Houssaye foi combatida de todas as formas pelos atores, mas os princípios literários que ele defendia acabaram ganhando, por força dum argumento que no teatro é decisivo: o aumento vertiginoso das receitas.

Os diretores que sucederam a Houssaye — Perrin, Claretie, Hervieu — trouxeram à Comédie Française um novo repertório: o do realismo burguês, representado por Dumas Filho, Sardou, Angier e outros. O único movimento literário que nunca conseguiu entrar na Comédie foi o naturalismo de Zola e seus sequazes; eles ficaram, como exilados e rebeldes, no teatrinho de Antoine. O próprio Becque, o maior tea-

Detalhe da biblioteca, onde são arquivados cuidadosamente os documentos referentes a cada um dos atores da Comédie Française.

trólogo do naturalismo, viu sua obra-prima — «La Parisienne» — representada na Casa de Molière depois de vinte e dois anos de expectativa!

No século XIX, a Comédie Française lançou uma série de atores inesquecíveis: Firmin, Bocage, Worms, os Coquelins, Mlle. George, Mme. Rachel e, afinal, Sarah Bernhardt, que eclipsou todas as glórias da época com a enorme popularidade e autoridade que alcançou. Ela abusou muitas vezes dessa autoridade; e, naturalmente, houve momentos em que a direção se cansou de aturar sua prepotência. Resultado: Sarah Bernhardt largava a Comédie. Depois de um ano ou dois, ela voltava. As relações entre ela e o máximo teatro francês sempre se assemelhavam às brigas de dois namorados.

O caráter não perfeitamente açucarado de Sarah Bernhardt revelou-se logo no começo de sua carreira. Quando ela entrou para a Comédie, travou-se verdadeira luta entre ela e Sophie Croizette. Na peça «Le sphinx», de Octave Feuillet, houve o célebre «caso do luar». Durante o ensaio geral, tudo se passava na maior calma, até metade do terceiro ato. Cenário: um jardim. Sentados num banco, Sophie Croizette e o ator Delaunay estavam se beijando. Nesse momento devia aparecer Sarah Bernhardt, no papel da esposa enganada. Um luar azul iluminava a cena. Quando Sarah entrou, o luar envolveu também sua figura. Aqui surgiu da platéia a voz do diretor, Perrin:

— Quero só um efeito de luz. Apaguem o luar da senhorita Bernhardt.

A atriz insurgiu:

— O senhor não tem o direito de me tirar meu luar. A rubrica diz: «Berta avança, pálida, agitada, sob os raios do

lunar». Eu sou pálida, sou agitada, quero meu luar.

— Impossível — retrucou Perrin. — Mlle. Croizette nessa cena deve aparecer como a heroína da peça.

— Então dê um grande luar a ela e um pequeno a mim. Não faço questão do tamanho, mas quero meu luar.

A questão tornou-se complicadíssima, mas afinal o diretor, aconselhado pelo próprio autor, teve que se render.

Depois da época de Sarah Bernhardt, a Comédie Française entrou numa nova crise de repertório, à qual tentou escapar com o mesmo recurso de que já lançara mão no começo do século passado: a volta aos clássicos. O resultado também foi o mesmo: desinteresse do público e fossilização do estilo teatral, apesar de grandes atores, entre os quais destacava-se Cécile Sorel. Nem a direção de Henry Bernstein conseguiu solucionar a crise.

O verdadeiro salvador da Comédie Française, neste século, foi Edouard Bourdet, que, logo após sua nomeação, contratou os melhores diretores do teatro de vanguarda, desde Copeau até Dullin e Baty. Eles não ficaram muito tempo na Casa de Molière, porém ampliaram os horizontes do repertório e de cenotécnica, conseguindo também treinar toda uma nova geração de atores.

Afinal, quem disse a palavra definitiva sobre a Comédie foi Anatole France, quando afirmou: «A Comédie Française faz questão de introduzir as inovações só quando deixaram de ser motivo de discussão. Nisso ela se parece com a Igreja Católica, que é monarquista quando todo mundo é republicano e liberal, quando todo mundo é socialista. Aliás, esse é o procedimento de todas as instituições eternas. A Comédie Française já descobriu o segredo da eternidade».



MEU NOME É ARÃO

CONTO DE WILLIAM SAROYAN
 TRADUÇÃO DE LUCIA BENEDETTI

Houve um tempo, nos bons velhos tempos, em que eu tinha nove anos, o mundo estava cheio de magnificências e a vida era um sonho misterioso, cheio de delícias. Foi quando o meu primo Mourad, considerado doido por todo mundo, menos por mim, bateu certo dia, às quatro da madrugada na janela do meu quarto e me acordou.

— Arão! disse.

Dei um pulo da cama e fui olhar na janela.

Não podia acreditar no que estava vendo.

O dia ainda não tinha raiado, mas estávamos no verão e a madrugada andava por perto, de forma que havia bastante luz para ver aquilo que eu não acreditava.

Meu primo Mourad estava montado num belíssimo cavalo branco.

Estiquei a cabeça fora da janela e esfreguei os olhos.

— Sim, disse ele em armenio, é um cavalo mesmo. Não é sonho não! E trata de andar depressa se quiser montar nele um pouco.

Eu sabia que meu primo Mourad amava a vida mais do que qualquer outra pessoa que tivesse vindo a este vale de lágrimas sem ser consultado. Mas, fa-

zer aquilo, francamente, era inacreditável.

Antes de mais nada, minhas memórias, as mais remotas, se prendiam a cavalos e ao desejo de montá-los.

Esse era o lado maravilhoso.

Em segundo lugar, nós éramos pobres.

E esse era o lado que não me permitia acreditar naquilo que meus olhos viam. Eramos pobres. Não tínhamos dinheiro. Toda a nossa família estava atacada da mais rigorosa pobreza. Cada grupo dos Garoghlanian vivia na mais cômica e espantosa penúria do mundo. Ninguém conseguia saber como é que o alimento surgia para nos matar a fome. Nem mesmo os membros mais idosos da tribo. Além do mais, nós éramos célebres pela nossa honestidade. A nossa fama de honestos rolava há mais de onze séculos, e não nos abandonou nem mesmo na época em que a família esteve na riqueza. Em primeiro lugar éramos cheios de amor próprio, em segundo lugar, honestos. Depois disso, acreditávamos que haviam certas coisas que eram erradas. Nenhum de nós seria capaz de ludibriar o próximo.

Consequentemente, embora eu pudesse ver o cavalo, — e que magnífico cavalo! embora eu o pudesse cheirar, e escutá-lo resfolegar, eu não podia acreditar que aquele maravilhoso quadrúpede tivesse qualquer coisa que ver com o meu primo Mourad, comigo ou qualquer outro membro da família.

Eu sabia que meu primo Mourad não o podia ter comprado. E se não o tivesse comprado, era então porque o havia roubado. E nisso eu não podia acreditar.

Nenhum membro da nossa família seria capaz de roubar.

Olhei bem para o meu primo, depois olhei para o cavalo. Ambos estavam como que envolvidos por uma serenidade tocada de humor, que por um lado me encantava, mas, por outro, me metia medo.

— Onde você roubou esse cavalo, Mourad? perguntei.

— Salta dessa janela se quer montar, retrucou ele.

Então era verdade. Ele havia roubado o cavalo! Não podia haver dúvida.

Agora, cabia a mim decidir, se queria montar ou não.

Bom. Pareceu-me, naquele instante, que roubar um cavalo não era o mesmo que roubar qualquer outra coisa. Podia ser até que nem fosse roubar propriamente. Se você fosse louco por cavalos, como eu e meu primo Mourad éramos, viria logo que aquilo não podia ser roubado. Não se transformaria em roubo, pelo menos, até o momento em que resolvessemos vender o cavalo. E, isso eu tinha certeza de que nenhum de nós o faria.

— Espere um instante que vou me vestir, respondi.

— Está bem. Mas ande logo!

Vesti-me às carreiras, pulei a janela e subi na garupa do cavalo.

Naquele ano estávamos morando à margem da cidade, na Avenida Walnut. Depois do nosso quintal, o campo, com suas chácaras, seus vinhedos, sulcos para irrigação artificial e as estradas.

E, menos de três minutos tínhamos atingido a Avenida Olive e o cavalo começou a trotar. O ar estava como que novo e era uma delícia respirar. Meu primo Mourad, que, conforme já disse, era considerado um dos membros mais malucos da família, começou a cantar. Ou por outra, começou a berrar. Cada



volta ao dono ou então escondê-lo até amanhã de manhã...

Não parecia preocupado e eu tinha certeza de que o cavalo seria escondido e não voltaria ao dono. Pelo menos, por enquanto.

— Onde é que você vai escondê-lo?

— Conheço um certo lugar, disse-me.

— Há quanto tempo você roubou este cavalo?

Não sei porque, de repente tive a intuição de que meu primo andava fazendo aquelas cavalgadas matinais há muito tempo e tinha me chamado naquela manhã apenas porque se lembrara de que eu também era maluco por cavalos.

— Quem foi que disse que eu roubei este cavalo?

— Bom. Desde quando você anda por aí a cavalo de madrugada?

— Esta é a primeira vez, respondeu.

— Isso é verdade?

— Não é verdade. Mas, se alguém nos descobrir, é o que devemos dizer. Não é bom que nos chamem de mentirosos. Eu e você devemos dizer a mesma coisa. Foi a primeira vez que montamos nele.

— Está bem, concordei.

Ele levou o cavalo, o mais silenciosamente possível até uma cocheira abandonada, que havia numa ex-plantação de vinhedos, outrora o orgulho de um sujeito chamado Fetvajian. Havia um pouco de aveia e até alfafa na cocheira.

Tratamos de voltar para casa.

Então me disse que não era assim tão fácil, como eu pensava, lidar com cavalos. Aquêle, a princípio, quisera correr como um danado, mas — conforme me explicara — ele tinha um dom especial para lidar com cavalos.

— Posso obrigá-los a fazer tudo aquilo que eu quiser. Os cavalos me compreendem.

— Como é que você faz?

— Eu tenho um certo jeito para lidar com eles.

— Sim, mas que jeito?

— É um jeito honesto e simples, respondeu:

— Bom, disse eu, quem me dera ter também esse jeito e conseguir plena compreensão da parte dos cavalos!

— Você ainda é muito criança. Quando tiver treze anos saberá tanto quanto eu. Fui para casa e comi como um desesperado.

A tarde, meu tio Khosrove veio até nossa casa para tomar um café e fumar um cigarro. Sentou-se na sala, bebendo, fumando e lembrando os velhos tempos. Não demorou muito e chegou outra visita, um fazendeiro chamado John Byro, sírio, mas, como se sentia muito só resolvera aprender armenio. Minha mãe serviu-lhe café e fumo. Ele bebeu o café e começou a enrolar os cigarros, e por fim, com um suspiro de tristeza, queixou-se:

— O cavalo que me roubaram no mês passado ainda não aparece!

Meu tio ficou logo irritado:

— Não faz mal! Isso não tem importância! Que é que tem perder-se um cavalo? Nós todos perdemos nossa pátria, não perdemos? E então, como é que se pode chorar por causa de um cavalo?

— Isso pode não ter importância para você que mora na cidade, retrucou o sírio. Mas, para mim tem. Eu possuo uma charrete. Que é que adianta uma charrete sem cavalo?

— Não faz mal, berrou meu tio.

— Mas tive que andar dez milhas até chegar aqui, continuou John Byro.

— Você tem pernas, retrucou meu tio.

— Mas minhas pernas estão doentes?

— Não tem importância! urrou meu tio Khosrove.

— Um cavalo que me custou sessenta dólares!

— Bolas para o seu dinheiro!

E assim dizendo, ergueu-se, e saiu de casa, batendo a porta com toda a força. Minha mãe começou a dar explicações. Era um homem com um coração de ouro. Mas infelizmente sentia nostalgia da terra dele e além do mais era um homem tão grande...

O fazendeiro foi embora e eu corri até a casa do meu primo Mourad.

Encontrei-o sentado debaixo de uma árvore, consertando a perna de um passarinho. Conversava com a ave.

família tem sempre um ramo que não é lá muito certo. E meu primo Mourad era considerado herdeiro natural dessa tara familiar. Antes dele já havia o meu tio Khosrove, um homem imenso, de cabeleira abundante e o mais vigoroso bigode de todo o vale de S. Joaquim. Era um homem tão violento, tão irritável, tão impaciente que conseguia pôr termo a qualquer conversa com estas palavras: — "Não faz mal! Isso não quer dizer nada!"

Era o que dizia, não importando o que o outro estivesse falando. Uma vez seu filho Arak correu oito quarteirões sem parar para avisar seu pai que a casa estava pegando fogo. Khosrove estava no barbeiro aparando seu poderoso bigode.

Dali mesmo, da cadeira, sem se mexer, berrou: "Não faz mal! Não tem importância!" Foi então que o barbeiro interveio:

— Mas o menino diz que a sua casa está pegando fogo!

E Khosrove berrou de novo:

— Já sei. Não tem importância!

Meu primo Mourad era considerado descendente direto desse homem, embora o pai de Mourad fosse Zorab, que era um sujeito prático e nada mais. Nossa família era desse jeito. Um homem podia ser o pai de seu filho carnalmente, mas isso não queria dizer que o fosse em espírito. E a distribuição de espíritos na nossa tribu, desde os tempos mais remotos, tem sido sempre variada e de um certo modo caprichosa.

Nós cavalgávamos e meu primo cantava.

Estávamos, pelo que podíamos deduzir, dentro ainda do nosso país, e, pelo que diziam nossos vizinhos, a ele pertencíamos. Deixamos que o cavalo corresse enquanto cismou de correr.

Por fim meu primo Mourad falou:

— Agora desce que eu quero andar sózinho.

— Depois você me deixa andar sózinho também?

— Isso é com o cavalo, retrucou meu primo. Desce.

— O cavalo deixará que eu o monte sózinho, disse eu.

— Veremos. Não se esqueça de que eu tenho um certo jeito para entender os cavalos.

— Qualquer jeito que você tenha para entender cavalos eu também tenho, respondi confiadamente.

— D-us queira que sim.

— Então não se esqueça de que eu também quero montar sózinho.

Descei e meu primo apertou os pés contra a barriga do cavalo e gritou:

— Corre, Vazire.

O cavalo ficou parado um instante, relinchou e saiu desabalado. Era uma corrida tão linda como nunca vi igual. Meu primo correu por um campo de pastagem ressequido, atravessou os canais de irrigação e, cinco minutos depois, estava junto de mim outra vez. O cavalo estava coberto de suor.

O sol começava a despontar.

— Agora é a minha vez, disse.

Meu primo Mourad saltou do cavalo.

— Monta, disse ele.

Subi no cavalo e por um instante senti o medo mais atroz que se possa imaginar.

O cavalo não se mexeu.

— Dá com os pés nele, disse meu primo Mourad. Que é que você está esperando?

Nós temos que escondê-lo antes que qualquer pessoa por aqui se lembre de levantar.

Meti os pés no cavalo. Outra vez ele relinchou. E subitamente se pôr a correr. Eu não sabia o que fazer. Em vez de seguir pelo campo de pastagem e depois pelo canal de irrigação, o cavalo rumou para a estrada. Dali para a plantação de vinhedos de Dikran Halapian, onde começou a saltar as sebes de uvas.

O cavalo saltou umas sete, antes de me derrubar. E depois continuou a correr. Meu primo Mourad veio correndo.

— Pouco me importo com você, gritou. Nós temos que pegar esse cavalo. Você vai por este lado que eu vou por aquele. Se você chegar perto dele primeiro, não o assuste. Eu chego logo depois.

Eu continuei ao longo da estrada e meu primo Mourad deu a volta pelos canais de irrigação.

Levou meia hora até achar o cavalo e trazê-lo de volta.

— Monte, disse ele. A esta hora todo mundo já está de pé!

— Que é que vamos fazer? perguntei:

— Bom, disse ele, podemos levá-lo de

A VIDA DE JONATHAN SWIFT

1667-1745

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre.

A história de Jonathan Swift é a tragédia de um gigante acorrentado por utilitários. Mas é também a comédia de um misantropo que sabia rir das cadelas que o prendiam. Tinha um cérebro forte demais num corpo excessivamente débil — combinação que converte um homem em um pregador monótono ou num sarcasta brilhante. Jonathan Swift fez ambas estas coisas.

A superioridade de sua inteligência ficou demonstrada quando ele tinha três anos. Nessa idade já era capaz de ler, sozinho, a Escritura. E a fragilidade de seu corpo ficou demonstrada quase que ao mesmo tempo. Desde a mais tenra infância sofreu ataques periódicos de tonturas e vômitos.

Efetivamente toda a sua vida foi uma mistura de contradições. Estas começaram no berço. Embora filho de ingleses, nasceu na Irlanda e lá viveu a maior parte de sua vida. Sua natureza ficou marcada por esta dupla influência de descendência e ambiente: cresceu com o espírito de um inglês e o coração de um irlandês.

Perdeu o pai quando tinha seis meses e, ao completar doze meses, foi raptado por sua amada mãe. Chegando ao conhecimento desta que lhe morrerá um tio deixando-lhe uma herança na Inglaterra, embarcou para lá num navio sem de nada avisar a patroa... e levou consigo o pequeno Jonathan. Somente três anos mais tarde o menino voltou para perto de sua mãe, e voltou com um profundo amor à Bíblia e com um gosto endiabrado de fazer troça de tudo.

Aos seis anos entrou para o ginásio de Kilkenny e aos catorze matriculou-se no Trinity College de Dublin. Ali demonstrou "paixão pela leitura e aversão pela disciplina". Mal conseguiu um certificado de aprovação nos estudos, mas não o diploma definitivo devido à sua "desnecessária insolência para com o Junior Dean". Voltou para casa desonrado.

Conseguiu, contudo, apesar de sua "desnecessária insolência", o emprego de secretário de Sir William Temple, escritor medíocre, íntimo conselheiro do rei da Inglaterra e — assim diziam os mexericos maliciosos mas provavelmente falsos — pai "natural" do próprio Jonathan. O emprego representava um salário de vinte libras por ano e um lugar na segunda mesa, com os criados da casa.

E assim, com o bolso cheio mas com o orgulho abastado, o jovem e brilhante secretário ia pondo por escrito os pensamentos do seu velho e medíocre patrão. E nos momentos de ócio — que não eram muitos — apontava também os seus próprios pensamentos quase sempre em verso.

Mas nos raros momentos de lazer do seu aprendizado, o jovem Jonathan encontrou outra diversão: ensinar a uma meninazinha chamada Ester (ou Stella) Johnson. Essa linda criança de oito anos fazia parte da casa de Sir William. Sua posição ali, bem como sua origem, pareciam envoltas em mistério. Legalmente batizada como filha da governante de Sir William e de Edward Johnson, seu mordomo, era muito benquista do dono da casa, sendo tratada como pessoa da família. Os mexericos diziam — e desta vez provavelmente com razão — que Stella era também uma filha natural de Sir William. Seja como for, Sir William não só lhe prometeu um legado quando morrer, mas lhe proporcionou uma educação aprimorada sob a orientação de Jonathan Swift.

O jovem Swift gostava de ensinar a Stella. Quanto a esta adorava seu alto e simpático preceptor dono de uma língua cáustica e de um sorriso amável.

Estas relações amistosas entre mestre e discípula duraram, com interrupções, nove anos. Então Jonathan Swift mudou de emprego. Foi despachado capelão de Dublin Castle. O jovem cura ficou contente com a honra espiritual porém não lhe agradou a parte material do emprego. Resolvido a abraçar a carreira eclesiástica, almejava atingir os postos mais elevados da Igreja da Inglaterra em vez de ser apenas um broto do ramo irlandês desta. Todavia, aquilo que ele mais desejava — um lugar proeminente na Igreja da Inglaterra — foi a coisa que seus superiores lhe negaram com mais energia. Pois este "clérigo louco" — como o chamavam os superiores — tinha um cérebro capaz das maiores surpresas e uma pena livre demais para um líder da fé ortodoxa. Não havia como prever que bomba ele era capaz de lançar inopinadamente sobre os membros da sua igreja. Como era do conhecimento geral, já ele escrevera — embora ainda não a tivesse ousado publicar — uma sátira arrasadora contra algumas práticas religiosas na Europa. Chamara sua sátira *história de um barril*, título que, segundo explicava no prefácio, lhe fora inspirado por um costume popular entre os marinheiros. Quando encontram uma baleia, dizia, jogam no mar um barril vazio que, distraído a atenção do cetáceo o impede de atacar a embarcação. Dessa mesma maneira ele lança a sua história para evitar que os infiéis ataquem a Igreja.

E continua, mostrando como o cristianismo se desviou da religião de Cristo. Ilustra sua tese com uma alegoria sobre um homem que legou três casacos de igual valor a seus três filhos: Pedro (a Igreja Católica), Martin (a Igreja da Inglaterra) e Jack (a Igreja Calvinista). "Estes casacos" — disse o pai — "durarão sem a menor dúvida enquanto vocês viverem... Usem-nos e escovem-nos com frequência... Além disso, dispus em meu testamento que os três vivam na minha casa como irmãos, pois assim, terão certeza de prosperar".

Os três irmãos tomaram os casacos — continua Swift — e esqueceram-se em seguida do testamento do pai. Cada qual começou a remodelar o próprio casaco, procurando sempre tê-lo de acordo com a moda do dia.

Finalmente Pedro, tendo adornado seu casaco com ombreiras, com galões de ouro e diversas outras coisas até não ser possível reconhecê-lo mais como o original deado pelo pai, passou a proclamar que era o único dono do verdadeiro casaco. Além disso, declarou que somente ele era dono da casa de seu pai e imediatamente expulsou a pontapé os dois irmãos.

Estes, escreve Swift, voltaram então a examinar o testamento do pai (a Bíblia) e tentaram restaurar os próprios casacos de acordo com a simplicidade inicial.

Em sua tentativa, conclui Swift, Martin teve um certo êxito. Arrancou do casaco todos os bordados desnecessários, tendo o cuidado de deixar apenas os adornos que serviam para realçar ou para esconder um defeito. Entretanto Jack estava tão aflito por simplificar seu casaco que acabou reduzindo-o a um trapo. E quando o povo veio vê-lo ou rir-se dele... mas o resto da história é grosseiro em demasia para paladar moderno.

Somente vários anos depois de concluída é que a *História de um barril* foi publicada... anônimamente. Embora idealizada como uma parábola para mostrar as



Jonathan Swift.

preferências de seu autor pela Igreja da Inglaterra, não logrou a aprovação dos bispos e arcebispos. Acharam graça na sátira de Swift contra os defeitos das outras igrejas mas ficaram muito zangados com as alusões feitas aos da igreja anglicana. Este jovem capelão — resolveram eles — era sabido demais, e isso não lhe faria nenhum bem. Era um homem que se devia mirar, mas também vigiar.

II

Um dia, quando Swift já era um velho, passou os olhos por algumas páginas de sua *História* e murmurou: "Meu Deus, como eu tinha talento quando escrevi este livro!". Isso foi a sua desgraça. Seu gênio era grande demais para a compreensão dos seus contemporâneos. Os espíritos tacanhos tinham medo do intelecto superior. Conservaram-no deliberadamente agarrado, transferindo-o de uma situação obscura para outra igualmente sem importância. De Dublin Castle para uma paróquia do interior, em Laracor. Da, novamente para a catedral de St. Patrick, em Dublin. Mas, nada do bispado para ele na Inglaterra nem ainda na Irlanda. O deado foi o cargo mais alto que se animaram a oferecer-lhe. Swift doutorara-se em teologia, captara a amizade dos homens mais influentes da Inglaterra, jantara com o Primeiro Ministro e jogara cartas com o Secretário do Tesouro. Mas tudo em vão. Sempre que se candidatava a uma posição importante da Igreja, recebia uma delicada recusa. Sua pena estava excessivamente embebida de fogo e de enxofre. Certa vez chegou a apelar diretamente para a rainha... e recebeu a mesma resposta negativa.

O deão Swift permaneceu a mais famosa das nulidades da sua época.

Mas, com tudo isso, exteriormente continuou alegre. Seus dias, apesar dos ataques demasiadamente frequentes de tontura, eram cheios de epigramas e de risos. Amava individualmente as pessoas, embora as odiasse em globo. Era um tipo de homem alto, vigoroso, moreno, dos que estão sempre em foco, de olhos penetrantes, sobrancelhas negras e espesas, dotado de voz sonora. Que histórias não sabia contar! E que linguagem usava, especialmente quando não havia senhoras presentes! E que cavalheiro para com as damas! — não obstante certos rumores acerca de sua deficiência orgânica.

Externamente era um homem jovial e interiormente era um vulcão de ira. Consciente de sua superioridade sobre os figurões da época, diante deles, tinha de manter-se em atitude de laço. Indo espontaneamente a Londres em missão favorável aos irlandeses, conheceu os dois estadistas ingleses mais conspícuos (Bolingbroke e Harley), tentou como pôde angariar-lhes a simpatia ("em Londres um homem deve andar de gatinhas") e tornou-se seu palhaço favorito, mas sem paga.

Como Defoe, escreveu panfletos políticos para Harley. Diferiu, porém, de Defoe, visto como declinou qualquer recompensa pelo trabalho. Em certa ocasião, ao apertar a mão de Harley, este passou-lhe discretamente uma nota de cinquenta libras. Ofendido, o panfletário atirou a nota ao rosto de Harley, retirou-se altivamente da sala e recusou-se a ver de novo Harley até que este o procurou em sua casa para apresentar-lhe pessoalmente suas desculpas.

O que Swift queria em troca de seu trabalho não era dinheiro mas promoção. E isto ele nunca foi capaz de conseguir nem de Harley nem de qualquer outra pessoa.

Contudo, sua estada na Inglaterra, apesar de ter sido um fracasso político, foi um triunfo intelectual. Tornou-se a figura central nos cafés, onde as inteligências mais vivas de Londres se reuniam para seu diário duelo de línguas. O "clérigo louco" era sem a menor dúvida o mais hábil, se não era sempre o mais sutil dos duelistas. Seus golpes eram fundos e decisivos. Quando realmente queria ferir, não andava com meias medidas. "Ninguém", escreve um dos seus biógrafos, Bertram Newman, "teve jamais tanta inteligência e tão pouco humor como Swift".

Possuía um tipo curioso de engenho, qual o de mascarar sem dó nem piedade a hipocrisia que cobre a fealdade da vida, uma clínica *reductio ad absurdum* — uma redução da pompa do fantástico ao absurdo do real. Seu talento sarcástico aflorava em seus atos tanto amistosos como hostis. E seus atos eram outras tantas surpresas — tanto mais inesperados quanto mais lógicos. "Uma noite", escreve o poeta Alexander Pope, "Gay (autor de *The Beggar's Opera*) e eu fomos visitar Jonathan Swift — sabemos como éramos íntimos. Ao entrarmos em sua casa, diz o doutor: — Ora viva senhores — que significa esta visita? Que foi que houve para que deixassem os grandes lordes que tanto amam, para virem visitar um pobre deão?"

— Porque preferimos vê-lo a procurar qualquer deles.
— Quem não os conhece tão bem como eu poderia acreditar no que dizem? Mas, desde que estão aqui, creio que devo arranjar um jantar para ambos, não é?
— Não, doutor. Já jantamos.
— Já jantaram! É impossível. Ainda não são oito horas.

— Já jantamos, sim, doutor.
— É muito estranho. Mas, se não tivessem jantado, eu deveria oferecer-lhes alguma coisa. Dêem-me pensar: que poderia ser? Uma ou duas lagostas? É, isso serviria perfeitamente — dois shillings: tortas — um shilling. Mas não irão beber comigo um copo de vinho, embora tenham jantado tão fora da hora habitual apenas para pouparem o meu dinheiro?

— Não. Preferimos conversar a beber com o senhor.
— Mas, se tivessem jantado comigo, o que deviam ter feito em boa razão, deviam beber um copo em minha companhia. Uma garrafa de vinho — dois shillings. Dois e dois são quatro, e um são cinco. Apenas dois shillings e seis pence cada um. Aqui está, Pope, meia caroa para você; e outra para o senhor, pois estou resolvido a não economizar nada à custa de ambos.

"E, apesar de tudo o que alegamos em contrário", conclui Pope, "insistiu até obrigar-nos a receber o dinheiro".

Tal a indole estranha do deão Swift: sarcástico, amável, vivaz, rabugento — um escritor aplaudido pelo seu gênio, um pregador desprezado pela sua franqueza, uma celibridade citada em toda a parte e em nenhuma parte entendida. Voltou da Inglaterra carregado de honrarias e com a recusa ao seu pedido de emprego. Um titã algemado num mundo de pigmeus.

Mas, antes de deixar seus pigmeus ingleses, divertiu-se à custa deles. Na pessoa de John Partridge furo-lhes o balão da vaidade. Partridge que era de ofício sapateiro remendão, tentou passar por profeta. Publicou um almanaque astrológico no qual fazia predições anuais de coisas que iriam acontecer. Para desmascarar publicamente a estupidez dessas predições, Swift publicou — sob o pseudônimo de Isaac Bickerstaff — outro almanaque com uma relação de suas próprias profecias. "Minha primeira profecia", escreveu ele, "refere-se a Partridge, o fazedor de almanaques. Consulte a estrela de seu nascimento... e diga que ele morrerá infalivelmente".

(Continua na pág. 56)

DA EUROPA A' PALESTINA EM DOZE MESES

UM NAVIO FANTASMA, SUPER-CARREGADO DE PASSAGEIROS, E' COLHIDO PELO BLOQUEIO INGLÊS — DEPOIS DE UM ANO NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO EM CHIPRE, CHEGAM À TERRA PROMETIDA, FINALMENTE, OS REFUGIADOS JUDEUS — RELATO IMPRESSIONANTE DE UMA TESTEMUNHA VISUAL

Por ZIG WARSHAVSKY

(Especialmente para REVISTA DA SEMANA)

NAQUELE dia a atividade a bordo era fora do comum. Ninguém da tripulação tinha recebido permissão para baixar à terra. Pessoas estranhas a nós vinham e partiam apressadas. Na manhã anterior, depois de termos estado ancorados por cerca de uma semana a alguns quilômetros de distância, havíamos atracado naquele calmo e silencioso porto do mar Negro. No porto havia então muito pouco movimento. Além de um grande cargueiro russo que já se preparava para levantar ferros, viam-se aqui e ali alguns pequenos cargueiros e barcos de pesca. Havíamos sido proibidos, de antemão, de falar a qualquer pessoa desconhecida, sobre a natureza da nossa viagem e, de uma maneira geral, devíamos evitar conversas com estranhos. Naquela noite, após mais de seis meses de árduos trabalhos e inúmeras dificuldades, depois de termos navegado de porto em porto e de país em país, para fazermos as necessárias instalações e carregar mantimentos, estávamos finalmente prontos a embarcar nossa preciosa «carga», que até então apelidávamos, por medida de segurança, de «bananas», — a nossa «carga» humana! Sim, estávamos prontos a receber os nossos 2.500 passageiros, gente que tinha passado pelo inferno da Europa nazista e saído viva. Gente perseguida e maltratada pelo crime de ser judia; estes «criminosos» chamados pelo governo inglês de «imigrantes legais» rumo à Palestina. Naquela noite, às 9 horas, deveriam eles chegar. Esta era a razão de toda a extraordinária atividade a bordo. Os maquinistas davam um último retoque às poderosas máquinas e verificaram se tudo estava em perfeita ordem. Não podíamos correr o

risco de um desarranjo nas máquinas durante esta última etapa da viagem. O pessoal da coberta fazia já os preparativos para uma rápida partida, pois não haveria muito tempo para fazê-lo mais tarde. A tarde havíamos recebido as últimas instruções de como organizar o embarque e o alojamento dos passageiros. Em companhia da tripulação de mais um navio, da «Allah Beit», que se encontrava no mesmo porto, e que deveria ser carregado três dias mais tarde, e nos indicaram os diversos postos que deveríamos ocupar, para ajudar a «arrumar» os passageiros nas «prateleiras», onde deveriam viver nos oito dias da viagem.

Lentamente o dia foi passando; caiu a noite e aproximava-se a hora em que o «transporte» deveria chegar. As 9 horas ainda não tinham aparecido. A impaciência de que estávamos tomados no início transformara-se em uma insupor-

tável tensão nervosa. Nove e meia e ainda não tinham vindo. Teria acontecido algo? Teria aparecido alguma dificuldade outra vez? Não podia ser. Isto não deveria acontecer. Já nos haviam garantido que tudo tinha sido bem arranjado. A travessia das fronteiras, os meios de transporte, as «formalidades legais», tudo tinha sido resolvido.

OS TRENS DA MADRUGADA

O silêncio eletrizante que nos envolvia foi repentinamente rasgado por um estridente apito vindo da escuridão quase palpável daquela noite fria e úmida, naquele estranho porto balcânico. Os nossos corações pulsavam descompassadamente. Seriam «eles» que vinham? Um tremor nos sacudiu a todos e a ansiedade de que isto fosse a verdade, se estampava em todas as faces.

E, de fato, pelos trilhos cujo aço frio

luzia com o reflexo das luzes mortíferas da doca, e que haviam sido desocupados dos vagões de carga que geralmente ali se encontravam, vieram rolando cautelosamente os longos trens que saíam como sombras da escuridão. Primeiro de um e em seguida outro. Ao lado do armazem em freio ao qual estávamos amarrados, pararam os comboios de carga que traziam os nossos passageiros.

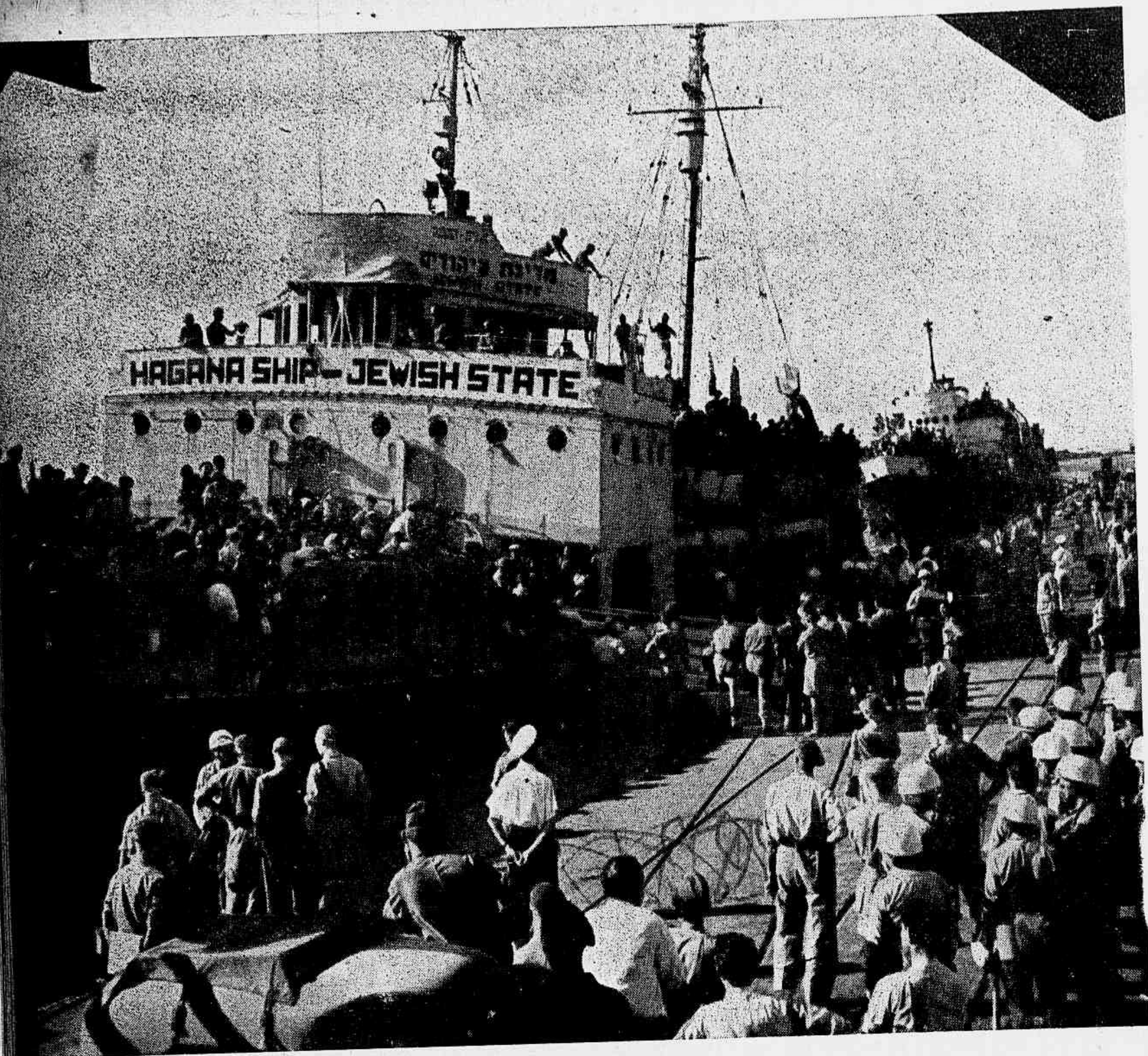
Uma após outra, abriram-se lentamente as pesadas portas dos sujos e superlotados vagões. Os homens, inclinando as cabeças para fora, primeiro hesitaram e depois, ouvindo conversar em «idiash» no cais, perguntaram aos que estavam de fora: «Já vamos saltar aqui?». «E' aqui que está o navio?». A resposta afirmativa rapidamente se espalhou por todo o comboio. As mães acordavam os filhos que haviam caído adormecidos de fadiga, nos cantos dos vagões, e todos se preparavam para saltar. Em perfeita ordem começaram a descer e formar em longas filas para proceder ao embarque. Cada um carregava uma pesada mochila nas costas além de bagagem de mão. Poucos haviam trazido somente os quinze quilos de bagagem de acordo com a ordem que haviam recebido. Muitos traziam, além de roupa e cobertores, pratos, panelas, chaleiras e demais utensílios de cozinha. Viam-se também, entre a bagagem, acordeões, violinos, guitarras, flautas e mais diversos instrumentos de música, dos quais os donos não se podiam separar e traziam consigo, sabendo que corriam o risco que os mesmos lhes fossem tomados na ocasião da «revista para apreensão de armas», feita pelos ingleses, nos navios ilegais interceptados por sua poderosa armada.

Os «sadranimi» trabalhavam ativamente

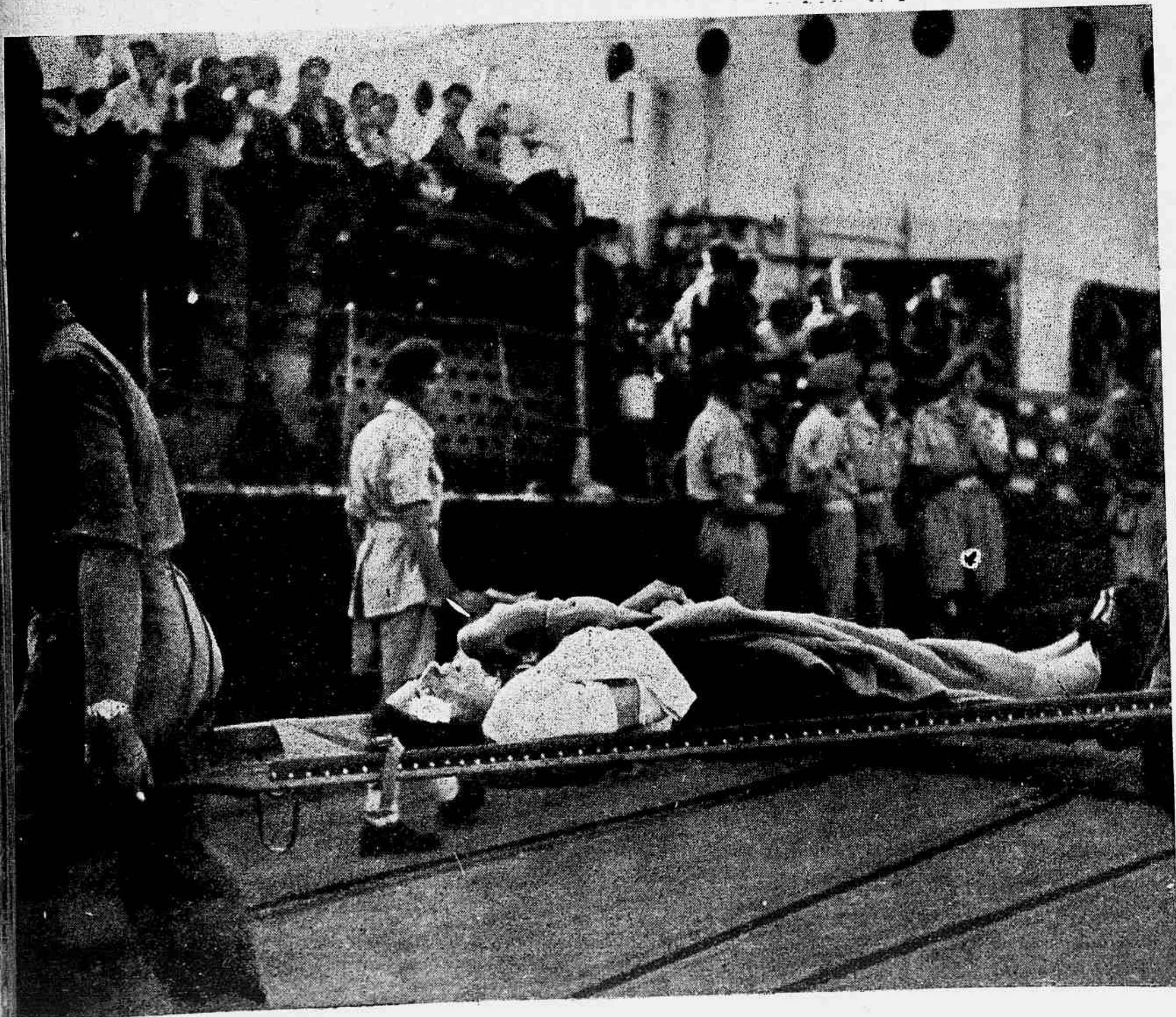
A história que se vai ler não é uma reportagem jornalística, nem o trabalho de um escritor. E', apenas, uma condensação do «diário» de um marinheiro de um dos navios judeus que tentaram furar o bloqueio inglês na Palestina. Jovem israelita, nascido no Rio de Janeiro, onde tem amigos, adquiriu a cidadania do novo Estado Judaico, — Eretz Israel, — e forneceu nos, através de passagens de suas relações, estas notas e fotografias. Zig Warchawsky em 1945 seguiu para os Estados Unidos, com uma bolsa de estudos, abandonando, porém, o curso iniciado afim de realizar um novo projeto: a ida à Palestina. Conseguiu ser admitido como maquinista de um navio e, dessa forma, seguiu para a Europa. Depois de seis meses, alcançou um porto balcânico, onde começou esta narrativa, que nos foi enviada por intermédio de seu amigo Jayme B. Kaufman, residente na praça da Landeira. Presentemente, o protagonista desta aventura vive em Haifa, domiciliado no n.º 30 da Massada Street. Esta narrativa retrata apenas uma parte da odisséia israelita do presente. O resto é a guerra com os árabes, agora em pleno desenvolvimento e com muitos milhares de mortos.

Um aspecto da coberta de proa, pouco antes da entrada no porto de Haifa.





Ao alto: os navios "Ilegais" "Medinat-Halehudim" (Estado Judeu) e "Geulah" (Redenção), ao chegarem a Haifa, sob a escolta da marinha e exército ingleses. Em baixo: uma passageira ferida a bordo, sendo removida para terra em uma padiola, pelos fuzileiros ingleses.



na organização dos grupos para o embarque, o que imediatamente se seguiu. As longas filas começaram a mover-se e pelas duas escadas do navio começaram a subir os «incapilim». As cenas que se seguiram foram das mais comovedoras que já presenciei. Nesta gente, que, há alguns segundos, pisava pela última vez o ensanguentado solo europeu, deixando para trás o fantasma do «galit» e subia agora as escadas de um navio judeu, com inscrições em «idish» e hebraico e cujos marinheiros também falavam estas línguas, o sentimento de alegria e felicidade não encontrava limites. As lágrimas rolavam abundantemente pelas faces dos adultos e nos olhos dos jovens, e até das crianças se podia ver a felicidade que os envolvia. As mais sentimentais atiravam-se sobre os marinheiros, beijando-os e abençoando-os, e outros chegavam a beijar as próprias paredes e colunas do navio.

HOMENS E MULHERES EM PRATELEIRAS...

O trabalho continuava; não havia tempo a perder. Precisávamos partir antes do amanhecer e aguardávamos ainda a chegada de mais um comboio, terminado o embarque deste. O espaço, como é de compreender, era limitadíssimo para cada passageiro. As acomodações eram como em todos os navios de «haapalá», — simples prateleiras de madeira a três ou a quatro, sobrepostas, onde não havia altura bastante para sentar-se, e cujo comprimento mal dava para uma pessoa deitada com a mochila colocada à cabeceira à guisa de travessão. Os passageiros dormiam lado a lado com escasso meio metro de largura para cada um. Mas com isto não se importava a ninguém e, de fato, nenhuma queixa se fez ouvir sobre isso durante toda a viagem. Todos compreendiam perfeitamente a necessidade de fazer economia de espaço e só o que todos queriam era chegar à Palestina não importando as circunstâncias.

Terminado o embarque deste comboio, descansamos um pouco, à espera do segundo. Conversamos com os refugiados, respondendo a suas inúmeras perguntas, que geralmente eram sobre as condições da viagem; se havia bastante água e comida a bordo, quantos dias duraria a viagem, e assim por diante.

Duas horas mais tarde, chegava o segundo comboio. Todo o processo do embarque se repetiu. Mas desta vez havia algo de especial. Mal haviam começado a subir as primeiras pessoas, veio a ordem à casa das máquinas para que arrandassem água fervente a toda pressa. Esta ordem surpreendeu, pela sua estranheza, os maquinistas de plantão. Para que finalidade se necessitaria água quente naquela ocasião e àquela hora da noite? A resposta não se fez demorar e por todo o navio passou como um relâmpago a notícia, e felicitações de «Masol-Tov» ressoaram por todos os cantos. O médico de bordo e a enfermeira acabavam de subir ao navio, trazendo um lindo menino que acabara de nascer num dos imundos vagões de carga.

Terminado o embarque, partimos na escuridão da noite para uma viagem de duas horas até uma pequena baía, onde deveríamos ficar ancorados por dois dias à espera da passagem de «Yom-Kipur», em cuja véspera estávamos, e da chegada do segundo navio, que ainda se encontrava no porto e que deveria ser carregado dois dias mais tarde. Depois da ancoragem, os refugiados começaram a sentir-se um pouco mais à vontade. Respiravam aliviados por já se terem afastado da Europa, e estavam cheios de esperança de finalmente poderem começar uma vida normal, uma vez chegados à terra amada do seu destino.

Seguiram-se durante este dia os trabalhos de organização dos passageiros em grupos, para a distribuição de água e comida e, ainda, para encontrar acomodações para muitos. Tínhamos a bordo não somente as 2.100 pessoas para as quais havia lugar nas «prateleiras», mas, por força das circunstâncias, havíamos carregado 2.500! O número de passageiros que normalmente só carregam os maiores transatlânticos, amontoados num navio não muito maior que uma barca da Cantareira. As 400 pessoas restantes foram acomodadas nas cobertas. E não pensem que estas se sentiam menos felizes

de que os que estavam alojados nos porões, ou vice-versa. Não, nada disso: todos estavam mais do que felizes por se encontrarem em alguma coisa que os levasse à Palestina, não importando o que fosse ou como fosse.

O DIA DE «ANO BOM» DOS JUDEUS

Ao fim do dia, quando o sol começava a sumir no horizonte, tudo a bordo se havia transformado. Haviām cessado as histórias palestinas que se haviam ouvido até pouco antes, não se viam mais grupinhos dançando «horas», mas uma atmosfera de santidade invadia o ambiente e uma expressão de seriedade se estampava no rosto de todos. Das cobertas de proa, pôpa e superior vinham os sons de «Kol-Nidre» que enchiam os ares. Era noite de «Yom-Kipur» e todos participavam desta comemoração. Em todos os cantos ardiam as velas de «Iam-Tov». Nas três improvisadas sinagogas ao ar livre reuniam-se

vergonhavam-se de comer quando outros vissem e lugar onde ninguém visse, é claro, não se encontra em um navio de «Allah Beit».

Passado o feriado, iniciaram-se os preparativos técnicos para a partida, marcada para o dia seguinte ao amanhecer. Nessa noite realizou-se a bordo o casamento de um par de jovens que tinham marcado a data de seu enlace para a ocasião. A cerimônia foi feita por um dos rabinos de bordo e a festa tinha uma dupla significação: o enlace e a viagem à Palestina. Os cantos e danças estenderam-se até altas horas da noite.

CEM HOMENS NUM BARCO DE PESCA

As duas horas da madrugada, fui subitamente arrancado do leito por um colega que me chamava para vir depressa ajudar o embarque de passageiros! Levantei-me sobressaltado, sem ter certeza

esperar que estivessem amedrontados, as crianças chorando, os velhos com medo de subir. Mas, não! Chamem isto de milagre ou seja o que for. Um por um, com largos sorrisos de agradecimento aos que os estavam ajudando a subir, saltavam na coberta, cantando! Sim, podia-se calcular o que significava a viagem à Palestina para esta gente até agora tão infeliz.

Com o aparecimento dos primeiros raios de sol, avistamos o outro navio com o qual deveríamos seguir viagem e, levantando ferros, iniciamos juntos a travessia do mar Negro. A travessia deste, do Estreito de Bósforo, do mar de Mármara e dos Dardanelos se fez sem incidentes de maior importância.

SURTEM OS «DESTROYERS» DE SUA MAJESTADE BRITÂNICA...

Quando se devia, no entanto, sair dos Dardanelos e entrar no mar de Egeu, notou-se um movimento fora do comum

principal drapejava o pendão azul e branco. A viagem continuou bastante animada, os jovens cantavam e dançavam «horas», os velhos, em sua maioria religiosos, haviam já terminado a construção de um «suchoh» e passavam o tempo estudando ou cantando canções «chassídicas». Ao oitavo dia tivemos mais uma festinha; o «brith» do menino nascido na hora do embarque.

Aproximara-se o dia em que esperávamos o «ataque» inglês. Era o nono dia de viagem, véspera do dia em que deveríamos entrar em águas territoriais palestinas. Nesta manhã juntaram-se aos dois «destroyers» que nos acompanhavam, mais três «destroyers» e dois cruzadores. O governo inglês não queria correr o risco de que mais de 4.000 imigrantes «ilegais» conseguissem escapar e desembarcar na Palestina. Estes «infratores da lei» teriam que sofrer o castigo que lhes estava preparado: os campos de concentração de Chipre. Com o cair da noite, certa preocupação começou a



Era assim, inteiramente atulhados, que seguiam para a Palestina os navios clandestinos judeus, de quando em quando retidos pelos ingleses.

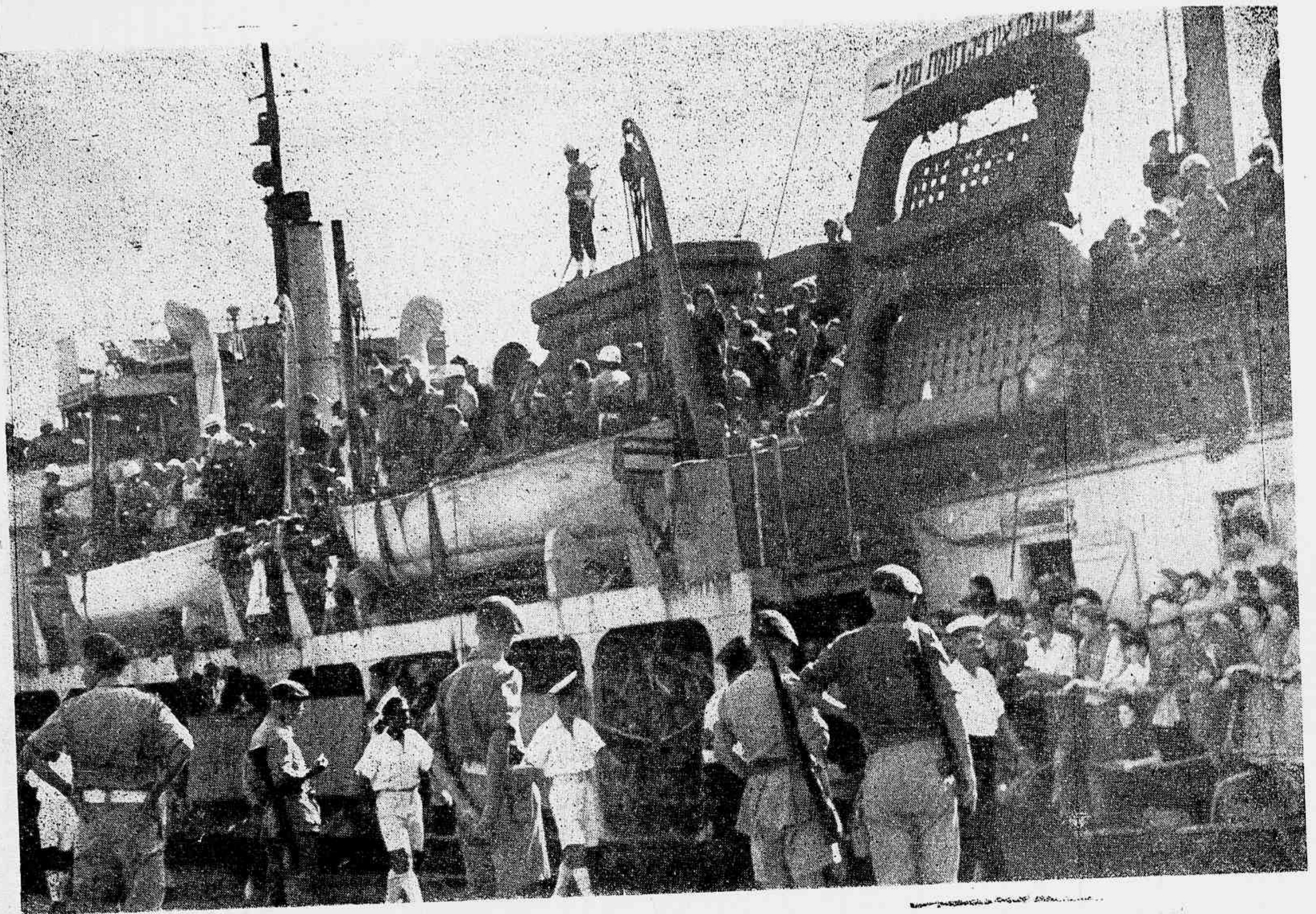
quase todos os passageiros. Se não vieram mais é porque não havia mais possibilidade de encontrar um lugar naquela incrível aglomeração. Acompanhando o «chaseu» ouviam-se as vozes do formidável côro de centenas e centenas de pessoas que, em uníssono, cantavam as tradicionais preces daquela sagrada noite. Estou convencido de que até mesmo os ateus, se é que havia algum, ficaram impressionados com esta grandiosa cerimônia e não duvido que tivessem estremecido com a santidade que inundava o lugar e mesmo rezando baixinho pedindo perdão por seus pecados e que o novo ano fosse o início de uma nova vida, feliz e sossegada, na sua terra própria. Muitos dos homens ficaram acordados toda esta noite, envoltos em seus «talcsim», rezando e dizendo «thilim». No dia seguinte continuaram os serviços religiosos e, como é natural, não houve distribuição de mantimentos e todos, exceto as crianças, tinham que jejuar. Mesmo os que haviam trazido algumas latas de conservas consigo, en-

se estava sonhando ou se aquilo era real. Que significava aquilo? Sabia que estávamos a mais de 20km do porto, e embarcar passageiros, onde, por que, como? Apressado, subi à coberta e inteirei-me do que se tratava. Cerca de 100 pessoas para as quais não existia acomodação haviam sido enviadas ao nosso navio em um barco de pesca. A transferência não se fez demorar, e em poucos minutos estavam todos a bordo. O que não posso compreender, no entanto, é o espírito desta gente. Analisemos o que se estava passando. Um grupo de pessoas, em grande parte crianças órfãs, havia abandonado seus lares e tudo que possuíam, viajado por mais de 24 horas em sujos e mal cheirosos vagões de carga fechados e, finalmente, chegado a um porto onde deveriam ser embarcados. Não encontrando lugar, fazem uma viagem de cerca de duas horas num imundo barco de pesca, a altas horas da noite e chegam ao costado de um navio, que à primeira vista percebem que está também superlotado. Era de

na ponte de comando. O capitão e os oficiais andavam de um lado a outro, espreitando o horizonte com seus poderosos binóculos. A entrada do mar de Egeu, infelizmente, encontramos o que esperávamos. Dois poderosos «destroyers» ingleses aí estavam à nossa espera. Para nós, os marinheiros, isto não era novidade. Estávamos quase certos que aí estaríamos. Já nos haviam seguido na ida, desde o estreito de Gibraltar, e sabíamos que poucas eram as probabilidades de sairmos dos Dardanelos sem que nos percebessem. Aos passageiros isto também não chocou muito. Sabiam que a viagem que faziam era «via Chipre» e que, a não ser num caso excepcionalíssimo, mais cedo ou mais tarde nos descobririam. A vida a bordo, por conseguinte, prosseguiu normalmente. Uma vez que já tínhamos sido descobertos e nada mais havia para esconder, realizou-se no dia seguinte o «batismo» do navio e o alçamento da bandeira judaica. O navio passou a chamar-se «Medinat Hayehudim» e em seu mastro

reinar a bordo. Esperávamos ser abordados naquela noite ou no dia seguinte. Já se haviam feito todos os preparativos para quando isto se desse. Rações haviam sido distribuídas para três dias. Todos os homens, com exceção dos velhos, estavam nas cobertas, armados de bastões que serviriam para tentar dominar os invasores, caso a abordagem se desse bastante próximo de terra e houvesse possibilidade de alcançar a praia. Haviām-se tomado também medidas de proteção contra as bombas de gás lacrimogêneo, que esperávamos fossem lançadas sobre nós. O pessoal da ponte de comando e da casa das máquinas estava munido de máscaras contra gases e precauções haviam sido tomadas para evitar que o gás entrasse nos porões.

Durante toda a noite navegamos constantemente iluminados pelos poderosos holofotes dos vasos de guerra. A primeira tentativa de abordagem, no entanto, só foi feita no dia seguinte, por volta de uma hora da tarde. A esta al-



No porto de Haifa, aguardando o transporte para Chipre.

tura perseguiam-nos quatro navios, tendo os três restantes se afastado um pouco para abordar o outro navio.

A ABORDAGEM DOS INGLESES — GÁS... — A MORTE DO MENINO

Durante cinco longas horas tentaram os ingleses, sem sucesso, abordar a nossa embarcação. Isto, graças à perícia do nosso capitão, primeiro piloto e contramestre, que, com grande maestria, quebravam as formações de ataque das unidades navais inglesas e furavam o bloqueio. Ao cair da noite, quando já se começava a avistar ao longe o clarão de um farol em terra, resolveram os atacantes tomar medidas mais enérgicas para nos interceptarem. Entrando em formação de ataque, avançaram sobre a nossa embarcação como aves de rapina à caça de presa. Quando estavam já a poucos metros de distância, ouviram-se os primeiros tiros dirigidos sobre a nossa ponte de comando e, em seguida, num abrir e fechar de olhos, cobriram-nos com dezenas de bombas de gás lacrimogêntes, de ponta a ponta. Dois dos atacantes então se aproximaram, um de cada lado, e, depois de nos darem duas fortes pancadas com suas encouraçadas proas, o que fez com que o nosso navio fizesse uma inclinação de cerca de vinte graus, os soldados ingleses, providos de máscaras contra gases, capacetes de aço, e armados com pesados bastões de madeira com pontas de ferro, além de armas de fogo, saltaram a bordo. Pouco antes da abordagem havíamos recebido ordens de não oferecer resistência, ao contrário da ordem anterior. Em todo caso, teria mesmo sido quase impossível fazer algo, pois o gás não só nos ardia nos olhos, fazendo correr lágrimas e impedindo-nos de abrí-los, como também era terrivelmente sufocante. Os soldados espalharam-se por todos os cantos, empurrando a todos brutalmente, vibrando seus pesados bastões e ameaçando atirar em quem se lhes interpusesse no caminho. Na cobertura ouviam-se gemidos de dor das pessoas atingidas por pancadas. De baixo, onde reinava completa escuridão, pois nossas máquinas e geradores haviam sido parados, vinham agoniados gritos de mulheres e crianças que esta-

vam sendo sufocados pelos gases que haviam penetrado pelo sistema de ventilação. A desordem era geral. Depois de algum tempo, quando a situação começou a se acalmar um pouco e um dos oficiais ingleses, do alto da ponte de comando, com um megafone, falando em alemão, quis dirigir a palavra à multidão, elevou-se no ar o hino «Hatikva», cantado por todos que estavam na cobertura, com toda a energia. Isto, ao que parece, não agradou aos soldados, que renovaram o ataque, atingindo com pauladas todos os que encontravam. A multidão, no entanto, não perdeu o ânimo. Todos continuaram a cantar hinos sionistas e dançar «horas». Enquanto isto, as enfermeiras cuidavam dos feridos e as mulheres e crianças iam sendo trazidas para a cobertura, onde pudessem respirar um pouco de ar puro. Quando se espalhou a notícia de que uma criança de três meses havia morrido, sufocada

pelos gases, cessaram os cantos e acalmaram-se os ânimos, e pouco a pouco os que tinham encontrado lugar na cobertura para sentar ou deitar, tentaram adormecer e os outros procuravam um lugar nos porões onde os efeitos do gás já tivessem passado, para repousar. Só não descansavam os soldados, que rondavam por toda parte, oficialmente à procura de armas que porventura existissem a bordo e em busca dos marinheiros a quem deveria ser imposta a sentença de oito anos de prisão, de acordo com a lei inglesa. Armas não foram encontradas, pois de fato não havia e felizmente nenhum dos marinheiros foi reconhecido, pois estavam a esta altura vestidos como todos os outros e misturados na multidão. Em compensação, o saque foi bem proveitoso...

NAS MÃOS DOS INGLESES

Por volta das dez horas da manhã se-

Vocês o assassinaram! — exclama ao soldado inglês o alucinado pai, segurando o cadáver do filho de alguns meses de idade que morrera sufocado pelos gases.



guinte havíamos sido rebocados para o porto de Haifa. Todos procuravam subir a cobertura para poderem de longe admirar a cidade, por algumas horas ao menos, antes de serem transferidos a Chipre. Ao atracarmos, esperavam-nos no cais autoridades militares acompanhadas de representantes da Agência Judaica. Por um alto-falante recebemos a notícia de que no dia seguinte iniciaria-se a nossa transferência para Chipre. Esta notícia, se bem que recebida com amargura e gritos de protesto da parte de todos os refugiados, trouxe-nos um certo consolo e novo ânimo. Estava ainda fixo na memória de todos o que havia sido feito com os passageiros do «navio ilegal» que havia chegado pouco antes de nós, o infeliz «Exodus 1947», e que se encontravam, então, em algum campo de concentração na Alemanha. Havia receio de que este ato injusto fosse repetido. Ao menos Chipre não é mais tão longe da Palestina e era questão de apenas mais alguns meses.

Seguiu-se a substituição dos soldados que nos haviam abordado por forças de terra. Ao desembarcarem, cada marinheiro inglês levava um ou mais objetos roubados no nosso navio. O rádio de bordo, instrumentos de música dos passageiros, os colchões e cobertores do hospital e inúmeros objetos mais, estavam sendo levados audaciosamente, à vista de altos oficiais. Alguns haviam também roubado anéis, relógios e outras jóias, de pessoas que não haviam tomado a precaução de escondê-los e que, na maioria dos casos, eram as únicas coisas de valor que lhes havia sobrado ou uma última recordação de um ente querido assassinado pelos nazistas.

No dia seguinte começou nossa transferência para os navios que nos levariam a Chipre. Cada passageiro ao desembarcar tinha que abandonar sua bagagem no porto, para que fosse revista e enviada mais tarde. A seguir fez-se a revista individual. Cada um tinha que passar por uma tenda armada no cais, dentro da qual se passava por uma nova revista à busca de armas. Escusado é dizer que ao sair da tenda nada mais se possuía nos bolsos do que

(Cont. na pág. 52)



VIOLETA CAVALCANTE é amazonense. Nascida em Manaus, veio ainda muito criança para o Rio, iniciando aqui os seus estudos. E nos fins de 1933, atraída pelo microfone, inscreveu-se no programa «Raio K em busca de talentos», transmitido pela Rádio Nacional, no qual logrou vantajosa colocação. Tempos depois conseguiu apreciável contrato na Rádio Tupi, onde permaneceu durante cinco meses. Dai transferiu-se para a Educadora. Mais tarde ingressou na Ipanema, até que uma nova proposta da P.R.E-8 a fez voltar ao ninho antigo. No momento a popular intérprete de sambas e marchas continua atuando ao microfone da Rádio Nacional. Violeta Cavalcante adora crianças, distraíndo-se muito ao jogar peteca com seus pequenos amiguinhos. Quando lhe sobra um tempinho, pega das agulhas e vai fazer tricô, sendo perita na execução de sapatinhos e toucas. Também aprecia os bons livros, selecionando autores como André Maurois, Louis Bronfield, John Steinbeck, Manuel Bândeira e J. G. de Araújo Jorge. Pratica a natação e adora os banhos de sol, razão de sua tez queimada. Dentre as melodias que gravou prefere «O pulo do gato», de J. Cascata e Correia da Silva, que aliás foi seu primeiro disco. A popular cantora é fã de muitos de seus colegas de rádio e gosta de ouvir novelas, preocupando-se com o final das mesmas. Também aprecia um bom filme, recaído sua preferência nos celulóides de Bette Davis, Greer Garson, Ingrid Bergman, Clark Gable e Charles Boyer. É francamente das histórias em quadrinhos, sendo louca pelas aventuras de Flash Gordon e do Bruceutu. Solteirinha da Silva, Violeta Cavalcante aguarda ainda o seu príncipe encantado.

SÔNIA BARRETO, uma das figuras mais interessantes do nosso rádio, nasceu a vinte e cinco de março de 1916, no Distrito Federal. Dedicando-se inicialmente à canção, a ponto de merecer o título de «rainha da canção brasileira», hoje ela emprega o seu talento artístico no rádio-teatro. Com cinquenta quilos de peso e um metro e cinquenta de altura, Sônia Barreto, que já pertenceu à maioria das emissoras cariocas, é hoje exclusiva da P.R.G-3, onde trabalha ao lado de Luis Tito, Paulo Gracindo e tantos outros. Seus grandes sucessos foram, como cantora: «Tarde de mais», fox de Alberto Ribeiro, e, como rádio-atriz: «Éramos seis», uma interessante novela cuja radiofonização esteve a cargo de Olavo de Barros, a quem ela considera seu mentor na arte de dizer ao microfone. O cinema também já contou com o seu concurso, no filme «Onde estás, felicidade?», da Cinédia. Admira todos os artistas de rádio, sem exceção. No cinema sua predileção recai em Greer Garson, Bette Davis e Spencer Tracy. Quanto ao teatro ela não faz seleção, uma vez que todos lhe agradam. Nacionalista cem por cento, Sônia Barreto, em matéria de literatura gosta muito dos livros de Machado de Assis, Humberto de Campos, Coelho Neto, Castro Alves, Olavo Bilac e Raimundo Correia. Suas cores preferidas: azul e branco. O prato que mais lhe agrada é «spaghetti ao sugo». Sônia Barreto, ao contrário de muitas cantoras, estudou música, tendo mesmo lecionado canto. Não fosse o rádio, talvez a brilhante artista da Tupi ainda hoje fosse professora.

GENTE DE RADIO DE QUATRO EM QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA Por ARMANDO MIGUEIS

ARNO WERNER BRODA é o nome verdadeiro de Sérgio de Oliveira, esse sóbrio e jovial locutor da Rádio Globo. Nascido a 11 de março de 1917, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, somente aos vinte e seis anos veio a travar contacto com o microfone, atendendo ao convite de Nelson Lança, seu velho amigo e então diretor artístico da Rádio Difusora Portoaegrense. No dia 21 de outubro de 1943, tendo sido aprovado depois de um rigoroso teste, estreou como locutor sob aquele pseudônimo, comandando os programas diurnos. Aí permaneceu pelo espaço de dois anos, quando resolveu tentar o rádio nesta capital, seduzido pelo que lhe diziam vários dos seus companheiros sobre o meio carioca. Teve sorte, uma vez no Rio, pois não lhe foi difícil ser contratado pela P.R.G-3, onde continua usufruindo vantajoso contrato. Com um metro e setenta de altura e noventa quilos de peso, Sérgio de Oliveira já conseguiu aparecer em diversas novelas, como «Fascinação», onde fez o papel de «Marmelada»; «Rendas e mantilhas», em que bancou o professor «Cocadas»; «Sacrifício», em que interpretou o «Doutor Horácio», e, ultimamente, fez o papel de «Raul», na novela «Vingança», de Álvaro Augusto. Na sua terra natal trabalhou no comércio. Pratica o automobilismo, já tendo pago diversas multas... Torce pelo Fluminense, sem ser sócio do clube. Aprecia a literatura policial, de preferência a de Edgard Wallace. Gosta dos pratos nortistas, sem todavia desprezar o churrasco. Sua bebida predileta é o chimarrão. No rádio admira Zezé Fonseca, Lúcia Delor, Sadi Cabral e Urbano Lóes. No teatro prefere Dulcina, Delorges e Manuel Pera.

URBANO LÓES começou sua carreira lendo textos sobre a excelência do gado zebu, ao microfone da emissora de Uberaba. Ali o foi buscar uma prima, avisando-o do concurso aberto pela Rádio Nacional para o preenchimento de quatro vagas de locutores. O atual-exclusivo da Rádio Globo reuniu o dinheiro que possuía, vestiu o melhor terno e tomou o avião, rumo ao Rio de Janeiro. Aqui chegando, seu primeiro cuidado foi inscrever-se no concurso, o qual veio a obter uma das melhores colocações, apesar de não conseguir o lugar almejado, porque outros tiveram melhor sorte. Sem desanimar, procurou em seguida a Rádio Mayrink Veiga, em virtude de estar até mesmo passando privações. Foi feliz no seu propósito, porque o sr. Edmar Machado o contratou para atuar nos programas diurnos, inclusive nos de Sagrador de Scuvero. Tanto bastou para que fosse mostrando suas qualidades de excelente «announcer», além de revelar pendores para o teatro-cego. Coube a Berliet Junior lançá-lo nos espetáculos de rádio-teatro, tendo feito os papéis de «Corcunda Picot», de «Porthos» e outros personagens de real destaque em novelas seriadas. Escreveu a letra do hino da P.R.A-9 e criou vários tipos humorísticos, todos bem curiosos. Em 1945, contratado por treze mil cruzeiros mensais, ingressou no «cast» da Rádio Globo, lançando o programa «Espetáculos Urbano Lóes» e tomando parte em dezenas de novelas. No ano seguinte contraiu matrimônio com a jovem e brilhante artista Lídia-Matos. Na P.R.E-3 é ele o velho da «Conversa em família».



VIDA LITERARIA

GÊNIOS, GÊNIOS ÀS MANCHEIAS!...

ESTAMOS verificando, ultimamente, na literatura brasileira, uma espécie de super-estimação da geração nova. Não queremos incorrer na pecha de antipatia ou má vontade para com os "novos" mas a verdade é que a circunstância a que nos referimos mais poderá prejudicá-los do que beneficiá-los. O Brasil já é, por natureza, o país onde todo mundo se julga gênio ou pelo menos um grande talento, onde ninguém estuda, como se já nascesse sabendo e dispensasse o tirocinio e a experiência. Sempre existiu mesmo, entre nós, certo preconceito contra a cultura, contra os espíritos estudiosos e ponderados, inimigos da improvisação. E bem conhecidos são os inconvenientes que daí nos têm resultado. O maior deles é, naturalmente, esta facilidade a levar-nos a nunca realizar obra perfeita e a contentar-nos com os resultados de uma primeira mão super-valorizada por um brilho ilusório. Ora, nada mais perigoso em tal ambiente do que a falta de rigor crítico. Com a nossa tendência para a facilidade, para a excessiva estimativa dos nossos próprios méritos, o escritor jovem, que se vê cercado de louvaminhas, está sujeito a perder-se na embriaguez dos elogios e nada mais pedir às suas possibilidades.

Ainda há pouco, o sr. Guilherme de Figueiredo abordou, com muito acerto, esse tema, num jornal de São Paulo. Se o excesso de rigor poderá ser nocivo ao entusiasmo dos jovens, igualmente ou mais nocivo será o excesso de generosidade. Os louvores que derramamos diariamente sobre os poetas e escritores da geração nova são como filtros mágicos, enfeitadores, a mergulhá-los num mundo de ilusão que corre o risco de desviá-los do êxito real.

Não, meus amigos, a arte não é coisa fácil; ela não dispensa um aprendizado somente possível com o estudo e a meditação; seu caminho é longo e cheio de obstáculos, não podendo ser atingido, senão em casos muito excepcionais, assim de um salto, aos vinte e poucos anos. Bem sabemos que os gênios são precoces, mas haverá, por ventura, tantos gênios, nas gerações novas do Brasil?... Caberá aos próprios "novos" resistir à embriaguez das lisonjas e da generosidade com que são acolhidos. Mas, aí deles, a carne é fraca e nisso é que está o perigo. Nada mais suave e embriagador do que ouvir elogios, do que nos vermos saudados aos vinte anos, como um grande talento, quando temos ainda a vida diante de nós e tudo desabrocha em esperança e promessas. E essa ilusão da juventude bem pode corresponder à realidade amarga da maturidade. Porque, num destino cruel, os gênios precoces do Brasil se tornam comumente legítimas mediocridades ao despontar dos primeiros cabelos brancos. — B. B.



Jean Paul Sartre, romancista, ensaísta, contista, dramaturgo e papa do existencialismo francês. Sua primeira obra publicada no Brasil foi "O Muro", livro de contos lançado pela Ipe. De Santos, Miroel da Silveira nos comunica haver traduzido a peça de Sartre, "La putaine respectueuse".

NOTICIÁRIO

O centenário de Chateaubriand

O centenário da morte de Chateaubriand vai ser comemorado este ano em Paris e em Saint Malo, pois se o autor de "René" nasceu em Comburg, passou a maior parte da infância em Saint-Malo. Essa cidade, que sofreu extraordinariamente com a guerra, está sendo em grande parte reconstruída. No mês de julho, quando se realizarem as festas comemorativas, as grandes portas da cidade já estarão levantadas e a laje de granito na tumba de Chateaubriand, isolada, em frente ao mar, estará restaurada em sua orgulhosa simplicidade. "Les Nouvelles Littéraires" lembra, a propósito, as palavras de Paul Valéry sobre Chateaubriand: "Il a voulu avoir son cimetière marin, mais pour lui seul..."

O esquecido Araripe Junior — Um dos centenários que o Brasil vai comemorar este ano é o de Araripe Junior. Dada a situação de crise em que se encontra o nosso mercado editorial, não se pode pensar nem mesmo na reedição do excelente e definitivo ensaio do crítico cearense sobre José de Alencar. Mas a Academia? Por que não promove ela essa reedição tão preciosa?

"Il Cuore", de Amicis, no cinema — "Coração", o belo livro de Edmondo d'Amicis, que tanto nos encantou a infância, numa popularíssima tradução de João Ribeiro, vai ser filmado por uma empresa cinematográfica de Turim. Na Argentina, "Coração" foi filmado há meses.



Catulo da Paixão Cearense, o poeta do "Sertão Bravio", foi lembrado a dez do corrente, — segundo aniversário do seu falecimento, — com a inauguração do mausoléu construído pela "A Noite", através de subscrição pública. Discursou, na inauguração, o acadêmico Pedro Calmon.



A. J. Cronin, autor de "A Dama dos Cravos".

"A Dama dos Cravos" — De A. J. Cronin

Cronin continua a ser um dos romancistas estrangeiros mais lidos no Brasil. A "Cidadela", foi, como se sabe, um dos maiores êxitos editoriais de todos os tempos em nosso país. Hoje, o seu último romance "A Dama dos Cravos", traduzido para o português, encontrará, certamente, grande número de leitores. E nele se verá, como Cronin, em lugar de prevalecer-se do êxito fácil, assegurado pela voga dos romances anteriores, procura aperfeiçoar, cada vez sua técnica e aprofundar a psicologia de seus personagens.

O título da obra refere-se a uma miniatura de Holbein, que a protagonista Catherine Lorimer adquire num leilão. Essa miniatura desempenha um grande papel na história, pois é a origem da viagem de Catherine à América, onde ela acompanha igualmente Nancy, sua sobrinha, uma jovem atriz e Madden, noivo desta última. A feição de Catherine por Madden é revelado no decorrer da travessia, e depois de deliciosas cenas no ambiente rural americano, tudo termina de forma a convencer o leitor exigente e não descontentar os que preferem os desfechos felizes.

Como em todos os romances de Cronin, encontramos aqui o sentido de cordialidade e de aproximação humanas que o caracteriza e lhe inspira as obras. Tradução de Osório Borba (Ed. José Olympio).

OS LIVROS DA SEMANA

"A Cartuxa de Parma" — De Stendhal.

Juntamente com a reedição de "Vermelho e Preto", aparece em tradução portuguesa de Vidal de Oliveira "A Cartuxa de Parma", outro grande romance de Stendhal.

Como se sabe, essas duas obras figuram como as maiores do romancista francês, havendo sempre um debate de opiniões, quando se trata de decidir por uma ou por outra. Somerset Maugham, declara que escolheria a "Cartuxa" se tivesse de eleger um só romance, entre todos.

Os fanáticos dessa obra são inúmeros e, entre os escritores brasileiros poderíamos citar, por exemplo, Genolino Amado, como um dos que a apreciam apaixonadamente.

No entanto, que destino curioso o desse livro! Stendhal contava de tal forma com o sucesso da obra, que esperava, graças a isso, abandonar o lugar de cônsul que exercia na Itália e ir viver da pena em Paris. Mas de início, o editor achou muito longa a história, impondo-lhe certos cortes e um arranjo para encurtá-la. Aparecido o romance, o público mostrou-se indiferente. Stendhal já estava profundamente desanimado, quando um artigo entusiástico de Balzac, na "Revue des Deux Mondes" valeu-lhe por uma verdadeira consagração. Precisamente esse artigo — um estudo de cerca de sessenta páginas — é incluído agora na edição brasileira, junto com a carta com que Stendhal responde aos elogios de Balzac e as advertências do mesmo.

Apesar disso, o público não saiu de sua frieza. Stendhal consolou-se, dizendo que esperava ser lido dali a cem anos. A verdade é que a sua glória não precisou aguardar tanto tempo.

Do fim do século 19 para cá ele tem sido um dos romancistas franceses mais apreciados no mundo todo.

"A Cartuxa de Parma" é uma dessas obras que unem o realismo ao

mais vivo interesse romanesco, as quais o leitor se abandona, numa adesão absoluta ao jogo das peripécias e à emoção dos imprevistos. (Ed. Globo — Biblioteca dos Séculos).

"BULA-MATARI" (A vida de Stanley) — De Jacob Wassermann.

Que teria o grande romancista austriaco Jacob Wassermann encontrado na personalidade de Stanley para empreender a tarefa de narrar-lhe a vida? Essa pergunta foi formulada não só pela crítica, como pelos amigos mais íntimos do escritor, quando apareceu o livro "Bula-Matari", hoje traduzido para o português por Carlos Domingues. Mereceria um simples explorador como Stanley um biógrafo do porte de Wassermann? Mas precisamos nos lembrar de que o romancista do "Processo Mauritzius" escreveu também uma biografia de Cristovam Colombo. O que o atraiu na vida do descobridor do novo continente e do explorador do continente africano foi, assim, o paralelismo das duas existências. Para Wassermann, Stanley teria sido também um Colombo e seria capaz de fundar impérios se não fosse cercado pelo espírito anti-aventureiro da civilização moderna e pelos interesses de um mundo no qual não podia trair. Colombo vivera numa época heróica, em que todas as aventuras se tornavam possíveis. Stanley vivera em pleno século 19, no século da burguesia e da técnica. Seu sonho de explorador identificara-se com o sonho de Colombo; mas a época era de realidades muito estreitas para admitir tal sonho. Esse o sentido da biografia, em que Wassermann empregou todos seus recursos de escritor, tirando o melhor partido dos episódios dramáticos e romancescos. A figura de Stanley vai-se agigantando no decorrer dos capítulos, transfigurada pelo seu ideal de ação e conquista — ideal mutilado pelo espírito anti-heróico do século. (Ed. Pongetti).

REMESSA DE LIVROS: Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro



MERLE OBERON

NOS BASTIDORES FEMININOS

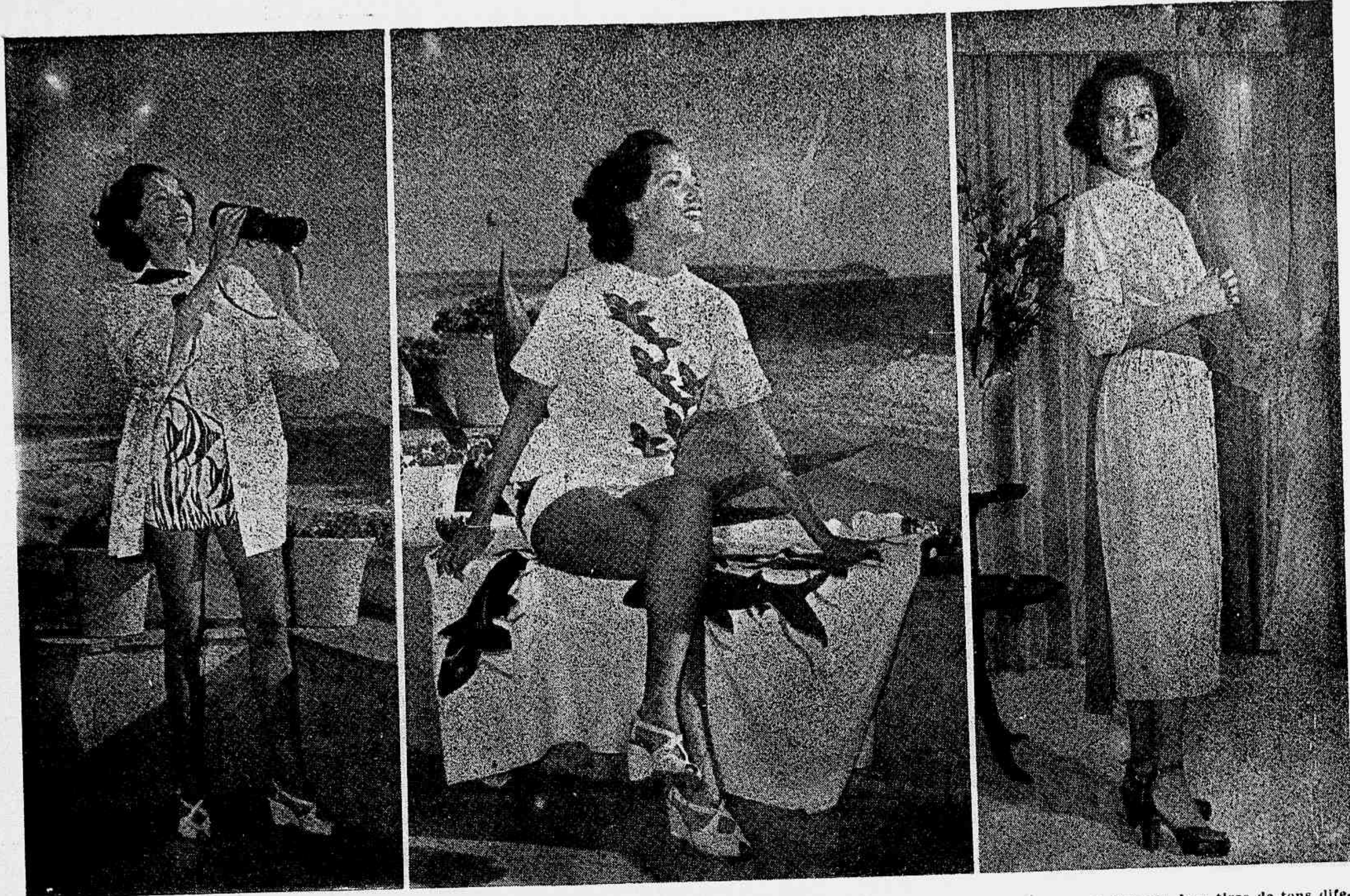
PARECE decisiva a vitória da saia comprida. As verdadeiras elegantes já a adotaram inteiramente, como também já o fizeram aquelas que podem, de um momento para o outro, fazer uma total mudança no seu guarda-roupa sem afetar as finanças... Porém, as que trabalham ou que dependem de mesada, só aos poucos poderão ir fazendo a substituição das saias curtas pelas compridas. Nota-se, no entanto, agora, a intenção que tem a mulher de "aderir" à nova moda, reduzindo-se, dia a dia, o número das rebeldes que ainda preferem mostrar os joelhos. Não resta dúvida de que a mudança foi bastante brusca para se

esperar que fosse aceita incontinenti por todas as mulheres; além disso, há a considerar o grande número de homens que ainda não aprovou a "nova linha" o que, inegavelmente, pesa na balança. Mas, o que não se pode negar é que a nova moda devolveu à mulher toda a sua graça e feminilidade, revestindo-a ainda de um certo encanto romântico que a torna ainda mais bela. E, é bem disso que precisamos. Esse retorno ao romantismo si bem que por ora o seja apenas nos trajes fe-

mininos, traz novo encanto à vida, tornando-a monótona por tantas coisas práticas. Precisamos fugir um pouco ao comodismo que nos fazia usar somente aquilo que "não dava trabalho". Acrescentemos ainda o quanto lucrarão com isso os gestos e as atitudes femininas. A nova figura, de ombros arredondados, cintura justa e quadris realçados por franzidos ou anquinhas, exige gestos graciosos e elegantes; é preciso saber andar, é preciso saber sentar, é preciso saber levantar ligeiramente o

saia ao subir um degrau, é preciso ostentar um porte que não se choque com a elegância dos trajes. E, tudo isso deve ser feito com a mesma graça e delicadeza que tornaram encantadoras as nossas avós. Havia nelas mais beleza, mais distinção e mais feminilidade, o que poderá voltar a existir, si as mulheres adotarem a "nova linha" externa e internamente.

Então, será possível até que os homens voltem ao seu antigo cavalheirismo... Talvez não cheguem a nos fazer poemas, mas, é bem possível que voltem a nos oferecer os seus lugares nos bondes e nos ônibus...



Da esquerda para a direita: Sobre um "maillot" de lastex branco com plantas marinhas e peixes e cores vivas, ela usa um casaco curto preso ao alto por duas tiras de tons diferentes. Merle Oberon é francamente dos... peixes... Ela uma "sweater" olímpica, em malha branca com peixes vermelhos. A toalha felpuda é também branca com grandes peixes vermelhos. Modelo muito elegante em lã cinza, abotoado na frente. Saia ligeiramente franzida. Faixa de jersey verde forte.



Sugestões de Merle Oberon

Em linho amarelo, corpete justo com "pences" externas sobre o busto. Saia "godet" muito franzida. Capeline dupla sobre os ombros. Borboletas brancas aplicadas na saia e na capeline.

OS NOVOS "TAILLEURS"



Marcelle Chaumont

Schiaparelli

A modificação foi radical. Os "tailleurs" para a nova estação, perderam, inteiramente, aquele seu "ar" masculinizado, para formar ao lado dos mais graciosos e femininos trajes. Nestas páginas, os mais famosos costureiros franceses apresentam as suas mais recentes criações nesse terreno.

De Jacques Costet, temos uma combinação de preto e maravilha. O blusão é longo e ajustado no corpo. De Jacques Fath, temos um "duas-pecas" em fina lã preta, todo fechado na frente, com botões claros e "basque" na jaqueta.

Schiaparelli, apresenta a sua nova versão do "tailleur" feminino, o mesmo fazendo Marcelle Chaumont, que nos dá um casaco justo até a cintura, com "basque" godet, enfeitada de pele.

Jacques Costet

Jacques Fath



A nova linha pede cintura estreita, busto alto, saias muito rodadas. Julie London, da Universal-International, mostra-nos o traje íntimo por ela escolhido, para obter a nova silhueta.

estava de cabeça para baixo, porque, num mundo de pernas para o ar, era ele o único que se mantinha em pé.

V

ausentes "a terem, pelo menos, um grão de misericórdia para com seus colonos?" Fora com "idéias tão vãs, inúteis, visionárias!" Ele, o autor da *Modesta proposta* tinha um plano inteiramente novo e prático — um plano "que espero, não será passível da mais leve objeção".

Em resumo, é este o seu plano:

"Um norte-americano das minhas relações em Londres, entendido na matéria, assegurou-me que uma criança sadia e bem cuidada é, com 1 ano de idade, um alimento delicioso, muito nutritivo e saudável, quer cozido, tostado, assado ou estufado, e não tenho dúvida que também dará um fricassê ou guisado".

Portanto, que os camponeses da Irlanda criem seus filhos para a mesa dos grandes latifundiários ingleses. "Uma criança dará para dois pratos numa festa aos amigos e, quando a família não tem convidados para o jantar, o quarto dianteiro e o traseiro darão um prato razoável, e temperados com um pouco de pimenta ou sal cozinharão muito bem passados uns quatro dias, especialmente no inverno..."

"Concordo em que esta comida será um tanto cara e, portanto, muito apropriada para os senhores de terras que, como já devoraram quase inteiramente os pais, parecem ter os melhores direitos aos filhos..."

"Fiz o cálculo das despesas de alimentação do filho de um mendigo... são cerca de dois shillings por ano... E creio que nenhum *gentleman* sentirá dar dez shillings pela criação de uma criança bem gorda... Assim o Squire se tornará popular entre seus colonos, e a mãe camponesa terá oito shillings de lucro líquido e estará apta para o trabalho até ter outro filho".

E depois, imprimindo ao seu látego satírico um movimento final: "Os mais econômicos... poderão esfolar a carcaça, pois que a pele artificialmente preparada, dará admiráveis luvas para senhoras e ótimas botas de verão para cavalheiros".

Os senhores de terras leram o folheto, exprimiram o seu asco ante a barbaridade do autor e continuaram na sua tarefa "civilizada" de matar lentamente à fome seus colonos irlandeses.

Quando ao "bárbaro", continuou a viver "em completa raiva e ressentimento", rosnando contra todos e dando esmolas a uma torrente contínua de mendigos que vinham diariamente bater-lhe à porta.

Odiava os mendigos. E o mundo, dizia, estava cheio deles. Podiam ser encontrados entre os ricos tanto quanto entre os pobres. "Os ricos mendigam um reino; os pobres, uma cêdea de pão". Swift detestava os mendigos gigantes muito mais que os mendigos pigmeus. Quanto maiores são, diz Swift nas *Viagens de Gulliver*, maior é a tortura que infligem aos olhos e ao nariz. Não precisava mendigar porque não tinha o que fazer com o dinheiro. Neste ponto, dizia, procurava modelar-se à imagem do Todo-Poderoso. "Podemos dizer quão pouco o Onipotente estima o dinheiro, observando aqueles a quem o outorga".

E assim o "clérigo louco", a zombar e a repreender, chegou à velhice, dando a todos a impressão de que

Swift chegara aos anos da sabedoria desiludida e decidiu incorporar esta sabedoria às viagens imaginárias de Lemuel Gulliver. A 8 de agosto de 1726, enviou o manuscrito das *Viagens de Gulliver* ao editor Benjamin Motte. Anexo enviou-lhe uma carta assinada "Richard Symphon" na qual se apresentava como primo de Lemuel Gulliver. "Há alguns anos Mr. Gulliver confiou-me uma cópia de suas Viagens... Mostrei-a a várias pessoas de grande discernimento e distinção; e embora, alguns trechos, em um ou dois lugares, possam ser julgados como um tanto satíricos, concorda-se em que não m lindrarão ninguém. Em prosseguimento, Mr. "Symphon" oferecia ao editor o manuscrito por 200 libras, com a condição de que se a venda do livro não cobrisse essa quantia, ele reembolsaria do restante o editor.

O livro foi publicado no outono de 1726 e a primeira edição esgotou-se numa semana. Todo o mundo ria-se com o impiedoso ataque de Gulliver à estupidez da raça de homens yahoo, porque todos pensavam que o ataque dizia não consigo mas com o vizinho. E Swift tornou-se ainda mais encanizado. Malograra-se-lhe o intento. "Eu queria", diz ele, "apoucar o mundo e não diverti-lo". As *Viagens de Gulliver* são a história de um homem de senso aventurando-se a discretoar sobre as inanidades e vaidades de um mundo louco. Se ao menos o mundo, em vez de se divertir com seus homens sãos, permitisse que eles o guiassem! Então haveria menos cobiça e mais bondade, menos propriedade privada e mais fraternidade, menos crueldade e mais piedade, menos esplendor falso e mais glória, menos insolência e mais critério. "Frequentemente fiz esforços", escreveu Swift a Alexander Pope, "para estabelecer uma amizade entre os homens de senso... E são, às vezes, mais de três ou quatro em cada geração; e se pudessem estar unidos, poderiam conduzir o mundo à sua vontade".

A um desses homens ajuizados ele conheceu — Voltaire. Este jovem francês rebelde, exilado para a Inglaterra por causa da sua língua franca demais ("O meu comércio", disse ele, "é escrever o que penso") sentou-se aos pés do "clérigo louco", absorveu sua filosofia, escreveu uma imitação (*Micromégas*) das *Viagens de Gulliver* e voltou para a França com um novo modo de encarar as coisas e decidido a abolir os ódios e as injustiças dos dominadores do mundo.

E o "clérigo louco" prosseguiu em sua incansável busca de um mundo são. Seu corpo estava devastado pelas doenças e seu coração amaldiçoado se confrangia com a perda dos amigos mais queridos. "O dom de uma vida longa custa caro demais". A fim de forçar-se para a provação de uma velhice solitária, escreveu uma proeza que foi encontrada, após sua morte, entre seus escritos inéditos. "Ó, Deus, vós distribuí vossas bênçãos e vossos castigos com infinita justiça e misericórdia... Voltei antes nossos pensamentos para aquela felicidade que esperamos eles vão fruir do que para a inenarrável perda que vamos sofrer".

Sempre preocupado com a felicidade humana, esse misantropo que vivia a rosnar contra o gênero humano.

VI

E agora suas idéias, seus sofrimentos e sua rosnadura se haviam desgostado a ponto de reduzir-se a um compassivo olvido. Seu espírito era uma página em branco. Um dia, ao ler ele *História de um barão*, alguém lhe disse que era ele, Swift, o autor do livro. "Oh! não. O homem que escreveu isso era um gênio", respondeu o clérigo. Sempre que via num espelho o rosto macilento, dizia com tristeza impessoal: "Pobre velho". E na sua data natalícia, quando os sinos soavam e se acendiam fogos de artifício, quando os sinos soavam e se acendiam fogos de artifício em sua homenagem, perguntava: "Quem é esse homem a quem o povo ama com tanto afeto?"

19 de outubro de 1745. Lá em cima um céu claro, dentro dele um espírito enevoado. Mas durante um instante a nuvem se dissipou. "Oh! Deus", ouviram-no murmurar, "tomai todo cuidado comigo nesta minha última viagem".

E quando empreendeu sua viagem, uma cidade inteira veio apresentar-lhe seu adeus. Tinham aprendido a cultuá-lo como um homem cheio de ódio e cheio de amor. Um homem que odiava a injustiça e amava a humanidade.

(Do livro "Vidas de grandes romancistas").



GILKA MACHADO E A POESIA



Um dia, "A Imprensa", de Alcindo Guanabara fez um concurso de poesia. O primeiro prêmio coube por unanimidade ao poemeto: "Fazendo à lua", assinado por um pseudônimo qualquer. A tarde aparecia na relação uma garota de treze anos, magrinha, singela, tímida, dizendo-se dona do prêmio. Patrocínio Filho não acreditou. Ela era tão nova! E tão ingênua! Foi preciso uma longa conversa para que se convencesse da verdade; Gilka Machado era, realmente, a poetisa de luminosa inspiração, de polerosa força verbal, que vencera dezenas de concorrentes.

Mas a garota lhe reservava uma surpresa ainda maior. Ganhara também o segundo e o terceiro prêmios, com os sonetos "Rozas" e "O Sândalo". Cada original tinha letra diferente, Gilka era muito pobre e fizera mais de uma tentativa para ganhar um dos prêmios. Ganhara os três.

Ora no domingo seguinte, Carlos de Laet escreveu uma coluna e meia de crítica sobre a estreante. Reconhecia-lhe talento, imaginação, riqueza verbal; mas atribuía aquela inspiração apaixonada a uma impúdica matrona que se exibisse semi-nua nos bailes e nos salões.

Gilka leu a crítica e se agarrou ao dicionário. Fechada no quarto, as lágrimas atrapalhando a leitura, esquadrinhou o sentido de todas as palavras que empregara. As crianças repetem, tantas vezes, inocentemente, os nomes feios ouvidos na rua!

Muitos anos depois, ganhou outro concurso. "O Malho", queria coroar a "Rainha das Poetisas Brasileiras". Houve um rebolço no mundo intelectual feminino. Gilka nem tomou conhecimento do assunto. Pois foi a eleita. E guarda do acontecimento, além da coroa de louros que lhe ofereceram, uma lembrança que até hoje a faz rir delicada; o diretor da revista, ao lhe comunicar a vitória disse com uma espontaneidade rara: "Nunca pensei que a senhora ganhasse." Em verdade, os promotores do concurso ficariam mais satisfeitos se a vitória não fosse a simples, a despreocupada Gilka Machado; mas alguém que gostasse mais de publicidade, de festas, de cartaz. E a poetisa queridíssima é a negação de tudo isso.

— Escrevo por uma necessidade imperiosa de desabafo. Meus versos são, antes de tudo, confidenciais. Por isso, raramente os retoco e nunca o faço com a minuciosidade do burilador de joias. Desgostam-me quando os releio. Exatamente por evocarem momentos de intensa vibração, e, quase sempre, de muito sofrimento.

O primeiro livro de Gilka Machado "Cristais partidos" foi publicado em 1915: "Estados de alma", "Mulher Nua", "Meu glorioso pecado", "Carne e alma", "Sublimação" e "Meu rosto", conservando a mesma força espontânea de sinceridade, foram mostrando através da forma cada vez mais lapidada pela maturidade intelectual, uma alma que aos golpes do destino, fulge em chuviscos de luz, se abre em perfume como o sândalo.

Gilka nasceu no Rio de Janeiro, na rua da Colina, no Estácio. De família modestíssima, sua vitória na literatura é uma autêntica vitória do talento. Aliás, se não fosse tão pobre, não seria poetisa.

— Só me puz a escrever poemas, porque não podia dançar ou tocar. A música era a minha grande vocação.

Eros Volúcia a recebeu de herança. Realizou-a maravilhosamente. São flores da mesma sementeira, os passos de uma e os poemas de outra.

SARAH MARQUES

PORQUE PRECISAM AS MULHERES DE DOIS REGULADORES?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador

Xavier N.º 1: — para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc.

O Regulador

Xavier N.º 2: — para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Sabem assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem estar das mulheres.

O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

ACOMODAÇÃO

Marie Dressler, uma das figuras mais notáveis do cinema norte-americano, falecida há já muitos anos, era uma mulher gordíssima. Como tivesse que viajar para a Califórnia, pediu à criada que comprasse dois bilhetes pois desejava se espalhar com todo o conforto no seu banco de trem. A hora de embarcar, porém, teve um choque. A criada comprara um bilhete de primeira e outro de segunda...

COMPLETAMENTE OUTRO

Madame de Sevigné dizia do advogado Omar Joly Fleury: — "Quando ele escreve, não é Homero. Quando a gente o vê, não é Joly. E quando fala, nada tem de 'fleury'."

RESUMO

Madame de Duras acabara de obter um enorme êxito com o seu livro "Ourika". — Qual é o assunto do livro? perguntou um prelado, à senhora De Jouy. — Oh, é uma história muito simples. Trata-se de uma negra que sente tal desgosto por não ser branca que se converte em irmã Paraa...

JULGAMENTO

M. de Manzarini escrevia os piores versos do mundo. Entretanto, estava sempre fazendo novas tentativas. Essas tentativas iam sempre parar às mãos de Madame de Sevigné que as repelia invariavelmente. Certa ocasião, pediu a um amigo de Madame de Sevigné que pedisse a ela sua opinião, mas atribuiu-a a si mesmo a autoria do poema. Madame de Sevigné acabou de ler e exclamou: — Mas é tão ruim que até parece poema do Manzarini!

MULHERES

Madame Cramer voltava a Paris, depois de uma estadia em Genebra. Uma de suas amigas queria notícias.

— Que faz Madame Tronchin?
— Faz medo! — retrucou a outra.

"PREMIERE"

Durante uma "primeira", o famoso ator Kean está a tão nervoso que começou a trocar as linhas do diálogo.

— Silvia, — perguntou ele à atriz com quem contracenava, — que idade tinha você quando sua mãe se casou?

O rosto da pobre moça revelou o espanto e a aflição daquela troca. Na mesma hora Kean procurou se emendar:

— Digo... que idade tinha você quando sua mãe nasceu?

— Oh, — respondeu a atriz desorientada, — o mais que lhe posso dizer é a idade que eu tinha quando ela morreu...

AUSENTE

Mademoiselle Claron, célebre atriz dramática francesa, voltou a Paris sob o Terror, já velha, decidente e pobre. Certo dia, alguém bateu à sua porta e a criada anunciou um velho conhecido. Era nem mais nem menos que seu primeiro amor, aquele que se havia apaixonado loucamente por ela, quando tinha dezoito anos e era de uma beleza sem par. Um amigo, por fim, que se aproximava, e com quem poderia contar. Ohand-se ao espelho porém, comparou sua figura com aquela que fôra. Uma ruína. Iria destruir uma das mais belas lembranças de sua vida. Renunciando a qualquer conforto que poderia lhe advir de tal encontro, recomendou à criada: — Diga que não estou em casa.

UM BOM SUJEITO

Quando La Fontaine estava para morrer, seu confessor passava com ele horas e horas, fazendo-o rezar e incitando-o a arrepender-se de seus pecados.

A criada de La Fontaine, vendo a aflição do doente e a igual tensão nervosa do prelado, chamou este de um lado e tranquilizou-o.

— Não se preocupe tanto, monsenhor, ele era meio amalucado, mas no fundo era ótima pessoa. Deus não teria coragem de mandá-lo para o inferno!

FASCINAÇÃO

A Confessa de La Deoyere despertou uma paixão tão violenta no general Ney que este a desposou em segundas núpcias. A deessa havia-lhe roubado a beleza, e toda sua antiga vivacidade se fôra. Entretanto, o marido, contemplava-a sempre com embevecimento, dizendo:

— Como é linda a minha mulher!
— Como é feliz, a tua mulher! — acrescentava ela, comovida.

(Seleção de L. B. especialmente para REVISTA DA SEMANA)



CHAPÉUS

NO inverno, sempre o chapéu tem mais aceitação do que no verão, porque, com vestidos escuros ou com "tailleurs", o chapéu é um complemento indispensável. Aqui temos alguns vindos especialmente de Hollywood.





Na página ao lado ao alto: Mary Stuart, da Warner Bros., usa este "beret" em feltro preto com véu também preto bordado com vidrilhos pretos. Em baixo: Outro tipo de "beret", drapeado, usado pela mesma "estrela". Este adquire um aspecto inédito com o seu longo véu de renda preta. Nesta página, ao alto: "Breton" em feltro preto. Na aba há uma seta bordada em pedras vermelhas. Usa-o Doroth Patrick, da MGM. Em baixo: Penas de galo enfeitam este chapéu de feltro preto usado pela "estrelinha" da MGM, Dorothy Patrick.



MENORES ABANDONADOS

Nós criamos o brasileiro — moleque, para designar o menino valio das ruas mas o termo admite outros significados além do depreciativo: quer dizer também latino, esperto. E sobre a personalidade do moleque há muita coisa para ser escrita; mas o que nos interessa aqui é a sua condição de menor abandonado e não dissertações léxicas.

Por que razão um menino se transforma em moleque? Quais são as causas que geram um tão grande número nas ruas da nossa cidade? Onde termina um menino e começa um moleque? Um menino se sentirá moleque, ainda quando é classificado como tal?

Faço todas estas perguntas, porque vejo com que facilidade e negligência o termo é empregado; sei também que as crianças se ofendem, quando lhes dizem que são moleques. Vamos tentar responder a estas questões parceladamente, e, para melhor compreensão do assunto, definir o termo: moleque, se não há engano da minha parte, é quase sempre o menino pobre, peralta, insolente, grã-hão e descurado que perambula pelas ruas. Poderemos encontrar quase todos estes defeitos, mas, se o menino é rico, deixa de ser moleque; concluímos, então, que a condição precípua do fato de ser moleque, sine qua non, é o seu desvalimento social, e, para raciocinarmos com lógica, diremos que a pobreza não é um defeito e que esta distinção entre o mal-educado rico e o mal-educado pobre me parece injusta.

Um menino deixa de ser menino para se tornar um moleque, quando não tem alguém responsável que vigie pela sua educação, que controle seus impulsos, que discipline suas atividades. Um dos fatores mais propícios à formação de moleques é a falta de escolas; quantas crianças são rejeitadas no início do período escolar, quando acorrem esperanças à escola e se lhes diz que não há vagas suficientes para todas? Quando os pais dispõem de recursos, matriculam os filhos em escolas particulares algumas vezes, alterando bastante o orçamento doméstico; mas, se não podem pagar uma escola e se as mães não podem também ficar em casa para vigiar as crianças, fatalmente elas ficarão pelas ruas, sem a disciplina do estudo ou do trabalho, entregues a si mesmas, desenvolvendo a atividade congênita da criança ou do adolescente, aprendendo na companhia de adultos transviados costumes e ações anti-sociais.

Mas estou certa de que qualquer menino pode deixar de ser um moleque, e gostaria que aqueles que tratam dos problemas de menores abandonados acreditassem nesta afirmativa. Durante a infância e a adolescência, que vai até os dezoito anos, o indivíduo está em contínua transformação, fisiológica e psicológica. Os erros que cometer, os hábitos que adquirir, podem ser modificados por uma reeducação hábil. Nada há de irremediável na personalidade do adolescente; suas idéias, suas atitudes, seus sentimentos, seu modo de ser, são passíveis de sofrerem correções benéficas, que poderão alterar totalmente a estrutura pessoal do indivíduo.

Duas medidas capitais cortariam o mal pela raiz; uma, a certeza de escolas para todas as crianças que as procurassem, e ainda para aquelas recalitrantes que delas fugissem; outra, a criação de campos recreativos em todos os bairros para todas as crianças do local. Não se pode esperar que tudo se faça pelo governo, e se o governo não o faz e nem dispõe de recursos para fazê-lo a iniciativa particular, impulsionada por um espírito de solidariedade, que precisa despontar nesta terra, poderia dar vida e execução a estes campos. O povo atenderia a um apelo desta natureza, se tivesse certeza de que a subvenção seria realmente dirigida ao seu fim, porque muito se tem pedido e pouco se tem realizado. Mas, sob o controle de pessoas de confiança pública inatacável, o apelo receberia muitas respostas. Dirigida e bem orientada, a criança se tornaria adulta normalmente, sem passar pela transição de moleque que a deprime tanto moralmente.

ZOIA DE LAET



WEEK-END na Cozinha

O molho é de grande importância para o paladar. Se bem que existam algumas pessoas que não toleram molho de qualquer espécie, a grande maioria não pode dispensar o seu uso.

Existem molhos salgados e molhos doces, estes últimos em geral usados para regar doces e pudins.

Para que o molho fique com por cento perfeito, torna-se mister usar-se ingredientes de boa qualidade e observar-se rigorosa limpeza nos utensílios a serem usados. Hoje, oferecemos às nossas leitoras alguns molhos para os mais diversos usos.

★

MOLHO VERMELHO

Ingredientes: 250 grs. de tomates; 2 xícaras de caldo de carne; 1 colher. das de sopa, de vinagre; 1 colher. das de sopa ou chá, de sal.

Preparação: Cortam-se os tomates pelo meio, juntam-se ao caldo e leva-se ao fogo para dar uma fervura. Retira-se em seguida, oia-se, juntam-se o sal e o vinagre e leva-se novamente ao fogo para tomar uma boa consistência, retirando-se logo após. Servir meio quente.

★

MOLHO PICADO

Ingredientes: 250 grs. de cebolas; 100 grs. de chalotas; 25 grs. de cogumelos; 60 grs. de manteiga, 50 grs. de enchovas; 50 grs. de alcaparras, salsa e um pouco de farinha de trigo.

Preparação: Reduzem-se a pedacinhos as cebolas, os cogumelos, as chalotas, as enchovas e a salsa. Juntam-se as alcaparras e a manteiga e leva-se a cozinhar em fogo branco durante vinte minutos. Em seguida, retira-se e deixa-se esfriar. Adiciona-se então a farinha, mistura-se muito bem com o batedor de arame e leva-se ao fogo para engrossar. Se o molho ficar muito espesso, junte-se um pouco de vinho branco.

★

MOLHO CREMOSO

Ingredientes: 1 gema, 1 xícara de azeite, 2 colheres. das de sopa, de geléia de groselha, 1 laranja, pimenta.

Preparação: Desmancha-se a gema no azeite usando gota a gota e tempera-se com a pimenta. A parte corta-se em filamentos delgados a casca de laranja, junta-se um pouco d'água e leva-se ao fogo para que ferva durante um minuto. Acrescentam-se então o suco de laranja e a geléia de groselha.

★

MOLHO DE BEDUINO

Ingredientes: 50 grs. de manteiga fresca; 1 limão; sal.

Preparação: Bate-se a manteiga com uma espátula até ficar reduzida a um creme. Acrescentam-se depois, mexendo muito bem, o suco de limão e um pouco de sal.

★

MOLHO DE AMEIXAS

Ingredientes: 250 grs. de açúcar PÉROLA; 250 grs. de ameixas; 1 xícara. das de chá, de água.

Preparação: Põe-se o açúcar Pérola numa cacerola, junta-se-lhe a água e leva-se ao fogo. Quando começar a ferver, acrescentam-se as ameixas sem os caroços e deixa-se ferver até a calda tomar ponto de fio. Retira-se em seguida esmagam-se as ameixas com uma colher, até ficarem desfetas. Depois de frio, derrama-se sobre o pudim ou gelatina.





Na página ao lado: Gloria Graham, da RKO, num audacioso modelo em jersey cor de cereja, franjas de sêda da mesma cor. Em cima: Merle Oberon, "estrela" da RKO, veste um simpático modelo em sêda branca, enfeitado com cordão do mesmo tecido nas mangas e nos bolsos. Em baixo: "Duas peças" em pesada sêda estampada, usado por Irene Dunne, da RKO. O casaco tem na aba duas carreiras de botões e de casas, que não abotoam. Sala "godet".

MODELOS



Assombroso páto los miagres

(Cont. da pág. 11)

OH, PERDOAI-ME!

Eu disse que vos ia falar dos «homens que não entregaram os pontos». Sim, realmente, são eles os «homens que não entregaram os pontos», pois que, destroços humanos, feios de se verem, infundindo piedade, eles não se aproveitam disso. Ao contrário, saem pela rua antes do sol e voltam quando as ruas não mais dão sinal de vida. Sua recusa a esmolar infunde respeito. Sim, eis que têm eles: esta dignidade de não pedir, isso que os faz igualarem-se aos demais homens que circulam, parentemente sadios, pela sua frente. Podeis passar e olhá-los com repugnância, pois que quase sempre são repletos de se verem os seus defeitos, mas, em sua consciência, não podereis deixar de admirá-los, já não digo, mas não podereis desconhecer que ali está um ser humano, que luta contra todas as suas deficiências, com as forças que vai buscar em suas raízes profundas e que jamais divinhareis. Podeis vê-los apenas por fora. Nunca o que lhe vai no íntimo, naquilo que o homem tem de mais puro.

Não. Não quero tecer um hino ao aleijão. Bem sei que as origens são profundas. Vêm da miséria, do desamparo em que nasceram. Às vezes a causa foi dos pais. Mas ainda assim a sua ignorância é fruto da miséria. O que vejo diante de mim são seres humanos, seres de carne, osso e sangue. Seres impossibilitados de amar, de sentir alegrias outras, seres que ainda assim sabem rir e que vos oferecem a sorte, desejando que ela venha ao mesmo encontro.

Bom, vou parar. Não há lirismo nesta história. Se vos deixei essa impressão, perdoai-me: ela é falsa.

Mas, se acreditais na sorte, um conselho vos dou: com um bilhete com o número que vos agradou nesta sortagem, ou mesmo jogai no bicho, pois bem sabeis que é boato, que o jogo não acabou. Mas se não sois fascinados do jogo, então perdoai-me a impertinência de não joguéis.

Que o que obrais muito bem.

Debates sobre uma peça

(Cont. da pág. 19)

que se manifestaram os incensadores sistemáticos do jovem dramaturgo, qualificando de obtusos, burros e regressados todos os que discordavam de seus processos literários e artísticos. Da parte dos que discordavam houve, também, vivacidades de expressão, havendo um fununário público, presente ao debate, qualificado o sr. Nelson Rodrigues de tarado. Este disse que procura a beleza no teatro e que se suas peças espelham monstruosidades é porque a vida é monstruosa e os indivíduos morais, — não sendo, portanto, culpado disso, pelo fato de não tê-los inventado. O ensaiador Z. Ziembsinski fez a defesa dos seus processos expressionistas de "mise-en-scène" e o debate, presidido pelo escritor Emil Farhat, terminou pela madrugada, sem nada de útil haver surgido, no campo estético, devido, especialmente, à falta de método expositivo dos oradores e em razão do ambiente de manifesta intolerância e hostilidade para com os que discordavam. Em suma: o espetáculo não foi dos mais animadores para a nossa cultura e demonstrou que ainda não estamos preparados para tais experiências, — experiências que exigem, antes de mais nada, uma ética e uma isenção perfeita entre os que se envolvem nos debates.

LOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Por favor, indiquem sempre em suas remessas o devido nome e endereço, para que as mesmas se destinem.

DA EUROPA A PALESTINA

(Continuação da pág. 40)

lengos e papéis. Canetas-tinteiro, carteiras de couro e demais objetos que estivessem em boas condições era confiscados. Depois de passarmos por mais uma tenda onde se fazia a «desinfecção», com um chaveiro de D.D.T., subimos ao «navio-prisão». O trajeto, desde o desembarque até o embarque neste é todo feito entre cercas de arame farpado e sob a vigilância de dezenas de soldados ingleses e... árabes, armados de fuzis-metralhadora.

NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE CHIPRE

Felizmente a viagem até Chipre só dura cerca de quinze horas, pois não posso imaginar como se poderia fazer uma viagem mais longa em semelhantes condições. Nos «navios-prisão» os deportados são metidos em dois porões e na cobertura, onde são construídas grandes gaiolas de arame, no interior das quais não existe nem ao menos um banco para a gente se sentar. Se alguém quisesse sentar ou deitar tinha que fazê-lo no frio chão de aço. A noite nos trouxeram alguns biscoitos duros e bolorentos e uma bebida que não posso classificar nem de chá nem de café. Francamente não sei o que era; bebemo-la porque não havia outra coisa. Como não havia lugar para todos se deitarem, muitos adormeceram sentados ou simplesmente esperaram acordados que a noite passasse. Pela manhã ancoramos na baía de Famagusta e fomos transferidos para barcacas que nos levaram à terra, e, depois de passarmos por uma nova «desinfecção» por D.D.T., fomos metidos em caminhões abertos que nos transportaram até os campos de detenção. A entrada destes, fomos outra vez despidos e revistados e recebemos um cobertor, um suco de palha, talheres e dois pratos de ferro. As condições de vida nos campos de Chipre são também horribes. Em alguns dos campos vive-se em barracões de zinco e em outros em tendas de lona. Com a vinda das chuvas, a situação piora ainda, pois tudo se transforma em um enorme lamaçal e as tendas frequentemente começam a desabar com o vento e a chuva. A alimentação é péssima e muito racionada, e para conseguir-se uma lata de água potável é necessário esperar em longas filas pelo caminhão de água que vem uma vez por dia e sempre em horas diferentes. Os campos são circundados por altas cercas de arame farpado, e a curtos intervalos há torres de observação, de onde soldados armados vigiam para que ninguém escape, tendo ordens de atirar em quem tentar fazê-lo.

A despeito de tudo isto, a moral nos campos é elevadíssima. Em todos os campos existem escolas em que se ensinam diversas matérias, e especialmente «ivrit», cursos profissionais, bibliotecas, salões de leitura, grupos dramáticos, orquestras, coros, etc. Nas exposições que frequentemente se realizam pode-se ver interessantíssimos trabalhos em madeira, esculturas de pedra, confecção de roupas e bordados, tudo produzido através das grades. Pratica-se também toda sorte de esportes. O material para a realização de tudo isto é fornecido pela Agência Judaica. Também o «Joint» (J. J. D. C.) auxilia na medida do possível para facilitar a vida nos campos. Nossa retenção se prolongava. Mas, um dia, teríamos que sair dali... E saímos!

NA PALESTINA, AFINAL!

O grupo de 750 pessoas com as quais saí de Chipre, havia estado aí cerca de doze meses. Fácil é de imaginar a alegria que invadia a esta gente. Finalmente lhes seria permitida a entrada na sua querida terra. A viagem desta vez não se fez mais nos «navios-prisão», mas em confortáveis navios alugados pela Agência Judaica. Ao chegarmos ao porto de Haifa já nos esperavam os ônibus judeus, que nos iriam transportar a Atlit. Enfermeiras voluntárias do «Escudo Vermelho de Davida», distribuíam sanduíches e leite fresco, enquanto esperávamos o desembarque de todos os passageiros para juntos seguirmos viagem.

Após passar por algumas das ruas principais de Haifa, a caravana seguiu rumo a Atlit. Durante o mês que fica-



QUE A PAZ VOLTE A REINAR

TRAVESSAMOS a fase das brigas internas. Entidades arrecadadoras do direito autoral empenham-se na disputa da posição suprema, enquanto compositores degladiam-se publicamente. Não mais está em voga o ditado de que «a roupa suja lava-se em casa...» E' de ver-se na matéria paga de alguns jornais, descalabros tremendos contra este ou aquele diretor. Tudo, em pura perda para os que vivem do direito autoral, uma vez que este permanece na situação indecifrável de sempre. A briga em família esta tomando aspecto ca-lamitoso, dando margem a que a arrecadação não se processe, conforme era de esperar. Essa prática, bastante prejudicial a quantos se dedicam às composições populares, está a reclamar melhor entendimento dos responsáveis pela situação. Venham para o terreno da discussão sincera e leal, esquecidos dos ressentimentos pessoais e acima da velha praxe difamatória. Fora desse plano, nada se resolve. A luta se prolonga, os inimigos da classe sorriem à indiferença dos verdadeiros autores e tudo vai por água abaixo. Nada nos move contra o sr. Oswaldo Santiago, nem tampouco contra o sr. Ari Barroso. Ambos merecem nosso respeito e nossa admiração. Por isso, apelamos para a boa vontade dos dois, para que a paz volte a reinar no seio dos compositores brasileiros. Que se harmonizem as coisas na família musical, a fim de que, unidos num só bloco, ela possa lutar na salvaguarda de um direito sagrado, o autoral. Talvez que assim, seja encontrada a fórmula necessária à melhor arrecadação e distribuição do «cobre». E, como da discussão nasce a luz, que os nossos autores discutam com dignidade a causa que lhes diz respeito, sem caírem no lado ridículo das questões estereis.

A. MIGUEIS

CIDADE DO INTERIOR
(Samba)

Marino Pinto e Mario Rossi.

Cidade do interior
tem a sua estação de trem,
um clube, a matriz, um jardim
e um baile mensal familiar.
Tem um cinema modesto
e um pequeno jornal
que sai todo domingo
e quando é feriado nacional.

Cidade do interior
tem um grupo escolar também
e um rio que passa cantando,
espelhando o luar
e o idal que todos têm no interior,
é crescer e casar,
p'ra saber o que é o amor.

QUEDÓ EN VENIR A LAS 9
(Tango)

De Luis Caruso e Uan Polito.

Quedó en venir a las 9
"el domingo, si no llueve"...
La espera recordando se entretiene
Ela es tan linda, ela es tan buena:
— Que le habrá pasado a Elena
que no viene, que no llega...?
Y ya son las 9 y 10
Yo se que apenas llegue lo primero
[que dirá:

"con quien me puse a bailar
o si otra chica miré?
Y ella lo sabe muy bien,
que solo me ata a la vida
la vida de su querer.
Talvez apenas llegue
comprendiendo mi ansiedad.

conmigo saiga a bailar
y me devuelva la fé.
Pero... quedó en venir a las 9
y ya son casi las 10.

El baile está en lo más lindo
esta noche de domingo.

— La duda en esta espera desespera
si ella es tan linda, si ella es tan buena:

— Que habrá pasado a Elena
que no vino, que no llega?

Quedó en venir a las 9
y ya son más de las 10.

SONHANDO
(Chôro)

De K. Chimbino e Del Louro.

Sonhando só com você amor
num grande anseio fico a meditar,
Meu sonho concretizar com ardor
Num paraíso feito à beira-mar.
Sonhando só com você amor
as minhas noites todas têm luar,
tão sutis, que eu, feliz
jamais quisera acordar.

Na luz do seu olhar há inspiração,
seu beijo a me afagar o coração,
seus lábios a sorrir, meu Deus, que amor!
Você parece uma flor
Eu quis ficar assim a delirar,
da noite veio o fim a orvalhar,
meu sonho se acabou.

Então sofri
só porque não mais o vi.

Agora não tenho alegria
se vejo de dia a realidade.
Sozinha, meu lar sem você, não tem
um pouco de felicidade.



Fume! Mantenha porém, seus
dentes livres das anti-estéticas
Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

NOS CLIMAS TROPICAIS..



BROTOEJAS
ASSADURAS
SUORES FÉTIDOS

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas

Dr. José de Albuquerque
Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As **Pilulas Aloicas** auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e des congestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas **Pilulas Aloicas** não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às **Pilulas Aloicas**. Elas nunca falham por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

DA VIDA NADA SE LEVA.

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas **Pilulas Maratú**, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como técnico nervino no tratamento da estenose neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As **Pilulas Maratú** são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuama (*Acanthes Virillis*), duas plantas de virtudes extraordinárias e que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal de sua vida mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as **Pilulas Maratú** é saber gozar a vida, mesmo porque... da vida nada se leva.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo

(Cont. da pág. 18)

mes neste campo com o fim de preencher todas as formalidades legais para a permanência no país, sentimos a enorme diferença que há entre estar nas mãos dos ingleses e estar em mãos de nossos irmãos judeus. As acomodações aí são muito superiores às de Chipre e a comida é abundante e esplêndida. Durante a nossa estada tivemos oportunidade de festejar um grande dia para todos nós, o dia da declaração do Estado Judeu. Os festejos se prolongaram ininterruptamente por 24 horas.

Ao fim de um mês saímos finalmente, como cidadãos livres da nossa amada pátria — Eretz Israel.

GALINHA DE PROCISSÃO

Zilda nem tinha ligado quando ele foi falar com ela na procissão.

— Zilda, posso ir contigo?

Ela parece que nem escutou, olhou para o lado, depois firmou a vista num livrinho de rezo e começou uma Ave-Maria, mas as amigas dela tinham rido, e a gente via que ela estava furiosa com aquela intimidade.

Fereco ficou muito triste, nunca poderia falar baixinho com a Zilda assim como estava falando com a Abigail, mas pensou depressa que isso com certeza era porque ela queria ser muito direita, uma santinha, e não porque ele tivesse jeito de lobisomem, que nem dizia o sacristão português:

— Vai-te catar, rapaz, tens mais pêlo que um lobisomem!

Sempre que pensava bem nas coisas, achava que os outros é que tinham razão. Perdoava os boices recebidos, para poder ficar de novo contente e feliz. Na procissão também não tinha podido falar com o sacristão.

Quando chegou perto viu que ele estava muito ocupado com o andor, fazendo uma força danada para engolir o latim, mas ainda perguntou:

— Amanhã eu tomo banho?

Ficou muito contente porque o sacristão, apesar de não ter falado e de ter dado até um empurrão impaciente com o cotovelo, fez que sim com a cabeça. Isso era sinal de que amanhã ia poder entrar na casa do sacristão — a única na vila em que o deixavam tomar banho. Então! Amanhã ele ia ficar bonito, e se o Maneco-barbeiro também estivesse de boa lua era capaz de dar uma aparada naquelas barbas e nos pêlos que lhe nasciam em quase todo o rosto, só deixando livres um pedaço de testa, as abas do nariz e o vão dos olhos.

— Prrr! Abigail, coitadinha, quase ia me esquecendo de ti!

Abigail agora já sabia onde pisava, correu confiante para apanhar o último grão. Tereco teve então uma vontade entrecida de pegar nela, mas pensou primeiro: será que a Abigail não ia se aborrecer? Na procissão ele vira o Chiquinho-da-encruzilhada rindo muito e achava aquela alegria tão gostosa que tivera vontade de entrar dentro dela para tomar um

MÚSICA

VAUGHAN WILLIAMS — EVOCANDO BEETHOVEN — BIFES, MINUETOS E MAURICE RAVEL — CINCO MIL ADMIRADORES E UMA FUGA

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

S ECHT conta o comovido episódio ocorrido na estréia da Nona Sinfonia de Beethoven. Adoentado, o compositor, entretanto, desafiando a má vontade da crítica, regeu a orquestra que executou, pela primeira vez, a obra. A serena grandeza da música comoveu o público. Delirantes aclamações estrugiram quando soaram os últimos acordes. Não obstante, Beethoven, fatigado e de cabeça baixa, deixou-se ficar de costas para a plateia. Sua atitude já começava a causar estranheza, quando Carolina Unger, uma das solistas, lembrou-se que, surdo, ele não sabia que, atrás de si, os ouvintes exprimiam, com palmas prolongadas, a sua admiração. Tomando a mão do maestro, a cantora fê-lo voltar-se, para que ele "visse" a extraordinária consagração. Comovido, agradecendo, Beethoven encontrou, naquele momento, o conforto de que estava necessitando para reanimar-se, depois das manifestações de hostilidade da crítica que, com Mendelssohn à frente, classificara aquela sinfonia como "música carnavalesca de um bêbado."

Recentemente, quando o velho Vaughan Williams, o decano dos compositores ingleses, recebeu a homenagem da crítica e do público pela estréia de sua sexta sinfonia, uma circunstância ligava o fato recente ao que evocamos no início desta crônica. Vaughan Williams é surdo. Surdo e já de idade avançada, pois tem mais de setenta e cinco anos. O artista, como Beethoven, só pôde "ver" o seu triunfo, pois, embora em pleno vigor a sua imaginação criadora, ele não pode mais ouvir a sua música.

BIFES, MINUETOS E MAURICE RAVEL

Mark Twain dizia sempre que o temperamento dos povos pode ser definido numa anedota e, para corroborar a sua tese, contava a seguinte história:

Quando Deus criou o mundo, dizia o humorista americano, perguntou às nações o que preferiam que lhes desse. "Mulheres", responderam os franceses. "Sauerkraut", retrucaram os alemães; "Dólares", disseram os americanos; "Bifes", foi a súplica dos ingleses. "Música", pediram os italianos.

Ora, se, na verdade, é bem espirituosa a invenção de Twain, ela encerra graves injustiças. Basta lembrar que, em vez de música, os italianos poderiam

ter solicitado macarrão... E conquanto a música não seja uma arte na qual se destaquem, especialmente, os ingleses, na verdade basta examinar, com Eric Blom, desde o folclore até a produção erudita, para verificar que também não é assim tão pobre de musicistas a terra de John Bull.

Entre os contemporâneos, basta lembrar a figura moça de Britten, o talento maduro de William Walton ou a fecundidade maravilhosa de Vaughan Williams para desmentir os que acusam os britânicos de esterilidade na música.

Vaughan Williams reina, há trinta anos, na Inglaterra, como o seu mais destacado e mais típico compositor, desde que apresentou a Sinfonia Londrina. Simples, rebelde às convenções e aos preconceitos, Vaughan Williams deu uma prova definitiva de sua disposição quando, indo estudar com Maurice Ravel, submetido à disciplina dos exercícios habituais, proclamou sua independência, dizendo: "Não vim de Londres para aprender a compor minuetos à maneira de Mozart." E, repelindo a influência francesa do requintado Ravel, entregou-se a uma arte espontânea e viva que descreveu, mais tarde, em seu livro *Música Nacional*. "Por que o músico não deve servir ao Estado e construir monumentos nacionais como o pintor, o escritor ou o arquiteto? O compositor não pode isolar-se em sua arte; deve viver com concidadãos e fazer da arte uma expressão da comunidade."

TRABALHO, CINCO MIL ADMIRADORES E OS AUTÓGRAFOS

Apesar de seus setenta e cinco anos de idade, Vaughan Williams continua a produzir com a mesma abundância e o mesmo vigor com que se apresentou ao público inglês há várias décadas. Esquivo às homenagens. Um tanto sêco.

Quando cinco mil admiradores se reuniram no Albert Hall para ouvir Adrian Boult reger a sexta sinfonia de Williams, o compositor, acomodado num camarote, observou, com satisfação, o público. Mas, mal terminada a execução, fugia dos caçadores de autógrafos, desaparecendo, depois de um rápido abraço nos intérpretes e uma saudação apressada, do palco, para atender aos repetidos chamados da assistência.

banho de felicidade, bom como os que tomava na casa do sacristão (quando a mulher dele não estava de veneta). O Chiquinho-da-encruzilhada vinha no rabo da procissão, e seu riso era mais claro que o branco vestido das filhas de Maria — parecia brilhante água dançando em folha escura de inhame. O sacristão tinha negado estribo, a Zilda recolhera os ouvidos, o padre franzira a testa e pusera nele olhos duros — todos, parece que todos o enxotavam da procissão colorida, para longe das opas vermelhas, das cantorias tão bonitas puxadas pela Zilda. Só aquele riso estava abrindo as portas para ele entrar, ele e seu tímido amor fraternal.

— Chiquinho-da-encruzilhada, eu "tô" aqui!

Sorriu, mostrou a dentuça, estava ali, estava bêbado de es-

perança. Chiquinho-da-encruzilhada chegou perto, abriu os braços (ah! lá vem um abraço, um abraço finalmente!) e passou-lhe uma rasteira.

— Já que estás aí ficas aí mesmo, Tereco Tan-tan!

Chiquinho ria ao dizer isso, um riso tão bonito que abafava o riso dos outros todos, e o Tereco ficou no chão, sem raiva, olhando para aquele riso como olhava maravilhado para os brilhantes água dançarem nas folhas de inhame. Que rapaz simpático, o Chiquinho, que rapaz feliz! Ria tão bonito que a gente ficava alegre só de ouvir o seu riso...

— Ai! não bica, Abigail, não tem mais, acabou o milho

Sentiu remorso porque esquecera a Abigail. Quem sabe se procurando bem ainda encontrava alguma coisa? Remexeu em tudo, a camisa rasgada não ti-

nha bolsinho, nos bolsos da calça não havia mais nada — ah! o chapéu! Tirou o chapéu esburacado, mexeu na carneira e encontrou um pedaço de chicle. Tinha encontrado aquilo num poste — há quantos dias?

— Abigail! Prrr! Você gosta de chicle, minha filha?

Abigail veio vindo, veio vindo, parecia que ia ter coragem de chegar bem perto, até poder bicar o pedaço de chicle. Meu Deus, valia a pena pegar nela? E se ela não gostasse? Mas estava com tanta vontade de pegar em alguém, em alguma pessoa viva...

— Cocoró-cocó! — lá saiu a Abigail esvoaçando num susto medonho pela rua afora. Dobrou a esquina sem nem se voltar para trás.

O Tereco ainda ficou ali, sentado na beira da calçada, muito quieto, olhando duas peninhas

escuras que lhe tinham ficado nas mãos. Mais uma vez se enganara: a galinha não tinha as qualidades que ele imaginara, não era Abigail. Se fosse, teria ficado com ele. Era uma galinha vulgar, apenas. Mas não era má pessoa. Conversara com ele um pouco, depois se assustara — todos parece que se assustavam quando ele abria os braços e queria despejar a sua ternura — por isso achava natural que a galinha também não quisesse. Mas ele tinha necessidade de ser feliz ao menos um pouquinho, de qualquer jeito. Ah! se a galinha se chamasse mesmo Abigail...

Não se chamava, mas era boazinha, deixara duas penas de lembrança. Duas peninhas engraçadas, diferentes. Uma tinha as orlas escuras, e o centro claro. A outra tinha um lado escuro e o outro claro. Duas peninhas bonitas! Que nome poderia dar para a de orlas escuras? A outra, sendo mais simpática, se chamaria Zilda. Uma Zilda e a outra Abigail. Ambas eram muito simpáticas, eram profundamente humanas aquelas duas peninhas. Não faziam como os outros, não fugiam dele. Recebiam sem protestar aquele amor que lhe estalava o coração...

Tereco sorriu, contente outra vez, como sempre, contente. Agora, que tinha duas peninhas tão humanas, ia poder passar um dia muito feliz.

Meu nome é A ao

(Cont. da pág. 35)

— Que é? indagou.

— O fazendeiro John Byro, respondi. Esteve lá em casa e está querendo o cavalo outra vez... Já faz um mês que você está com ele. Quero que você me prometa não entregá-lo de volta enquanto eu não souber montar direito.

— Você vai levar mais um ano até aprender direito, respondeu meu primo.

— Então temos que ficar com o cavalo durante um ano.

Meu primo se pôs de pé de um salto.

— O que? Você está sugerindo o roubo a um membro da família Garoghlanian? O cavalo tem que ser devolvido ao dono.

— Quando? perguntei.

— Pelo menos dentro de seis meses respondeu.

Atirou o passarinho para cima. O bichinho pelejou muito, esteve para cair, mas por fim conseguiu alçar voo e se foi.

Todas as manhãs, durante duas semanas, meu primo Mourad e eu fomos buscar o cavalo na estrebaria escondida e montávamos. Cada manhã, quando chegava a minha vez de montar sozinho, o cavalo danava-se a saltar as setas de vinhedo, os arbustos e acabava por me



Bolo Royal da Semana

Vale a pena fazer bolos, esta semana e sempre... Não há dia nem hora, porque a todos agrada, a todos alegra. Bolos bonitos, apetitosos, são feitos com o produto de qualidade e confiança — Fermento Royal.

BOLO SIMPLES

4 COLHS. MANTEIGA
1 XICARA AÇÚCAR
1 COLH. (chá) ESSÊNCIA
1 OVO
1 XIC. LEITE OU ÁGUA
2 XICARAS FARINHA
1/2 COLH. (chá) SAL
3 COLHS. (chá) ROYAL

Bata a manteiga e o açúcar. Junte a essência e o ovo bem batido. Em seguida, e alternadamente, o leite e os ingredientes secos peneirados juntos (farinha, sal e Royal). Forma ou forminhas untadas em forno moderado, durante 30 minutos. Também pode ser assado em taboleiro, para ser preparado em camadas com recheio e coberto.

GRÁTIS!

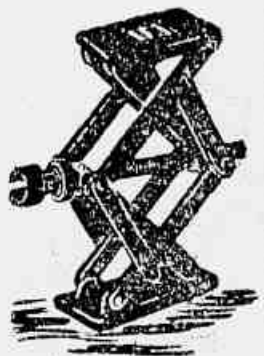
Obtenha o Cartão Royal e ganhe o "Livro de Receitas Royal"

Solicite hoje um Cartão Royal de seu fornecedor para saber como ganhar gratuitamente o famoso Livro de Receitas Royal. Ou escreva para Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc. Rio de Janeiro

O SEGREDO DA "BOA MÃO"



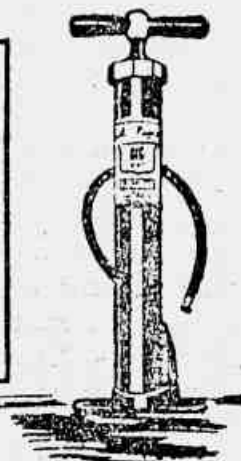
DOIS
PRODUTOS**BIG-BOY**FABRICAÇÃO
AMERICANADE ALTA
QUALIDADEMACACOS UNIVERSAIS
Até 2 Tons.
Tipo de SegurançaBOMBAS DE AR
para automoveis

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

MESBLA

Rua do Passeio, 48/54

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES



atirar no chão. Em seguida fugia. Mas eu estava sempre firme, na esperança de vir a montar tão bem quanto o meu primo Mourad.

Uma manhã, quando já íamos de volta para a cocheira abandonada, topamos com o fazendeiro John Byro que ia para a cidade.

— Deixa que eu falo, avisou meu primo, eu tenho um certo jeito para lidar com fazendeiros.

O fazendeiro contemplou o cavalo longamente.

— Bom dia, filhos dos meus amigos. Como se chama o vosso cavalo?

— "Meu Coração" respondeu meu primo Mourad.

— Um lindo nome, disse John Byro, para um lindo cavalo... Eu era capaz de jurar que esse cavalo é o meu, aquele que me roubaram há um mês... Dá licença que olhe os dentes dele?

— Naturalmente, respondeu Mourad.

— Eu seria capaz de jurar que é o mesmo cavalo, se não conhecesse a fama de honestidade que vocês têm. Mas esse cavalo parece irmão gêmeo do meu! Se eu fosse um homem desconfiado, se acreditasse mais nos meus olhos do que no meu coração, seria capaz de jurar! Até logo, rapazes.

— Até logo, John Byro, respondeu meu primo.

No dia seguinte muito cedo, levamos

o cavalo para a fazenda de John Byro e o deixamos lá na sua cocheira. Os cachorros andaram à volta de nós sem soltarem um só latido.

— Os cachorros... murmurei aos ouvidos de meu primo.

— Eles seriam capazes de latir para qualquer outra pessoa, mas não comigo. Eu tenho um certo jeito para lidar com cachorros.

Meu primo Mourad abraçou o cavalo, apertou o nariz contra o nariz do cavalo, acariciou-o e em seguida foi embora.

Nessa tarde John Byro foi lá em casa. Apareceu de charrete e mostrou à minha mãe o cavalo que havia sido roubado.

— Nem sei o que pensar, o cavalo está mais forte do que nunca. E mais manso, também. Graças a Deus!

Meu tio Khosrove que estava na sala ficou zangado e berrou:

— Cale a boca, homem! Devolveram o seu cavalo, não foi? Pois não tem importância, não faz mal!

O GRANDE SOLITÁRIO DA...

(Cont. da pág. 14)

da moderna arte americana Seus discursos políticos são pronunciados em comícios adrede organizados por uma equipe de verdadeiros técnicos, à frente dos quais se coloca o seu mestre de ce-

rimônias, cuja tarefa primordial é preparar o espírito das massas antes da chegada do profeta de Paquistão.

Nesse ambiente de grande encenação, em que os menores detalhes não são esquecidos, Jinnah vai catequisando o povo em prol dos seus ideais políticos. Qualquer que sejam as restrições porventura feitas à sua vida política, a figura de Jinnah reponta, entretanto, como a de um dos homens públicos mais incorruptíveis da Índia. Gosta de cigarros e de «whisky» e é um esteta. Não tem interesse por qualquer outra atividade que não seja a advocacia e a política.

Confortavelmente sentado na sala de estar de sua residência de Nova Delhi, de decoração irrepreensível, tendo ao lado um poderoso rádio-vitrola de 12 válvulas, ao fundo um moderno aparelho de refrigeração, e nos cantos diversos troféus esportivos, inclusive um grande bronze representando o futebol, Jinnah entretém seus visitantes durante horas inteiras, a discorrer com inigualável eloquência sobre os problemas da Índia hodierna. Mede 1,89 de altura e pesa somente 54 quilos. Essa enorme disparidade entre a altura e o peso torna-o extremamente magro, a ponto de impressionar desfavoravelmente. Mas quando defende suas convicções, os olhos negros adquirem expressão de vigor excepcional.

Coração de corunilha

(Cont. da pág. 15)

Algum tempo depois que o patrão saiu a peonada ainda sentia os ouvidos cheios daquelas palavras quasi cuspidas, duras, atiradas com força para fora da boca.

Em qualquer outra parte as marcações são uma festa. Há bail s, há pencais arranjadas ali na hora, há mulheres enfeitando a mangueira e o galpão com seus vestidos floreados e suas risadas sonoras, há risos de gente e de gaita na sombra das árvores, bastante comida, assado que sobra para o povereiro, muita chaleira no fogo para o chimarrão e o patrão rindo junto com a peonada. Mas ali na estância Branca o "serviço era serviço, não era fandango", como dizia o velho. Fazia-se tudo em silêncio, sem conversa, sem risadas, sem cordeona, sob os olhos afiados do patrão que não deixava escapar nada, com a voz gritando ordens bruscas como um estalo de laço que se rebenta.

— Que barbaridade de patrão! Parece até um pé de unha-de-gato!

Uns riram baixinho enquanto dois ou três cochichavam.

— Cala a boca, seu, que se o home ouve, te mata logo!

— Haverá de matá! Como coisa que ele fosse delegado prá fazê tudo sem dá conta pros outros. Não que alguém se ressentisse com a minha morte! Tá se vendo! Um chirú como eu...

Outra risada.

— Tu tá te achicando!

— Não me achico prá outro home!

Pouco a pouco a conversa recomeçou no galpão e foi até noite alta, quando o céu era uma única mancha, sem lua e sem estrelas, contra o qual se recortava a ramaria dos umbús da frente da estância, "os umbús assombrados" como dizia o Santo, pois sob sua sombra, num dia perdido no tempo, três homens foram degolados. Não pelo seu Januário, claro! Por outro parecido com ele, assim, de coração duro como cerné de corunilha. Nunca se soube bem a história. Talvez até s'ja mentira, coisa contada pelos velhos que gostam de aumentar as histórias e que misturam tudo numa recordação só. Talvez fosse engano, mas o Santo, que não bebe, já afirmou que viu, numa noite escura, um vulto se mover por entre a sombra dos umbús e disse até que chegou a ouvir soluços.

— Não me repete a história, seu, que devéras eu não te acredito! Quem sabe é o seu Januário que anda assombrando a estância?

O peão rematou com uma gargalhada a história do Santo, contada e recontada sem que ninguém acredite. Ninguém acredita no Santo. Ele é o piá. Muito preto, magricelo, parece um desses cuscos guaipecas, eternos companheiros das carretas que se espreguiçam, gemendo, pelos corredores.

(Continua no próximo número)

AS MULHERES LINDAS
AFIRMAM:

RUGOL

facilita o tratamento da
pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá a cutis maravilhosa brancura, diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 2 a 5 minutos.

CREME
RugolMantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELECOM 1948 CHEGOU O NOVO
CONJUNTO
TIPO AMERICANO
PARA COZINHA E COZINHAINDUSTRIAS
NEVE LTDA.Rua Rosa e Silva, 74 — Fones
5-1311 e 5-1322 — São Paulo

VENDAS E EXPOSIÇÃO

ÚNICO REPRESENTANTE

A. BLUM SOBRINHO — 42-2455

RUA DO CARMO, 6 — 10.º AND. — SALAS 1.009/1010

★ Para a beleza, a comodidade e a economia de sua residência. O novo tipo KITNEVE apresenta melhoramentos valiosos e moderníssimos. Consulte-nos sem compromisso, para detalhes.

NÃO DORME BEM?
DYNAMOGENOL VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPOAOS ASSINANTES
E DISTRIBUIDORES
DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre,
com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se des-

tinham.



Em 1947 os aviões da Força Aérea Brasileira percorreram mais de 6.000.000 de quilômetros, transportando cerca de 2.000 toneladas de cargas diversas, sempre controlados pelas estações de rádio, que atualmente ultrapassam uma centena.

Segundo o jornal "Denver Post", acaba de ser concluída no Alasca uma base aérea para poder receber um novo bombardeiro gigante "B-36". Trata-se, conforme o referido jornal, da base conhecida pelo nome de "Milha 26", que deverá ser rebatizada com o nome de "Eglin Field" e cuja situação lhe permitirá servir de ponto de partida para qualquer parte do hemisfério norte.

A Boeing Airplans Company, produtora das Super-Fortalezas Voadoras, anunciou que vai pôr em atividade sua fábrica n.º 2, em Wichita, Kansas, EE. UU. Mil engenheiros, mecânicos e técnicos foram chamados para trabalhar. Dentro de seis meses, o enorme estabelecimento, que durante a guerra empregou 30.000 operários, deverá estar trabalhando em toda sua capacidade. A fábrica está sob o controle da Força Aérea norte-americana.

A Wright Aeronautical Corporation, divisão construtora de motores da Curtiss-Wright Corporation, desenvolveu com êxito, para a Marinha dos EE. UU., o que se acredita ser o mais poderoso motor de avião de 18 cilindros do mundo. O novo motor, representando um aumento de cavalo-fôrça de 22 por cento sobre o motor recíproco mais poderoso do tempo da guerra, é calculado em 2.700 H. P. E até mesmo maior potência de R.P. pode ser obtida para operação de combate através do uso de injeção de água. Entre outras vantagens da nova máquina, incluem-se uma proporção baixíssima de peso motor para potência, aumentando a produção nas altitudes elevadas, e um novo desenvolvimento do desenho do cilindro, que proporciona uma refrigeração melhorada da mesma.

Entre a Inglaterra e o Peru foi firmado um acordo bilateral para o estabelecimento de serviços aéreos entre os dois países.

Deverá ser instalado em Londres, ao longo da principal faixa de aterragem do aeroporto, um novo sistema de iluminação quinhentas vezes mais poderoso que qualquer outro agora empregado.

O quadrimotor PP-PDA da Frota Bandeirante da Panair do Brasil estabeleceu um novo recorde para a aviação comercial brasileira fazendo em nove horas exatas o percurso Lima-Rio.

Foi sancionado pelo presidente da República do Brasil o ato legislativo que manda incluir, em caráter permanente, no Almanaque da Aeronáutica, o nome de Alberto Santos Dumont com o posto de tenente-brigadeiro.

Comemorando a primeira travessia aérea do Atlântico Sul, o governador e comandante militar de Fernando de Noronha realizaram a inauguração solene de um marco relembrando a proeza dos aviadores portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho.

O presidente da República do Brasil assinou decreto concedendo a Cruz de Aviação a numerosos aviadores relacionados pelo titular da pasta. Essa condecoração é somente conferida aos militares que prestaram serviços considerados relevantes durante a última guerra.

O presidente da República do Brasil determinou que fossem adotadas as medidas necessárias para a reconstituição do monumento erigido pelo governo francês ao inventor do avião, Alberto Santos Dumont.

A Empresa Aeroviária Mato Grosso inaugurou há pouco uma linha aérea entre as cidades de Cáceres e Corumbá, com uma viagem semanal. Recentemente aquela empresa estabeleceu uma linha entre Cáceres e Cuiabá, com aviões para quatro passageiros.

O chileno Alberto Zout, veterano da segunda guerra mundial, bateu o recorde sul-americano de salto de paraquedas, arrojando-se da altura de 3.500 metros, sobre a localidade de Colina, próxima da capital do Chile.

A Companhia de Transportes Aéreos Nacional inaugurou uma nova linha entre Belo Horizonte, em Minas Gerais e Salvador, na Bahia. Essa nova rota tem como escalas as cidades de Governador Valadares, Teófilo Otoni, Pedra Azul, Conquista e Ilhéus, as duas últimas na Bahia, e é servida por aviões "Douglas DC-3".

A Força Aérea da Argentina encomendou mais 50 aviões transportes "De Havilland Dove", da Inglaterra. Vinte desses aparelhos foram comprados o ano passado.

(Noticiário compilado por E. de OLIVEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

Os olhos de Bill

(Cont. da pág. 17)

senhor é, enquanto não acender a luz, quer acender agora? O médico não respondeu.

Bill estirou os braços e bocejou satisfeito, moveu-se na cadeira e quase conseguiu defrontar a enfermeira que ainda estava de pé ao lado da mesa. Sorriu e fez uma careta de bom humor para a parede lisa, uma jarda à esquerda do lugar onde Miss Connors estava esperando.

O médico falou. — Tenho um metro e sessenta de altura — começou ele em sua voz hesitante e compassiva — Peso cerca de oitenta e oito quilos, portanto você pode imaginar como estou ficando barrigudo. Vou fazer cinquenta e dois anos na próxima primavera, e estou ficando calvo. Estou com um terno cinzento e sapatos cor de canela. — Fez uma pausa por um momento como para controlar sua próxima declaração. — Estou com uma gravata azul — continuou ele — uma gravata azul escuro, com pintinhas brancas.

A vida de Jonathan Swift

(Cont. da pág. 36)

velmente a 29 de março próximo, cerca das 11 da noite, de uma febre devastadora...

O dia 29 de março passou e Partridge protestou que permanecia vivo. Mas "Isaac Bickerstaff" manteve sua predição. Publicou uma minuciosa *Notícia da morte de M. Partridge, o fazedor de almanaques, no dia 29 do corrente*. Mais uma vez Mr. Partridge protestou que não estava morto. Diante disso, "Mr. Bickerstaff" anunciou com seriedade que John Partridge era não somente um cadáver mas também um mentiroso.

E assim o farsante ficou desmoralizado e permaneceu "um morto e um mentiroso" até o fim da vida.

III

Swift era um homem estranho, e uma das coisas mais estranhas que com ele se deram as suas relações com Stella e Vanessa. Stella, como vimos, era a meninazinha a quem ele tinha dado lições enquanto servia como secretário de Sir William Temple. Quando Stella cresceu, tornou-se para ele alguma coisa menos que uma amante porém alguma coisa mais que uma amiga. Quanto a Vanessa (cujo verdadeiro nome era Ester Vanhomrigh) Swift a conheceu numa de suas idas a Londres e sentira-se ternamente afeiçoado a ela. E Vanessa — apesar do deão ter idade suficiente para ser seu pai — apaixonou-se por Swift.

E aqui começa um dos casos mais interessantes na história do amor. Swift devotou-se a ambas sem, entretanto, entregar-se inteiramente a nenhuma delas. Quando estava na Inglaterra, mantinha uma correspondência íntima com Stella; e quando estava na Irlanda, fazia o mesmo em relação a Vanessa. E finalmente, quando se estabeleceu em Dublin como deão da catedral de S. Patrício, viu-se na situação agradável, embora embaraçosa, de arcar com a presença de ambas as suas afeiçoadas, vivendo na mesma vizinhança. Stella morava numa casa próxima da catedral e, quando Swift estava viajando, ela ficava no próprio aposento do deão. E Vanessa tomou uma casa num subúrbio de Dublin com o pretexto de que tinha herdado uma propriedade naquela localidade e que precisava tratar pessoalmente do negócio.

Stella e Vanessa nunca se encontraram. No entanto, uma sabla da existência da outra e ambas ralavam a Swift com seus ciúmes. Das duas, Vanessa era a mais impetuosa. "Nasci com paixões violentas", confessou a Swift em uma de suas cartas, "e todas vêm a dar numa única: esta inexprimível paixão que sinto por ti... Por favor, demonstra-me um pouco de carinho, senão enlouquecerei..." E, finalmente, ela não suportou a tensão a que eram submetidas as suas emoções. A 1.º de maio de 1723, fez seu testamento, no qual omitiu deliberadamente o nome de Swift e morreu a 1.º de junho do mesmo ano "sem a assistência de Deus ou de um padre", e "tendo nas mãos um fragmento de *História de um barrip*".

Stella, não menos sensível porém mais sensata que Vanessa, sobreviveu a esta cinco anos. Pode dizer-se que em geral exerceu influência preponderante sobre o seu "clérigo louco". Sendo uma mulher de caráter firme e de critério sereno, "dispunha-se antes a confirmar uma opinião errônea do que a contradizê-la. A desculpa que costumava dar (estamos citando palavras de Joseph Addison) "era que assim evitava barulho e poupava tempo". Embora não lhe agradasse o papel de dona apenas de uma metade das afeições de Swift, contentava-se com um ocasional ataque à "deslealdade do meu querido". Afinal compreendia que Swift era um homem fora do comum, que precisava ser tratado com cuidado especiais.

E assim ela viveu sua cautelosa vida mais como "sua ministra que como sua amante" (1). Não há provas que corroborem a insinuação de alguns dos seus contemporâneos de que eles se tenham casado. E quando ela morreu, deixou no coração do velho deão uma lacuna

(1) O autor usa aqui um jogo de palavras, "mistress-mistress, impossível de reproduzir em português (N. T.)



imprescindível. Dali em diante a conduta exterior de Swift, como a do seu íntimo, foi a de um homem amargurado. "Detesto o mundo", escreveu a um de seus amigos, "porque estou me tornando inteiramente inadequado a ele".

IV

Para o deão Swift tornou-se uma espécie de ritual ler, no dia do seu aniversário, o capítulo da Bíblia no qual Job amaldiçoa o dia em que veio ao mundo. Aprendia cada vez mais a desprezar a humanidade e a servir a seus semelhantes. Estava especialmente ansioso por aliviar o peso que acabrunhava os irlandeses. Castigava-os com a língua e com a mão os acariciava. O sofrimento da Irlanda tinha-se tornado a ansiedade dominante de sua velhice. Aliviar esse sofrimento, tornara-se sua ambição mais viva. Certa ocasião, tendo o governo proposto uma medida contra o povo irlandês, Swift, numa série de cartas, zurziu a injustiça com tal virulência que o governo julgou necessário desistir do intento. Estas cartas, assinadas por "M. B. Drapier, proprietário de uma loja de artigos irlandeses", conquistaram para Swift "a eterna gratidão" dos irlandeses e tornaram-se para ele "uma fonte perene de aborrecimentos". Pois não lhe agradava a adulação do povo. Ele o ajudara, disse, não movido de amor ao povo, mas de ódio à escravidão. Conhecia a inconstância da multidão. Esta estava pronta a aplaudi-lo por seu desassombro em defendê-la. Mas, levantaria um dedo para salvá-lo das consequências de sua intrepidez? Para ilustrar este ponto, contava uma história divertida. Um judeu espanhol, seguido por uma turba de exaltados colegiais, era conduzido ao pelourinho. Temendo perder seu divertimento se o homem fizesse sua retratação, a meninada dava-lhe palmadas nas costas e gritava: *Stá, firme, Moysé!*

E Swift continuou firme a despeito dos meninos bobos e dos selvagens inquisidores do mundo. Sentia um desprezo compassivo pelos Yahoos da espécie humana, com seus prejuízos e suas paixões, sua estupidez, suas trapacas e suas guerras. Espantava-se com a desumanidade do homem para com seu semelhante. Tinha perdido toda a fé na razão humana. E asseverou essa sua falta de fé num folheto cuja cerrada lógica lhe confere, mesmo entre as obras de Swift, um lugar especial. O título desse folheto é *Modesta proposta tendente a impedir que os filhos dos pobres sejam um peso para os pais ou para a nação, e a torná-los úteis ao público*. Onde está — perguntava ele — a utilidade de todas as sugestões feitas para minorar a "terrível pobreza e a confrangedora penúria" dos camponeses da Irlanda? Para que perder mais tempo tentando ensinar os proprietários de terras

(Cont. na pág. 47)

A MULHER DE MIKE

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVIS-
TA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao
King Features Syndicate.

História de
BENEDICT e NANCY FREEDMAN
Desenhos de JOHN CROSMAN



Demorei bastante em frente ao espelho.



Mike abraçou-me, hesitante.



Estava sozinho, contra o noroeste...

Uma vez que eu me decidira a regressar a Boston, não havia muito o que fazer. Preparei as malas e o estojo de remédios, para cuidar do pobre Randy. A estação ferroviária ficava apenas a um cento e sessenta quilômetros e Mike disse que me levaria ao trem... Na última noite, pus-me a escovar os cabelos em frente ao espelho. Demorei propositadamente a operação... sabia que Mike gostava de me admirar. Ele, porém, nem sequer deu-me um beijo. Disse apenas «boa noite», muito sério, e se retirou. Todo mundo estava no cais, onde tomaríamos o barco que nos levaria para o outro lado do lago do Escravo. E foi no último instante que Sarah murmurou para mim: — Volte, Mike. A senhora deve voltar. — Mike levou-me nos braços para dentro do barco. Vi-me para dar adeus, mas já não estava em condições

de distinguir rostos... E a gritaria do pessoal que me desejava boa viagem e felicidades chegava a mim como um ruído confuso. E todo o tempo fiquei imaginando como teria Sarah adivinhado... A água me separava de Grouard. Olhei para o cemitério da colina. Já estávamos longe de mais para ver as cruzes. Achei que era melhor olhar para a proa... olhar para a frente. Seria até simbólico, olhar para a frente... Levamos dez horas para chegar a Sawarage. Faltavam ainda vinte e quatro quilômetros para chegarmos à estrada de ferro. E que jornada foi aquela, na carroça que alugamos para conforto de Randy! Chapinhamos na lama o tempo todo e eu não pude acreditar que existisse uma estrada de ferro num terreno daqueles! — Talvez seja boato — disse eu. — Vocês já viram mesmo esse trem? — E de repente, sem que eu

esperasse, lá estava ele! Uma locomotiva, um vagão de carga e um de passageiros. Ficamos espantados com aquilo tudo e os empregados da estrada conosco... Disseram logo que eu não pagaria passagem: viajaria como convidada de honra, mas... por minha conta e risco! Tudo pronto. Mike fez votos para que eu me divertisse bastante... Quando o maquinista deu o grito de partida, Mike tornou a falar: — Kathy, adoro-a, Kathy. Eu... — Abraçou-me sem entusiasmo, vacilante, e fiquei a olhá-lo... E a última visão que tive dele foi ali em pé, sozinho contra todo o noroeste. Baixei os olhos, com uma dor no coração pelas palavras ditas e pelas não ditas. O trem andava muito devagar. Mas pouco depois comeci a saborear a viagem, a pensar em Boston...



Sentei-me ao lado dele...

Adiante estava a Estação do Norte, reluzindo à chuva, conhecida e no entanto irreal. Era Boston. Minha irmã, Anna Frances, e a irmã de Randy estavam na estação. Anna segurou minha mão e disse: — Mamãe está muito contente com a sua volta. — E eu, cautelosa: — Pretendo ficar bastante tempo. — E Anna: — Fique quanto quiser. Você está em casa... — Mamãe me beijou, sorriu, fazendo sem cessar sobre mim e uma coisinhas. No dia seguinte foi a festa de boas-vindas e a casa ficou cheia de rapazes e moças de cujas caras eu só vagamente me lembrava. Estavam todos muito alegres. Alguém tocou «Alexander's Ragtime Band» no piano e um rapaz alto e pálido chamado Dick tirou-me para dançar. Depois fui obrigada a me sentar ao lado dele, no piano, enquanto ele tocava



— Kathy, nunca a esquecerei!

e cantava uma canção muito engraçada. Todos conversavam animadamente. Fui para a varanda... Não podia suportar tanta gente tão perto de mim, sem falar nas lâmpadas elétricas... Na varanda estava muito frio. Sentia-me bem. Dick veio atrás de mim. De repente, segurou minhas mãos e puxou-me para ele. — Kathy, você nem imagina como fica linda com este vestido. A cor é perfeita com seus olhos e cabelos. Sempre me lembrarei de você como a vejo neste momento. — Eu quis dizer que o vestido era de minha irmã e que geralmente eu andava de culote... mas não sei por que fiquei meio apalermada. Mas quando vi aquela cara de idiota, se inclinando para cima de mim, quebrou-se o encanto. Comecei a rir e empurrei o rapaz para longe. — Vá se distrair com as



— Mamãe... eu amo Mike!

meninas — despachei-o e fui para cima. Pela primeira vez me permiti pensar em Mike. Não havia um homem igual a ele em Boston. Sentei-me na cama e sorri de orgulho. Depois, comeci a chorar... Daí a pouco mamãe entrou. Abraçou-me. — Katie, você está com saudades! — Mamãe, eu amo Mike. Nunca deixarei de amá-lo. — Eu sei, filha. Olha aqui, Katherine Mary, eu acho que uma esposa nunca deve largar o marido. Mas se o seu homem a quer, deixe que ele venha buscá-la. Não vou deixá-la voltar sozinha para o norte, para a solidão e para a sepultura de seus filhos. Agora, que tal se você for a um teatro, hoje? — Vou mesmo — concordei. — Hoje e amanhã de novo.



— Bagunça? — disse Ivy. — E' assim que eu gosto!

Em Boston havia de tudo em matéria de teatro: drama, opereta e comédia musical... muita cor, movimento, e muita música para me embalar... Eu me sentia feliz naquele mundo de «faz de conta», mas sempre voltava em lágrimas à realidade. Dona Ivy ganhava bem mas tinha a mania de não pagar à mamãe o aluguel do quarto. E não era só isso, pois um dia chegou a insistir que não era possível ter perdido as três. — Bom Deus, — perera possível ter perdido as três? — Mamãe então explicou guntel, — sumiu alguma coisa? — disse que com certeza que se tratava de três revistas, e disse que com certeza tinham sido jogadas fora na hora da arrumação. E acrescentou: — Também, a bagunça é tanta nesse quarto! — Ai a mulherzinha se queimou: — Bagunça!? Bem, é assim mesmo que eu gosto! E além de não se ter sossego, aqui... — Não aguentei mais e fechei a porta sobre as últimas



Vi canteiros maravilhosos...

reclamações de dona Ivy. Naquele dia dei um grande passeio pelo morro do Farol. Meti o nariz dentro de todos aqueles portões de ferro, para os jardins e os palacetes de granito. Vi maravilhosos canteiros floridos e caramandões sombreados... e uma vez um jardineiro me cumprimetou e eu respondi. O sol estava cada vez mais quente. Comecei a ficar com calor e com sede e só conseguia ver palacetes residenciais. Bem, pensei, creio que me darão um copo d'água. Entrei por uma estradinha repleta de tabuletas dizendo «Particular», «Não Entre», e coisas semelhantes. Bati numa porta lateral e o morador atendeu. Ergueu um sobrolho. — Deseja alguma coisa? — Um copo d'água, por favor. Estou com uma sede horrível. — Sinto imensamente, senhorita, mas será que não viu os avisos? Madame não ficaria satisfeita se



— A senhorita não viu os avisos?

soubesse que... — Chega — interrompi, dando-lhe as costas e marchando para a rua. O camarada chamou: — Por obséquio, se a senhorita está mesmo com sede... — E eu: — Não tem importância — e voltei para casa pensando nas cabanas dos caçadores, sempre com as portas abertas e com a comida à disposição de todo mundo... Quando cheguei em casa estava uma confusão tremenda, só porque Anna Frances tinha deixado queimar um bolo e dona Ivy reclamava que a fumaça a estava sufocando. Corri para o quarto, já certa de que precisava sair dali o quanto antes. Aquela gente me era estranha... Então me lembrei de Mike como o vira pela última vez, sozinho contra o noroeste. Eu fôra injusta, agira muito mal. Agora eu sabia, e precisava dizer a ele...



Nunca mais o deixarei!

Mike foi me buscar no trem. Agarrei-me a ele o mais que pude. — Nunca mais o deixarei — comecei. — Não posso, Mike. Você é a minha vida, isto aqui é a minha vida... — E abri os braços, enlaçando aquela imensidão nevada. Depois, já alojada no trem, bem juntinho dele, contei-lhe um pouco sobre Boston e sobre a turma lá de casa e tornei a me zangar com a tal de dona Ivy... — Mas, Kathy, — disse ele, — olhe para essa vastidão. Por que pensar nestas ninharias que estão a quilômetros de distância! — E o braço dele me apertou mais um pouco. Procurei então explicar-lhe o meu erro, mas ele não me deixou, beijando-me sem descanso. Chorei um pouco, também, pensando nas noites tristes que ele devia



Era tão bom deslizar sobre a neve!

ter passado sem as crianças e sem Kathy... Acabei numa manha tremenda e Mike teve de parar para me enxugar o rosto... — Vamos começar de novo, não vamos, Mike? — Claro! — e me pediu que tornasse a imitar a dona Ivy. Mas Boston agora já me parecia irreel como as peças a que eu assistira. Era bom deslizar ali por aquela terra ilimitada. A neve brilhava e falava... Pela primeira vez me senti íntima da região... Só chegamos em casa no dia seguinte, já quase de noite. Ramos gelados se inclinavam sobre a cabana, fazendo-a parecer ainda mais bela. — Não há nada tão lindo em toda Boston. — Saltei e corri para a varanda, mas Mike chegou primeiro à porta. — Olhe, Kathy, isso aí está um pouco desarrumado. Acho que não dou muito para dona de casa. — Não seja bobo



Vimos Sarah que fugia...

— respondi. — Num instante eu arrumo tudo. — Preparei-me para o pior e abri a porta. A casa estava lavada, limpa e reluzente. Olhei para Mike, para ver se fora brincadeira, mas não fora não. Tudo estava no lugar e sobre a mesa o jantar estava quente. Foi então que ouvi bater a porta dos fundos. Corremos para a cozinha a tempo de ver Sarah que fugia. Gritamos. Ela levantou o braço para mostrar que ouvira, mas não olhou para trás. Voltando de um mundo barulhento, movimentado, super-habitado, voltei a me impressionar com a delicadeza das mulheres indígenas. Sarah não entendia de polidez; mas sabia que devíamos ficar a sós... que aquela noite era minha e de Mike...



Eu mesma entregava os telegramas...

Agosto de 1914. Guerra. Era estranho como tiros que não podíamos ouvir e acontecimentos sobre que nada sabíamos pudessem alcançar a nossa remota comunidade... mas por todos os cantos os homens largavam as suas armadilhas e partiam para Edmonton... Agora havia um telegrama, que Mike mesmo operava. Durante muitos meses andei pela neve entregando telegramas... «sentimos informar-lhes... morto em ação». Aquelas mulheres eram minhas amigas. E eu achava que ajudaria um pouco se eu mesma entregasse as mensagens. Madeleine, a filha de Constance, teve gêmeos, um menino e uma menina, e morreu do parto. Constance tomou conta deles durante quatro anos. Depois a terrível epidemia de gripe atingiu



— Mike e Kathy... fiquem com os gêmeos.

o noroeste do Canadá e colheu a sua safra de vidas... Eu e Mike estivemos sempre à cabeceira de Constance. Uma vez ela abriu os olhos e disse: — Sei que estou morrendo. E sabe, Kathy, estou tão cansada que nem me incomodo? — E mais tarde: — Mike e Kathy, tomem conta dos gêmeos. — Ajudei Sarah a aprontar o corpo. Quando procurei por Mike, fui encontrá-lo no outro quarto. Duas coisinhas pequeninas estavam em cima da cama; uma delas tentando arrancar pela cabeça a camisola, auxiliada por Mike. — Não é assim que se faz — disse eu. — E' preciso desabotoar mais um botão. — Então tome conta do caso — aproveitou Mike. — As vezes vale a pena voltar ao princípio, Mike. Esta, por exemplo — e recoloquei no lugar a camisola de Georges para de-



Mike agarrou-me. — Que tal, pequena?

pois despi-la corretamente. Depois levamos as crianças para fora da casa. Do jardim, voltei para dizer ao velho Georges que nossa casa estaria sempre à disposição dele, para quando quisesse visitar os netos. Acho que ele não me ouviu... Quando voltei, Mike estava fazendo um boneco de neve para as crianças. Foi um custo para tirá-las dali... De noite, Mike brincou de urso com elas e na hora de dormir a casa estava numa confusão tremenda... numa adorável confusão de doces pelo chão e de coisas fora dos lugares. Mike agarrou-me pela cintura enquanto eu varria a sala. — Que tal, pequena? — Oh, Mike... — e nada mais pude dizer porque estava chorando e recebendo beijos, tudo ao mesmo tempo...



— Apelo para os meus amigos!

Era maravilhoso ter crianças em casa de novo. Elas enchiam muito bem as longas horas que Mike passava longe de mim. De noite, enquanto Mike brincava com elas, eu remendava as roupas... Foi numa destas noites que Jonathan Forquet entrou pela casa a dentro tendo nos braços uma garota de olhar muito solene. — Apelo para os meus amigos — disse ele, em tom de desafio, quando da criança para nós. Contou-nos então como a doença lhe roubara «Seja Alegre». A menina se chamava Kathy e ele queria que tomássemos conta dela. — Virei trazer peles... uma, duas vezes por ano — explicou — Vocês vendem, dão comida e fazem roupas para a fêmea-sinha. — Jonathan hesitou. Eu sabia que havia mais. Então ele despejou: — «Seja Alegre!» Muitos invernos passamos juntos, sempre a canoa varando o rio... e os



O amor por um lugar também tem de crescer...

caminhos que trilhamos foram os da felicidade. Vocês dirão isto à fêmeazinha? Contar-lhe-ão sobre o coração bondoso de «Seja Alegre»? — Mike deu-lhe uma palmadinha no ombro. Ficamos a vê-lo desaparecer dentro da noite... Fiquei segurando a criança e Mike sorriu para a carinha bronzeada. Passou-lhe um dedo na bochecha e ela se torceu toda. — Alô, Kathy! — Ele piscou para mim. — Não podemos ter duas Kathies na mesma casa. Vamos chamá-la de Kate. — Olhei para a menina e me lembrei de «Seja Alegre». — Mike, acho muito esquisito, mas estou doída pra chorar. Que será? — E Mike explicou: — Bem, «Seja Alegre» foi parte de sua vida, uma vez... E as coisas da vida dela se imiscuirão na sua enquanto você viver. — Eu sabia o que ele queria dizer... e podia ver ao longe a grande toalha alva do norte. E

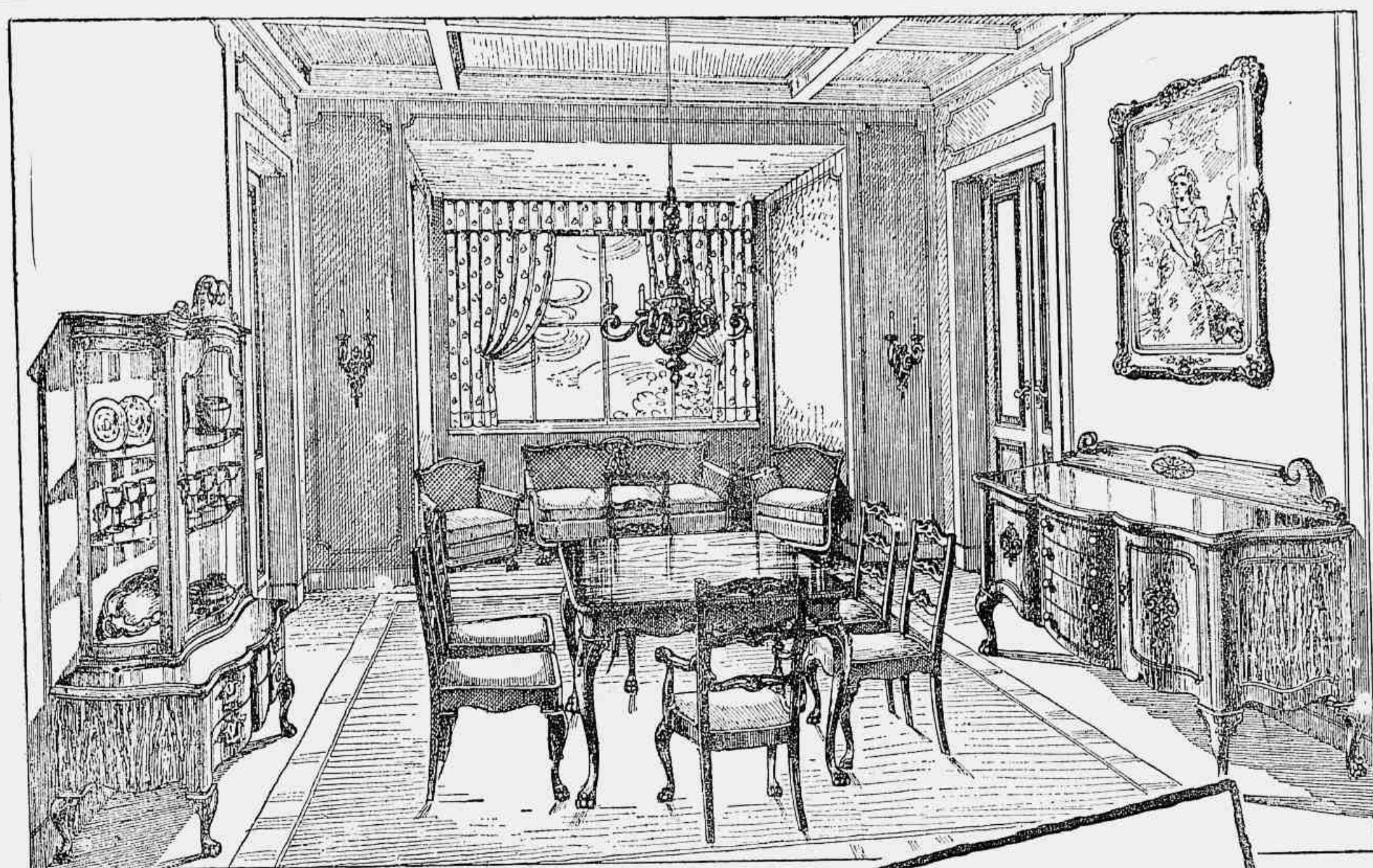


Tentel explicar. — Dói um pouco...

disse isso: — O amor por um lugar tem de crescer na gente, exatamente como qualquer outra espécie de amor... — Na manhã seguinte houve muito barulho, quando os gêmeos descobriram que tinham uma irmãzinha de colo. Mike comemorou o dia com um passeio no velho trem, parado há tanto tempo. — Todos a bordo! — gritou ele. — Todo mundo! — Gritamos a valer, e nunca imaginei que chegasse a possuir tantas pernas e tantos braços. Mike correu contra o vento, puxando-nos. Era bom vê-lo pisando a neve virgem... Virou-se para trás: — Quen-tinha? — Procurei explicar: — Dói um pouco. — O que é que dói? — perguntou Connie. — Algum alfinete? — E respondi: — Não. A felicidade!

— FIM —

Dentro de duas semanas, após nossa edição especial de aniversário, iniciaremos a publicação de um novo folhetim, "O Bruxo Vermelho", emocionante novela de aventuras de **Garland Roark**, premiada pelo Literary Guild, de Nova York, e ilustrada por **F. R. GRUGER**, um dos artistas norte-americanos de maior talento. Aguardem, pois, a publicação de "O Bruxo Vermelho".



SALA DE JANTAR RENASCIMENTO

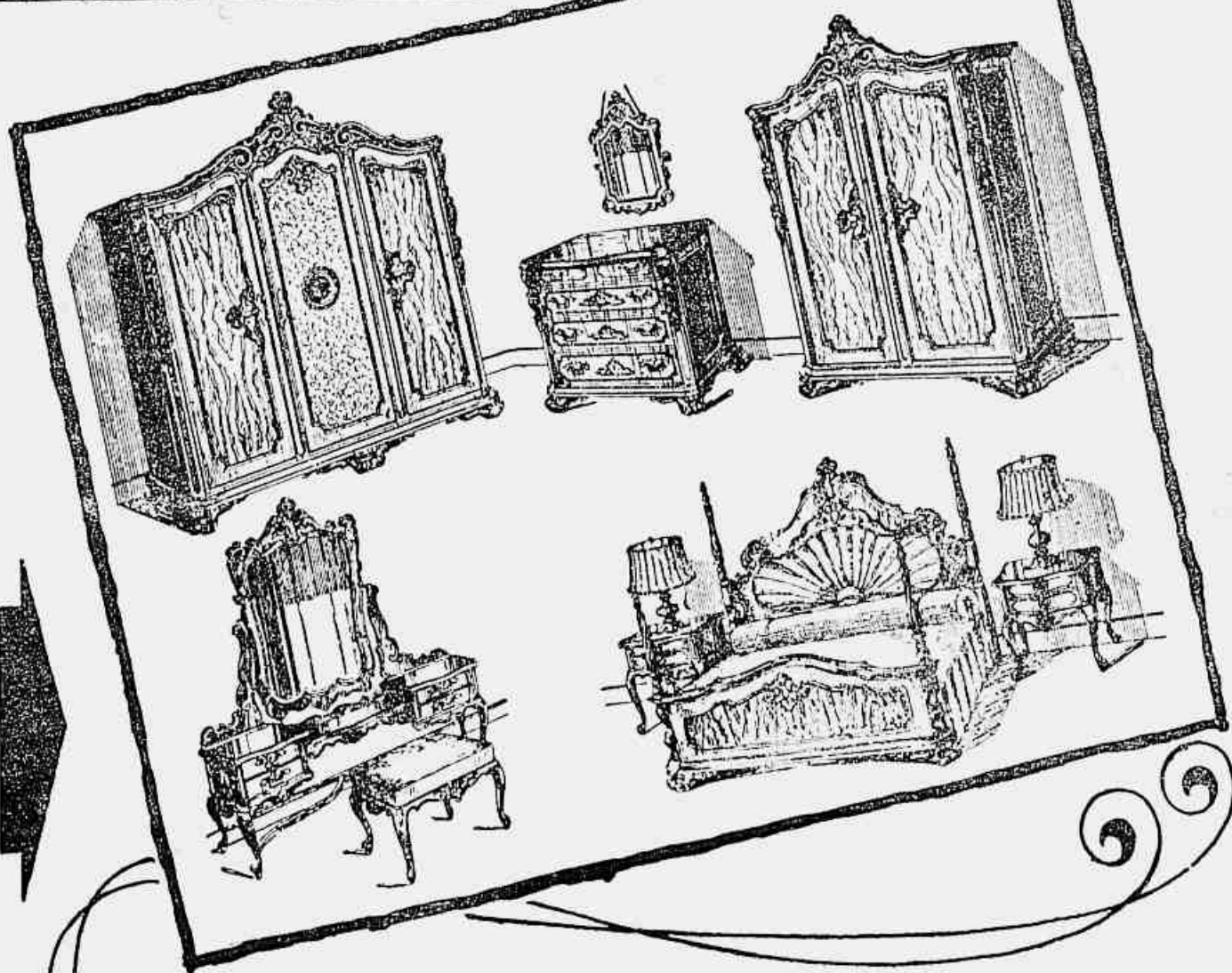
Jacarandá maciço com
finas esculturas:

Buffet — Cristaleira — Mesa
de extensão — 2 poltronas —
6 cadeiras

★ DORMITÓRIO D. JOÃO V

Em Jacarandá maciço,
ricamente esculpado:

Guarda-vestido 3 corpos — Guar-
da casaca — Cama de casal — 2
mesinhas de cabeceira — Pen-
teadeira — Banqueta



MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

DE BELEZA E QUALIDADE INCOMPARÁVEIS

Grande sortimento de Tapetes e Passadeiras
francêses, inglêses, portugueses, americanos,
persas (legítimos) e nacionais.

Visite as nossas

Exposições de Móveis

para tôdas as dependências
no 1.º e 2.º andares

Desenhos e sugestões
grátis por técnicos
especializados



Fundada em 1912

65 — RUA DA CARIOCA, 67 — Rio

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

